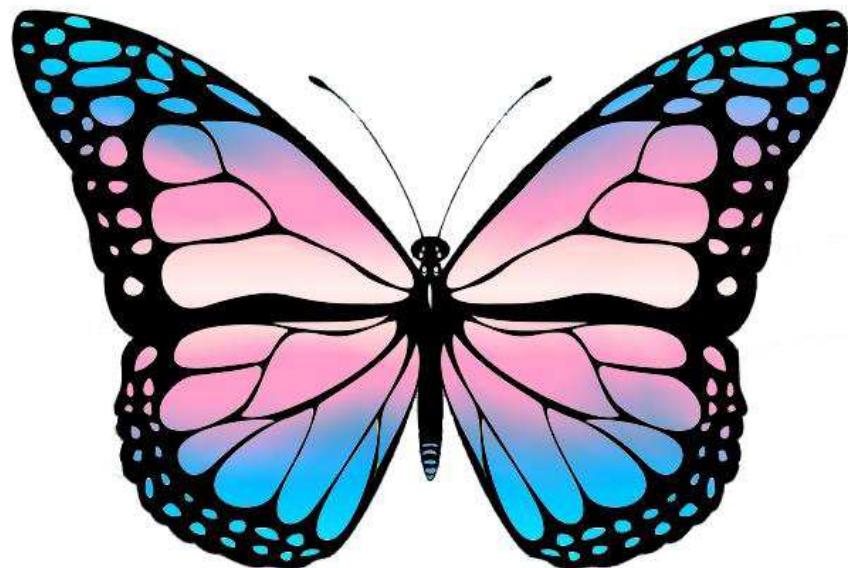




UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO EM ARTES

**(TRANS)AÇÕES: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICO-TEATRAIS COM PESSOAS
TRANSGÊNEROS**



ANDRÉ LUIZ SILVA RODOVALHO

Uberlândia – MG
Julho 2016

ANDRÉ LUIZ SILVA RODOVALHO

**(TRANS)AÇÕES: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICO-TEATRAIS COM PESSOAS
TRANSGÊNEROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Artes.

Área de concentração: Artes Cênicas.

Orientadora: Prof^a Dra. Mara Lucia Leal.

Uberlândia – MG
Julho 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

R695t
2016 Rodovalho, André Luiz Silva,
 (Trans)ações : experiências pedagógico-teatrais com pessoas
 transgêneros / André Luiz Silva Rodovalho. - 2016.

183 f. : il.

Orientadora: Mara Lúcia Leal.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas.
Inclui bibliografia.

1. Artes - Teses. 2. Pedagogia e sexualidade - Teses. 3.
Autobiografia - Teses. 4. Travestis - Teses. I. Leal, Mara Lúcia. II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Artes Cênicas. III. Título.

CDU: 7



UFU Universidade
Federal de
Uberlândia

PPG ARTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES - MESTRADO

(Trans)Ações: Experiências Pedagógico-Teatrais com Pessoas Transgêneros.

Dissertação defendida em 06 de julho de 2016.

A handwritten signature in cursive ink that reads "Mara Lucia Leal".

Profº, Drº. Mara Lucia Leal - UFU - Orientador(a)

Participou por meio de video conferência

Profº, Drº. Guaraci da Silva Lopes Martins – UNESPAR

A handwritten signature in cursive ink that reads "Paulina Maria Caon".

Profº, Drº. Paulina Maria Caon –UFU – UFU

À minha querida e amada mãe, que tanto admiro e tenho incondicional amor. Jamais chegaria onde cheguei sem seu infinito amor.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFU e a todos os professores do programa que colaboraram nesta jornada: Joice Aglae, Narciso Telles, Mario Piragibe e Vilma Campos.

À minha querida orientadora, Mara Leal, por confiar neste projeto e pela orientação atenciosa. Agradeço pela receptividade, pela paciência nos direcionamentos e sobretudo pela empatia proveniente da nossa parceria.

Às professoras desta banca, Guaraci Martins e Paulina Caon, pela honra e pelas valiosas contribuições para a realização e aperfeiçoamento deste trabalho.

A todos participantes e envolvidos nas oficinas de teatro para a comunidade trans, que tanto contribuíram e foram fundamentais para que este projeto se tornasse realidade: Andressa Gabrielly, Flávia Amorim, Gabriela Morais, Jorge, Lila Monteiro, Michelle Dias, Miguel Silva, Théo Jones e Thiago Crepaldi.

À Associação Homossexual de Ajuda Mútua (SHAMA) pelo apoio e parceria para a realização da pesquisa.

À minha família e a todos amigos que me ampararam e acreditaram nesta pesquisa de mestrado, sem o apoio de vocês não teria chegado até aqui, obrigado por tudo.

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo principal investigar as potencialidades pedagógicas da performance e do teatro para a comunidade transgênero de Uberlândia por meio de uma oficina teatral. Com o propósito de harmonizar a distribuição das fases da dissertação substitui os capítulos por “ciclos”, uma alusão à metamorfose das borboletas e uma metáfora aos sujeitos da pesquisa: pessoas transgêneros. Inicialmente, nos dois primeiros ciclos, faço uma retrospectiva das trajetórias acadêmicas e artísticas que originaram esta pesquisa de mestrado. No terceiro ciclo começo a elucidar os pontos fundamentais sobre a oficina de teatro para transgêneros: as justificativas da escolha do público alvo, a sua metodologia, os resultados cênicos e as ferramentas de registro escolhidas para a pesquisa de campo. No quarto e no quinto ciclos, respectivamente, descrevo como se deu a aproximação com o universo trans e a divulgação da oficina. Do sexto ao nono ciclos há a descrição e reflexão sobre os encontros realizados durante o campo da oficina e os pontos de relevância observados com a prática, problemas, conflitos surgidos e as adaptações metodológicas que foram necessárias diante dos retornos que as alunas trans deram sobre a prática. No décimo ciclo faço uma análise a respeito da visibilidade trans em relação ao teatro a partir das entrevistas realizadas com as participantes e ouvintes, entrecruzando as referências teóricas oriundas dos estudos de gênero, a fim de entender os conflitos dos corpos e das identidades trans com as práticas teatrais desenvolvidas durante a oficina. Finalmente, no décimo ciclo, descrevo e reflito sobre a segunda oficina de teatro para a comunidade trans que foi realizada durante a 11ª Semana Cultural LGBT de Uberlândia.

Palavras-chave: Pedagogia do Teatro. Performance. Autobiografia. Transgenerideade. Estudos de Gênero.

ABSTRACT

This research aims to propose a theater and performance workshop for the Uberlândia transgender community. In order to harmonize the distribution of this essay, the chapters were renamed as "cycles", an allusion to the butterflies metamorphosis and a metaphor to the research subjects: transgender people. In the first two cycles, there is a retrospective of academic and artistic trajectories that originated this master's research. The third cycle begins to elucidate the fundamental points about the theater workshop for transsexuals: the reasons of the choice of target audience, its methodology, the scenic results and logging tools chosen for the field research. In the fourth and fifth cycles, respectively, there is a description of how was the approach to the trans universe and the workshop divulgation. From the sixth to the ninth cycles, there is a description and reflection about the meetings during the workshop and the relevant issues that was seen with practice, problems, conflicts encountered and methodological adjustments due to the feedback the trans students gave about the practice. In the tenth cycle there is and analysis about the trans visibility, related to the theater, from the interviews with the participants and listeners, with the theoretical references coming from the gender studies, in order to understand the conflicts of bodies and trans identities with theatrical practices developed, during the workshop. Finally, in the tenth cycle, there's a describe and reflection about the second workshop of theater for the trans community that was held during the 11^a Semana Cultural LGBT de Uberlândia (11th Cultural LGBT Week in Uberlândia).

Key words: Theatre Pedagogy. Performance. Autobiography. Transgender. Gender Studies.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| METAMORFOSE | 9 |
| APRESENTAÇÃO..... | 12 |
| CICLO 1 – Precedentes e Motivadores da Pesquisa..... | 15 |
| CICLO 2 – <i>Transformismos Teatrais</i>..... | 18 |
| CICLO 3 – Oficina de Teatro para Transgêneros..... | 30 |
| CICLO 4 - Aproximação do Universo Trans..... | 33 |
| CICLO 5 – Divulgação da Oficina..... | 38 |
| CICLO 6 – Oficina - <i>Primeiro Encontro</i>..... | 40 |
| CICLO 7 – Oficina - <i>Segundo Encontro</i>..... | 55 |
| CICLO 8 – Oficina - <i>Terceiro Encontro</i>..... | 62 |
| CICLO 9 – Oficina - <i>Quarto Encontro</i>..... | 65 |
| CICLO 10 – Visibilidade Trans e Teatro: Análise de Entrevistas..... | 78 |
| CICLO 11 - Segunda Oficina de Teatro para Transgêneros..... | 93 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 102 |
| | |
| REFERÊNCIAS..... | 107 |
| | |
| APÊNDICES..... | 109 |
| Apêndice I - Planos de Aulas | 109 |
| Apêndice II – Diário de Bordo..... | 113 |
| Apêndice III – Entrevistas..... | 123 |
| Apêndice IV – Transcrições de Vídeos..... | 157 |

METAMORFOSE

O ovo. O romper. O nascer. O início. Vida! Foram dias até chegar aqui. Mas durou uma eternidade, os dias se arrastaram como anos. Na verdade, para ela o início nada mais era que o fim de um outro ciclo: a gestação. Enfim, a escuridão deu lugar à luz. Luz! Vida!

Quantas luzes, quantas cores, quantas possibilidades, vidas! Ela nasceu assim, presenteada com a luz, com o calor dos raios de sol, com as infinitas cores e com o vento. Aliás, que delicia de vento!

Ainda assim, nasceu com suas pequenas patinhas fincadas no chão. Chão! Mesmo com tantas possibilidades, tudo o que via e alcançava era um grande, instável e verde chão: uma entre milhares de folhinhas bem verdinhas de uma árvore que balançava aos sons do vento.

Ah o vento! Aquele se tornara seu primeiro fascínio, sua primeira paixão platônica. Como poderia existir algo tão forte e suave ao mesmo tempo? Tão invisível e tão presente ao mesmo tempo?

Aquele era o seu mundo, uma pequena e fresca folha que displicentemente formava um singelo coração. E tudo o que sentia se resumia em quatro letrinhas: f o m e. Quanta fome!

Aos poucos percebeu que haviam outros caminhos que poderiam levá-la para outras folhinhas e assim tornar a comer, comer e comer. Com o passar dos dias – que mais pareciam longos anos – ela foi crescendo e se percebendo enquanto ser. Seu corpo era alongado, cheio de patinhas distribuídas uniformemente por muitas dobrinhas que tinham um único e sóbrio tom escuro. Perguntou-se: O que eu sou?

Sempre caminhando e comendo, caminhando e comendo. Nessa espécie de vida nômade ela foi crescendo e outras perguntas foram surgindo: O que eu sou? Para onde vou? Porque estou aqui?

Foi quando descobriu que sabia fazer algo além do cotidiano de comer e caminhar: fiava longos fios de seda que podiam se prender nas folhas e nos galhos ao seu redor. Apesar de não ser sua residência fixa, aqueles fios serviam de abrigo contra predadores e aseguravam nos dias ruins do vento. Ah o vento! – suspirou.

O tempo voou. A infância acabou. Um ano se passou. Seu corpo já não era mais o mesmo... Estava grande, pesada, muito corpulenta. Parecia infeliz. Seus dia se restringiam a uma

cruel espécie de rotina de comer, caminhar e se mudar, e mudar, e mudar! Mas de fato, nada mudava!

Algo parecia errado. Algo parecia estar fora do lugar. Algo parecia não bastar. De que serviam tantas cores, tantas luzes, tantos ventos, tantos lugares, tantas possibilidades se a sua vida se restringia apenas em devorar aquela árvore onde morava desde seu nascimento.

Basta! – gritou. O mundo lhe parecia belo e também tirânico. De que adianta enxergar a beleza do mundo e não poder desfrutá-la? De que adianta venerar tantas cores e não poder tocá-las? De que adianta o vento se com ele não se pode voar? E mesmo sem se dar conta entrou em um novo e difícil ciclo.

Após várias mudanças de pele, ela começou a usar os fios para então construir o seu lar. As dores se tornariam o seu abrigo. Caprichosa, ela se dedicou ao máximo para que sua casa ficasse bem confortável e segura, um verdadeiro casulo! De súbito um denso e profundo sono: adormeceu! Dormiu ali mesmo, perfeitamente aconchegada em seu cantinho.

Decepcionada, disse adeus ao mundo. Adeus luzes, adeus cores, adeus vento. O que era claridade se transformou em escuridão. O que era vida se transformou em sono. O que era vento se transformou em plena quietude. Adeus! – bocejou.

Seria o fim? Tantas folhinhas devoradas, tantos galhos percorridos, tantos desafios vencidos, tanto tempo em vão? Enclausurada em sua própria existência, a pequena lagartinha repousou. Embora insatisfeita, mal ela sabia que este era o seu destino, sua própria natureza. Tantas questões se embaralharam em seus sonhos: Quem eu sou? Para onde vou? Porque estou aqui? Segundos, minutos, horas, dias, semanas, um mês.

Ela não sabia. Mas seus tecidos foram se modificando, uma estranha metamorfose acontecera. Um ciclo havia se fechado. Como antes, se encontrava novamente em um ovo. O ovo. O romper. O nascer. O início. Vida! Mas durou uma eternidade, os dias passaram como anos...

Um raio de luz. A sensação era de completo déjà vu. Um desconforto, parecia não caber no seu corpo, parecia não caber na sua própria casa, que ela mesma havia construído. Parecia loucura, mas acontecera de novo: nasceu! Ao sair de seu casulo, uma enorme alegria tomou

conta de seu corpo que não era mais o mesmo. Algo estava diferente. Algo de maravilhoso havia acontecido.

Olhou-se e se deparou com duas lindas asas coloridas com tons de rosa e azul. Sim, asas! As cores que tanto admirava estavam agora em seu corpo. Quantas luzes, quantas cores, quantas possibilidades, vidas! Ela (re)nasceu assim, presenteada com a luz, com o calor dos raios de sol, com as infinitas cores e com o vento. Aliás, que delícia de vento!

Maravilhada, se deu conta: Eu posso voar! Exuberante e ainda um pouco desengonçada começou a se deixar levar por quem mais amava e sentia uma enorme saudade: o vento. Ah! Que maravilhosa sensação é poder sair do chão! Voar como o vento! – exclamou com alívio.

Tudo fazia sentido agora. Já não era mais a mesma, era outra, era borboleta! Transformara-se. Transmutara-se. Transgredira-se. Voou com o vento, só para comemorar sua nova e colorida forma, suas novas e coloridas asas, sua nova e colorida vida.

Ciclos! Quantos ciclos foram necessários até chegar aqui! Alguns fáceis, outros nem tanto assim... Mas valeu a pena, pois nada supera a delícia de ser quem se quer ser e ir para onde se quer ir. Não havia mais limites para ela. Até que enfim a escuridão deu lugar à luz. Luz! Vida!

APRESENTAÇÃO

Incialmente gostaria de ressaltar que quem escreve a presente dissertação é um homem *cis* homossexual. Durante a jornada de pesquisa que resultou nesta dissertação muitas coisas foram compartilhadas, muitas coisas mudaram e muitas coisas aprendi, sobretudo o termo “*cis*” que se refere a pessoas que se identificam com o próprio gênero biológico.

Antes de mais nada, essa pesquisa é sobre identidade. O início se deu a partir do desejo de se trabalhar com pessoas trans e suas identidades, mas devo dizer que nessa busca acabei me encontrando enquanto pessoa, indivíduo, homem, *cis*, gay, professor, ator e finalmente pesquisador. Acredito que seja impossível sair da mesma maneira que se entrou num campo de pesquisa com tantos altos e baixos, e é assim que me sinto: diferente.

Ao entrar em contato com as pessoas da pesquisa e, claro, ler algumas referências percebi o quanto sou privilegiado por ter tido a vida que tive, pelas oportunidades e por estar onde estou. Escolhi um recorte de tema complexo, e, apesar das frustrações, não tive medo de me jogar no trabalho e perceber que o ideal é mais justo, seria que uma pessoa trans é que tivesse escrito essa dissertação. Hoje percebo o quanto é séria a questão da exclusão e marginalização dessas pessoas, e diante disso acredito que seja muito delicado se pesquisar e falar sobre determinado grupo de pessoas quando não se faz parte dele.

Além disso, no decorrer da pesquisa, tive percepção do quão imaturo e inseguro me senti para colocar em prática o que havia planejado. Percebi o quanto a pesquisa caminhou mais para o lado dos estudos de gênero e sexualidade do que para o do teatro/performance. Constatei o quanto pareceu arriscado alguém formado em teatro se aventurar em pesquisar gênero e transgênero num campo de pesquisa pedagógico. E finalmente entendi o quanto planejar é obrigatório, mas não necessariamente aquilo que você planeja é o que vai acontecer de fato.

A pesquisa teve o objetivo inicial de investigar as potencialidades pedagógicas da performance através de uma oficina teatral com transgêneros. O desejo de trabalhar com a linguagem da performance surgiu a partir de experimentações cênicas realizadas na graduação em Teatro, na Universidade Federal de Uberlândia. Por seu caráter autobiográfico, percebo que a performance tem uma potencialidade de experimentação cênica e de crítica muito grande, importante para o ator em formação, como defende Eleonora Fabião (2011).

A ideia inicial seria investigar pedagogicamente essa vertente em uma oficina com pessoas que não estivessem necessariamente ligadas ao meio teatral ou acadêmico. O desejo de buscar a comunidade trans tem a ver diretamente com a minha vida pessoal e artística, mas também por essas pessoas, principalmente travestis e mulheres trans, serem muito discriminadas e excluídas da sociedade em geral por assumirem suas identidades de gênero.

Rejeitadas pelas famílias, geralmente enfrentam preconceitos e discriminações nas instituições de ensino, assédio nas ruas, dificuldades de inserção social e profissional e estatisticamente são vítimas de violências e assassinatos motivados pela transfobia. De acordo com estatísticas, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo: entre janeiro de 2008 e março de 2014 foram registradas 604 mortes no país, segundo pesquisa da organização não governamental (ONG) Transgender Europe (TGEU), rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população transgênero¹.

O objetivo inicial da oficina era primeiramente alcançar a essas pessoas que vivem à margem da sociedade, proporcionar-lhes um processo criativo performático para que suas experiências e memórias servissem como matéria prima para experimentos cênico-performáticos que poderiam transitar por ambientes culturais, escolares e acadêmicos. Apesar da pouca quantidade de participantes, do curto período de duração e das estratégias para controlar a evasão de alunas, a oficina proporcionou interessantes reflexões acerca da relação das pessoas trans com as práticas teatrais propostas durante as aulas.

Para a divisão de seções do texto decidi substituir a nomenclatura de “capítulos” por “ciclos” que, juntamente com a crônica Metamorforse, compõem uma analogia com a trajetória de vida das pessoas transgêneros. Nos primeiros e segundos ciclos explano de forma cronológica e reflexiva os principais fatores que me trouxeram ao mestrado em artes e que me influenciaram a trabalhar com transexuais e travestis no contexto pedagógico-teatral. Destaco neste ciclo minhas primeiras experiências enquanto pesquisador no programa PIBID, as quais deram origem ao meu trabalho de conclusão de curso e alguns trabalhos da minha trajetória de ator em que usei do transformismo teatral para discutir assuntos tabus como machismo, homofobia e sexualidade na terceira idade.

A partir do terceiro ciclo descrevo e discuto sobre a experiência do campo de pesquisa de mestrado: a oficina de teatro voltada para a comunidade transgênero. Relato os

¹ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>

principais pontos que envolvem a experiência da oficina, como sua elaboração, aproximação do público e divulgação.

A partir do sexto ciclo narro a experiência pedagógico-teatral realizada predominantemente com mulheres trans, utilizando relatos colhidos do diário de bordo da turma. Optei por assumir uma escrita que trate todas as pessoas da pesquisa na linguagem feminina. Ou seja, mesmo que tenha havido homens envolvidas na oficina, inclusive eu, decidi por quebrar e subverter o paradigma de gênero nesse tratamento, uma vez que de acordo com a língua portuguesa o artigo masculino é predominante quando se trata de coletivos. Com isso é importante observar como as influências patriarcas atingem de maneira abrangente o nosso cotidiano, mesmo que em alguns casos esse direcionamento do gênero masculino passe despercebido na convivência da maioria das pessoas.

No décimo ciclo faço uma análise geral das entrevistas realizadas com as participantes da primeira oficina de teatro para pessoas trans. O eixo desse ciclo se baseia especialmente na entrevista que tive com a mulher trans Lila, militante da causa trans na Universidade Federal de Uberlândia. Além disso, entrecruzo os relatos com as referências teóricas baseadas na Teoria Queer e nos estudos de gênero.

Ao décimo-primeiro ciclo relato e discuto sobre a segunda experiência de oferecer à comunidade uma oficina de teatro para transgêneros em outro formato, idealizado a partir de apontamentos e sugestões oriundas das alunas que participaram da primeira experiência. Realizada durante a parada cultural do orgulho LGBT de Uberlândia em outubro de 2015, desta vez a oficina contou com dois homens trans que também eram primos, que encenaram memórias em comum de suas vidas.

❖ CICLO 1 – Precedentes e Motivadores da Pesquisa

Em meados de 2011 surgem as primeiras experiências que deram origem à pesquisa de mestrado, quando fui bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e iniciei uma investigação que relacionou o tema identidade sexual com o teatro em contexto escolar. Essa pesquisa resultou no meu trabalho de conclusão do curso da Licenciatura em Teatro, intitulado Teatro e Identidade Sexual: Memorial Pedagógico.

No memorial relato o acompanhamento das aulas de teatro em duas escolas da cidade de Uberlândia, inicialmente na Escola Municipal Professora Josiany França e posteriormente na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba). A monografia se baseou em dois pontos de vista sobre o campo de estudo: o primeiro sobre a emergência do tema sexualidade durante as práticas teatrais e o segundo sobre a observação de alunos adolescentes que demonstram em seus comportamentos indagações no tocante de suas identidades sexuais e/ou de gênero.

A partir dessas observações percebi que me identificava com esses alunos, pois me via neles, me reconhecia neles. Foi inevitável que as lembranças da minha vida pessoal viessem à tona e se entrelaçassem com os sujeitos da minha pesquisa de campo. Passei a resgatar as lembranças familiares e escolares da minha vida, ambas marcadas pela insegurança, pelo medo e pela grande dificuldade de inserção social.

Entrecruzei as experiências que estava vivendo enquanto pesquisador bolsista com minhas lembranças de vida, memórias da infância e adolescência entre as décadas de 1990 e 2000. O viés que encontrei para entrelaçar memórias pessoais com acontecimentos observados dentro da sala de aula foi criar um personagem alter-ego chamado *João*, pois através dele poderia falar de mim mesmo sem me expor pessoalmente.

A passagem em que relato um acontecimento do ano de 2009 é, particularmente, um dos pontos mais importantes do memorial, pois conta como foi que revelei minha homossexualidade para meus pais. Acredito que ao revisitar esse momento da vida, encontrei a primeira grande motivação de iniciar a presente pesquisa de mestrado.

Naquele dia, minha mãe disse-me que já tinha conhecimento do fato e que me aceitaria independente de qualquer coisa. No entanto, ela fez uma ressalva: “te aceito como você é, mas, por favor, não comece a se vestir como mulher, não quero ter *um* filho travesti”.

Nas palavras de minha mãe percebe-se que ela se refere às travestis no gênero masculino com o numeral “um”, ignorando a identidade de gênero dessas pessoas. Nelas

também ela afirmou que me aceitava como gay, desde que eu não mudasse o meu jeito de me vestir, de me comportar e de me colocar na sociedade. Percebo na fala de minha mãe a aceitação da condição de homossexualidade, mas ao mesmo tempo a rejeição de uma figura travestida. Diante disso, percebo que nesse caso há certo limite de aceitação, tolerando-se uma orientação sexual diferente da heteronormatividade², desde que se conserve os estereótipos do gênero masculino.

Hipoteticamente, se fizesse a transição para o gênero feminino, seria repudiado por ela e, do meu ponto de vista, acredito que exista uma questão de gênero atrás disso tudo. Na sociedade contemporânea – apesar de todas as lutas e transformações significativas – o gênero masculino ainda é considerado socialmente superior ao feminino. Segundo esse raciocínio machista, a pessoa que é geneticamente homem, ao demonstrar interesse em transpor as barreiras corporais e sociais para ser uma mulher, não é aceita por querer ocupar o lugar socialmente inferior: o feminino.

Se olharmos pelos olhos da história, por muito tempo a mulher foi colocada em posição inferior ao homem, negando a ela direitos reservados apenas ao sexo masculino como votar, assumir cargos de importância no mercado de trabalho, participar da política, entre outros. Muito se conquistou graças aos movimentos feministas, mas em pleno século XXI o sexo feminino segue desvalorizado na nossa sociedade que, por exemplo, ainda diferencia salários entre homens e mulheres que ocupam o mesmo cargo em empresas ou dão preferência a pessoas do sexo masculino para evitar afastamentos devido a licenças maternidade, etc.

Além dessas questões do feminino, acredito que outro importante fator que reflete a motivação da pesquisa seja a transfobia³. O termo ainda é relativamente novo, mas vem ganhando visibilidade devido aos constantes casos de violência e assassinatos de travestis e transexuais.

² Numa acepção etimológica da palavra, “hetero” que em Grego quer dizer “diferente” e “norma” que em Latim quer dizer “esquadro”, constituem a formação da palavra heteronormatividade, ou seja, um conjunto de ações, relações e situações praticadas entre pessoas de sexos opostos. Assim, toda uma gama de sexo, sexualidade e identidade de gênero deveriam se esquadrar dentro dos moldes da heteronormatividade, sendo esta a única orientação sexual considerada “normal”. A grande discussão em torno dessa palavra é a limitação que ela impõe aos LGBTTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), uma vez que no seio de sua origem há uma gama de proibições que acabam dando origem a discriminações, preconceitos e, consequentemente, homofobia e transfobia. Fonte: <http://serfelizeserlivre.blogspot.com.br/2011/01/o-que-e-heteronormatividade.html>.

³ A transfobia é a discriminação relativa às pessoas transexuais e transgêneros.

Voltando às memórias relatadas em minha monografia, as palavras de minha mãe revelam uma intolerância às travestis e pessoas trans e acredito que sua fala teve um caráter transfóbico que me fez refletir sobre o tema. A intolerância para/com transgêneros se evidenciam em nossa sociedade de diversas formas, das mais veladas às mais explícitas, mas inegavelmente assolam a vida de tantas pessoas que apenas reivindicam o direito de existir.

❖ CICLO 2 – Transformismos Teatrais

Ainda que eu não seja travesti, percebo que sempre me aproximei do transformismo como uma forma de brincadeira. Quando criança, usava as roupas, sapatos, maquiagens e bijuterias de minha mãe quando ela saia de casa. Acredito que, mesmo inconscientemente, essas foram minhas primeiras experiências teatrais da vida.



Eu aos três anos de idade sendo flagrado por minha mãe ao experimentar um de seus batons. Foto: Heloisa Helena.

Gosto de dizer que o meu lado travesti se canalizou para o teatro, uma vez que essa prática emergiu em minha vida nos tempos do colegial, quando encontrei oportunidades para experimentar o teatro amador. Sempre tive interesse e facilidade em interpretar papéis femininos no teatro, essa habilidade me acompanhou durante toda a graduação em teatro e nos anos em que pertenci à Cia. Teatral Confraria Tambor⁴. Durante cinco anos – de 2008 a 2013 - entrei em contato com disciplinas de interpretação, práticas teatrais e técnicas de caracterização que me influenciaram a criar e interpretar personagens femininas, travestis e *Drag Queens*.

A drag repete e exagera, se aproxima, legitima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia. Conforme acentuam teóricas e teóricos, tal

⁴ Grupo teatral de Uberlândia-MG composto exclusivamente por homens homossexuais, do qual fui integrante entre os anos de 2009 a 2013.

paródia – característica da pós-modernidade – não significa a imitação ridicularizadora, mas sim uma “repetição com distância crítica que permite a indicação irônica da diferença no próprio âmago da semelhança” (Hutcheon, 1991:27). Isto pode significar apropriar-se dos códigos ou das marcas daquele que se parodia para ser capaz de expô-los, de torná-los mais evidentes e, assim, subvertê-los, criticá-los e desconstruí-los. Por tudo isso, a paródia permite repensar ou problematizar a idéia de originalidade ou de autenticidade. (LOURO, 2003, p.07).

De certa forma, isso se tornou um estigma na minha carreira artística, pois fui rotulado como um ator que “só faz mulher no teatro”. De fato, ao mesmo tempo que tenho facilidade em assumir papéis do universo feminino, tenho dificuldades em fazer tipos masculinos. Mas de certa forma isso nunca foi uma adversidade em minha carreira artística, pois sempre procurei me expressar artisticamente pela via do prazer, e esta sempre foi feminina.

Sobre isso, reflito que talvez minha homossexualidade tenha interferido na minha identidade artística, no entanto não creio que essa seja uma regra, afinal existem muitos atores ou atrizes homossexuais que interpretam homens ou mulheres heterossexuais. Suponho que, no meu caso, esta seja apenas uma questão de identidade artística, e tenho muito carinho por todas personagens que interpretei e/ou criei, que se associam ao universo feminino de forma geral.

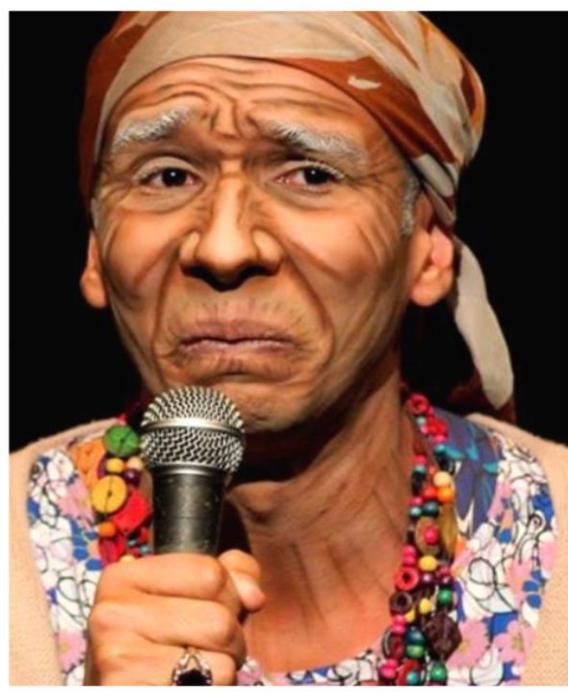


Trabalho inspirado nas *Drag Queens*. Realizado em uma das aulas da disciplina Caracterização, em 2011. Foto: Marina Vilela.

A personagem Vó Doralina é um exemplo de trabalho meu baseado no transformismo teatral, proveniente de brincadeiras realizadas nos almoços de família e nos encontros com amigos. Em 2012, elaborei a personagem para participar do 1º Festival de Humor do Triângulo Mineiro, com a qual conquistei o prêmio de 1º Lugar, e a partir de então algumas portas se abriram para participação em espetáculos humorísticos e mostras teatrais.

Costumo dizer que a personagem Vó Doralina representa a minha individualidade, só que ao contrário. Enquanto sou homem, ela é uma mulher, enquanto sou jovem, ela é idosa. Entretanto, algo nos é bastante similar: a homossexualidade. Através da personagem, pude expor a minha condição de homossexual e os conflitos familiares e sociais que já passei por causa disso.

A personagem Vó Doralina foi composta como uma senhora que aos 85 anos descobre o orgasmo em uma relação homossexual com uma amiga também idosa. O objetivo do enredo cômico foi levar à cena uma reflexão sobre os temas tabus da homossexualidade e do sexo na terceira idade, de maneira bastante irônica e crítica, fugindo dos estereótipos convencionais veiculados pela mídia de massa.



Apresentação da personagem cômica Vó Doralina durante a 11º Mostra de Cenas Curtas do Grupontapé de Teatro, 2013. Foto: Fernando Prado.

Mesmo sendo muito diferente de mim fisicamente, Vó Doralina e eu temos muitas coisas em comum, como a rejeição de alguns familiares em decorrência de se assumir

homossexual e o preconceito enfrentado nas ruas. Sem falar no próprio tabu do sexo na terceira idade, que muitos idosos enfrentam e que é tão explicitamente abordado pela personagem. Abaixo um trecho do texto de Vó Doralina:

Vó Doralina: *Meu nome é Doralina, tenho 85 anos e tive a minha primeira relação lésbica. É verdade, eu não tava esperando! Minha amiga Etelvina de 95 anos, amiga de muitos anos me levou pra casa dela depois da missa, me levou pro quarto, levantou minha saia e começou a chupar minha batatinha. Chupou, chupou eu gritava: ai! Ai! E ela não parava... começou a enfiar aqueles dedinhos fininhos na minha batatinha, enfiou, enfiou, gente ela descobriu meu ponto G! Daí ela tirou a roupa e falou assim: Chupa essa manga! Ai eu fui chegando perto, chegando perto, chegando perto e pensei: Gente eu conheço esse cheiro! Cheguei mais perto, gente era o cheiro do Queijo Minas que eu compro na feira, acredita? Daí eu chupei (mostra língua) a manguinha dela e ela falou: Perai que eu vou buscar o Dildo, aí eu pensei: Uai, daqui a pouco vira suruba isso aqui! Daí gente, o Dildo era um pinto de borracha de 22 cms, e ele liga! sem brincadeira ele fazia esse movimento (mostra com a mão). Ela pegou aquele trem e começou a cutucar minha batatinha. Cutucou, cutucou, eu gritava: Ai! Ai! Gente, eu senti um orgasmo! Meu primeiro orgasmo. Pra mim isso era coisa de puta, coisa de panicat! Eu já fui casada, meu marido, que Deus o tenha, mas ele nunca me levou aos céus. Nunca me deixou nesse estado de êxtase! Com ele era na base do: Deite que vou lhe usar! Aneim... gente e o pior é que quando eu fui me assumir lésbica pra minha minha família, sabe o que eles falaram gente? – Não te aceitamos! Sabe o que eu disse? Vai todo mundo tomar no cu! Ah! Na hora de fazer comida no domingo, não é a veia lésbica quem faz? Na hora de cuidar de neto, bisneto e o cacete a quatro não é a velha lésbica quem cuida? Uai, uma filha minha falou assim pra mim: Mãe, você pode até ser lésbica, mas não vira essas sapatão machão não, essas caminhoneiras. Eu não acho, acho que a gente tem que ser do jeito*

que a gente é, né? Respeitar as pessoas do jeito que elas são! O meu neto, eu tenho um neto que é transviado também, sabe? Ele virou pra mim e disse assim: - Vó eu sou gay! eu respondi: Eu também! Ahaha! Ainda bem que eu não tô sozinha nessa. Daí ele falou assim, vó, vamos pra boate, daí eu disse, Ai meu Deus! Vamo, vamo, gente mas boate gay é muito mais divertido do que o fazendão! Ele me levou na Hevens, na Weekends, Na Velvets. É muito divertido, é um tal de Tum Tum Tum. Falando em música, eu estou investindo na minha carreira de escritora, é verdade! To escrevendo o meu Best-seller, se chama Cinquenta tons de Aranha. Onde eu conto tudo sobre minha descoberta do prazer na melhor idade. Além disso, estou investindo na minha carreira de cantora de MPB, sim estou fazendo versões das minhas mais novas divas – Tem uma que é assim: (Canta) “Minha aranha estranha quando não te vejo, Me vem um desejo doido de colar.” Tem outra que é bem assim: (Canta) “Gente, o meu nome é Doralina, e a Etelvina anda chupando minha batatinha. É ela quem me leva aos orgasmos, mas a minha família não me aceita por ser uma veia Lésbica! Eu só peço a Deus um pouco de diversidade, pois já sou velha e agora sei a verdade. Eu já sou velha e só quero gozar, eu já sou velha e quero o velcro colar!”

Em 2013, meu último semestre da graduação, cursei a disciplina Interpretação V, cuja temática de estudo era a Performance. Durante o processo, numa tentativa de aliar a pesquisa sobre sexualidade e identidade de gênero às práticas desenvolvidas na disciplina programei “*Ela é uma princesa*”, uma performance de gênero com o objetivo de refletir ceticamente sobre o machismo, a violência doméstica e questionar o papel da mulher na sociedade contemporânea.

A partir da minha trajetória de bolsista PIBID, juntamente com a minha experiência enquanto aluno da disciplina de Performance, começo a refletir que a Performance tem grande potencial pedagógico. Concordo com Eleonora Fabião (2009), que sugere a performance como importante experiência para o aluno de teatro em geral, pois trata-se de uma oportunidade para o aluno abrir horizontes perceptivos insuspeitados, aprofundar

autoconhecimento e questionar-se a respeito de padrões culturais e sociais. E para pessoas que não são necessariamente estudantes de teatro? Seria a performance também relevante para pessoas que talvez nunca fizeram teatro ou nunca tiveram contato com a arte, mas que queiram abrir seus horizontes, se auto-conhecerem, questionarem-se enquanto indivíduos sobre esses padrões culturais e sociais?

Não penso na revolução, mas vi transformações pessoais serem realizadas nesses processos. Vi contra-discursos às práticas dominantes de controle do corpo, lutas pessoais contra micropoderes que querem domesticar corpos, seja pela repressão ou pela estimulação. Trazer para a cena fragmentos autobiográficos de situações de opressão colaborou para se refletir sobre performances que já naturalizaram esses mesmos discursos de opressão e controle e pensar novas possibilidades de reescrituras cênicas. (LEAL, 2011, p.144)

Mara Leal reflete sobre os resultados alcançados na primeira vez que trabalhou com a Performance na disciplina Interpretação V, no Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Os procedimentos autobiográficos por ela utilizados como estímulos criativos para os alunos de teatro me sugerem que este pode ser um interessante viés artístico com pessoas que sofrem opressões, discriminações ou que não sejam aceitas pelo meio em que vivem por não se encaixarem nas normas sociais impostas.

Recordo-me que a disciplina já iniciou com uma questão em comum a quase todos os alunos matriculados: o que é performance? No entanto, por mais que a docente Mara Leal explanasse acerca desse tema, o interesse não era delimitar um território, mas, ao contrário, expandí-lo. Creio que esta liberdade influenciou totalmente nos exercícios performáticos que fizemos antes de criarmos os nossos programas individuais. Exemplo disso foi o exercício performativo *Lava Bandeira*. Ele tem direta relação com o momento que o Brasil vivia na época, e ainda vive, quando milhões foram às ruas manifestar uma insatisfação geral com a grande corrupção política no Brasil, dentre outras reivindicações. A performance coletiva contou com a participação massiva dos alunos pertencentes à disciplina e foi constituída da simples ação de lavar bandeiras do Brasil com água e sabão em um gelado dia de inverno na praça central de Uberlândia. Essa ação foi inspirada em “performances cidadãs” (Diéguez, 2011) ocorridas no Peru e na Argentina, durante os anos 2000, cujos dispositivos de teatralidade e performatividade acionados tinham como foco a discussão social e política no espaço público.

O desejo de realizar a performance sobre gênero surge a partir de uma discussão feita por psicopedagogos, psicólogos e pesquisadores do tema em meios de comunicação como televisão e internet sobre a instituição particular *Escola de Princesas*⁵, situada em Uberlândia-MG. A escola, como apresenta em seu site e em entrevistas dadas por sua criadora, oferece cursos como “Vida de Princesa” e “Férias de Princesa”, exclusivamente para meninas de 4 a 15 anos, cujo objetivo seria, segundo as informações disponíveis no site, transmitir valores e conceitos de aprendizagem que perpassam por prendas domésticas, aulas de etiqueta, maquiagem até alcançar etapas mais avançadas como “se vestir sem ser vulgar” ou “como se guardar para o príncipe encantado”. Tais ensinamentos - que podem soar um tanto quanto machistas e retrógrados em pleno século XXI - me estimularam a questionar e refletir sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea.

Logo na primeira página do site da *Escola de Princesas* há o seguinte slogan: “o sonho de toda menina é tornar-se uma princesa”. O site é repleto de fotografias de meninas, em geral brancas, loiras e com olhos claros, e nele se explica detalhadamente o que os cursos oferecem no formato de módulos. Dentre eles: *A identidade de princesa* – no qual são trabalhados conceitos como o caráter de uma princesa, o resgate de valores e princípios éticos e morais que uma princesa deve ter; *Os relacionamentos de princesa*; *Etiqueta de princesa*; *Estética de princesa*; *O castelo de princesa* – no qual as meninas aprenderão sobre o gerenciamento do lar (como se isso fosse uma função exclusiva para mulheres) e também sobre prendas domésticas como lavanderia, culinária e organização em geral. E, finalmente, o módulo mais assustador: *De princesa a rainha* – no qual são ensinados conceitos e objetivos para o matrimônio, como restaurar valores e princípios morais, como esperar o príncipe encantado, como se “guardar” (no sentido da virgindade), “ser a passageira ou a eterna?”, e finalmente aulas sobre educação e orientação sexual.

Esses “ensinamentos” retrógrados em pleno século XXI, depois de tantas conquistas feitas pelo movimento feminista desde a década de 60, serviram de mote para a criação da performance *Ela é uma princesa*. Levei a ideia para a sala de aula e comecei a montar o programa que à priori iria ser executado em frente à *Escola de Princesas*. Sempre me aproximei do travestismo artístico em meus trabalhos teatrais autônomos e acadêmicos, e para esse trabalho tive novamente o desejo de usar o transformismo como recurso cênico para discutir questões de gênero.

⁵ <http://escoladeprincesas.net/>

O programa da performance se baseou na atmosfera cor de rosa dos contos de fadas apropriados pela *Escola de Princesas*, as “prendas” serviram como inspiração para as ações: optei por desenvolver ações cotidianas e domésticas como organizar, limpar e varrer. Também queria fazer uma alusão aos ensinamentos relacionados ao matrimônio. Para isso, programei interagir diretamente com homens da plateia, trazendo-os para o foco da ação performática. Após convidar um homem para sentar em uma cadeira, eu iria fazer massagens nas suas costas e nos pés, realizando ações que ressaltassem essa submissão que as “princesas” formadas deveriam ter para com seus futuros maridos e “príncipes encantados”.

Todas essas ações teriam como trilha sonora algumas músicas que se relacionam – criticamente ou não - com o universo machista, dentre elas *Mulheres de Atenas*, de Chico Buarque, *Pagu*, cantada por Maria Rita, *Sou a Barbie Girl*, de Kelly Key e a música *Escola de Princesas*, do filme *Barbie Escola de Princesas*. Essas e outras músicas serviriam apenas como fundo musical para a performance. Para o final da ação performática, preparei alguns cartazes com textos inspirados nos mandamentos da escola como “Em nome da moral e dos bons costumes”, “Quero me vestir sem ser vulgar” e “Quero aprender a ser submissa ao meu príncipe encantado”.

Com o programa fechado, decidimos divulgá-la no perfil *Escola de Ogras*⁶, do site de relacionamentos *Facebook*, que foi criado por um grupo de mulheres em resposta à *Escola de Princesas*. Após a divulgação, os donos da escola enviaram uma procuração à reitoria da UFU, acusando que eu estava planejando vandalismo e agindo de forma preconceituosa com a instituição. Ainda na procuração, os donos da *Escola de Princesas* pediam ao reitor o meu desligamento do programa institucional de bolsas de incentivo à docência (PIBID) e a minha expulsão da universidade.

Obviamente os responsáveis pela *Escola de Princesas* se sentiram acuados quando tomaram conhecimento da performance que iria acontecer na porta da instituição, afinal a escola já havia sofrido algumas outras manifestações de repúdio, além da página *Escola de Ogras*, e pichações em seus muros. Diante das repentinhas ameaças fui orientado por Mara a não mais fazer a performance em frente à escola conforme o programado. Decidimos que seria melhor performar em uma praça próxima à universidade, mas ainda no mesmo bairro da *Escola de Princesas*. De forma alguma nos sentimos acuados pelas ameaças advindas da *Escola de Princesas*, apenas queríamos que a performance pudesse ser realizada.

⁶ <https://www.facebook.com/pages/Escola-de-Ogras/392441920842005?ref=ts>

A performance aconteceu no dia 27 de Agosto de 2013, na praça Luiz Finotti, do bairro Santa Mônica. Cheguei à praça travestido de princesa dirigindo um carro, estacionei em frente a uma área recuada da praça onde havia um banco, desci uma cadeira e utensílios de limpeza como balde, vassoura, espanador e escova. Desenvolvi as ações programadas ao som das músicas amplificadas pelo som do carro e passei a convidar homens que estavam assistindo para se sentarem na cadeira para que eu pudesse interagir com eles. O público foi composto pelos alunos da disciplina, alguns convidados e passantes. Em geral, a performance aconteceu conforme o programado, e pude notar que a mesma chamou bastante atenção dos transeuntes que passavam à pé ou dirigindo automóveis, já que muitas pessoas se manifestaram durante a ação.



Performance *Ela é uma Princesa!* realizada na Praça Luiz Finotti. Foto: Mara Leal



Performance *Ela é uma Princesa!* realizada na Praça Luiz Finotti. Foto: Mara Leal

A performance ganhou grande repercussão na internet e o não previsto por nós aconteceu: a performance entrou na mesma discussão a respeito da *Escola de Princesas* que havia me inspirado a criá-la. Os mesmos sites que publicaram matérias em relação à *Escola de Princesas* agora estavam noticiando o acontecimento de uma obra performática em resposta aos ensinamentos da instituição. Foi feita a postagem de uma matéria⁷ do site do Ceale (Centro de alfabetização, leitura e escrita da FaE/UFMG) com algumas fotos da performance com a seguinte legenda: “Estudante de Teatro realiza em praça pública uma performance em resposta aos ‘valiosos ensinamentos’ da Escola de Princesas em Uberlândia-MG”. A publicação foi bastante compartilhada no site de relacionamentos Facebook.

O professor supervisor do PIBID, Getúlio Góis, ao saber da existência da performance fez o convite para apresentá-la na ESEBA, durante o intervalo dos alunos dos quintos aos nonos anos. Ao aparecer vestido de princesa, percebi um grande alvoroço e ao mesmo tempo uma boa recepção por parte dos alunos e dos funcionários que ali estavam. A escola simplesmente parou para assistir as ações que a princesa fazia. e todas as

⁷ <http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/princesa-so-em-conto-de-fadas.html>

manifestações que recebi da primeira vez agora estavam multiplicadas. Com certeza foi uma grande experiência reperformar na ESEBA, tanto enquanto performer, como também como estagiário bolsista. E o mais importante foi perceber que todos que assistiram entenderam os questionamentos acerca do papel da mulher na sociedade contemporânea.



Alunos assistem à performance *Ela é uma princesa!* na ESEBA, em setembro de 2013. Foto:
Rodrigo Müller

Finalmente realizei uma última apresentação de *Ela é uma princesa!* na semana de fechamento do semestre do curso de Teatro. Essa foi a que mais se diferenciou das outras, uma vez que foi realizada numa sala fechada com iluminação e sonoplastia. Posso dizer que a performance ganhou elementos de teatralidade, ao utilizar cenário (cama, mesa e penteadeira), além de ter outros elementos cênicos e a inclusão da participação de outro aluno (Rafael Patente) da disciplina. Combinamos que haveria uma entrada dele como o marido “príncipe” e que começaria a me espancar. É interessante pensar que pelo referencial ter mudado, todas as ações que antes eu fazia na rua ganharam uma plasticidade teatral e o único momento em que isso se rompeu foi quando ele começou a bater e humilhar a princesa que fazia de tudo para agradá-lo.

Dentre outros trabalhos de transformismo teatral que fiz, *Vó Doralina* e *Ela é uma Princesa!* são mais específicos, pois contêm em suas cenas discussões de gênero e sexualidade. Ambas personagens, a velha e a princesa, são interpretadas por um homem. Paradoxalmente esse tipo de prática é bem aceita como forma de entretenimento na nossa sociedade contemporânea. Diante disso questiono o porquê da sociedade aceitar um homem

travestido no teatro, mas não aceitar uma travesti que se traveste cotidianamente para manifestar a sua identidade de gênero.

A performance *Ela é uma princesa*, por assumir uma discussão sobre gênero, obteve grande repercussão e eu, enquanto ator-performer, pude compreender na prática cênica o caráter crítico que essa linguagem tem e as proporções do incômodo que ela pode gerar na sociedade. Movido pelas repercussões ocasionadas pela performance, fui em busca de um aprofundamento nos estudos que giram em torno da performance como potência pedagógica, e consequentemente optei por investigar tais questões no mestrado.

❖ CICLO 3 – Oficina de Teatro Para Transgêneros

Escolho as transgêneros como público alvo por serem pessoas muito discriminadas e excluídas da sociedade. Ao assumirem suas identidades de gênero acabam sendo repudiadas pela família, escola e a sociedade que, em geral, excluem esses sujeitos do convívio social. Muitas vezes, por não suportarem o preconceito e a violência, as pessoas transgêneros se veem obrigadas a abandonar as escolas, não encontram oportunidades no mercado de trabalho e acabam encontrando como única maneira de sobrevivência a prostituição noturna. Dito isso, compartilho das palavras de Guacira Louro:

Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados “próprios” de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes. Tal como atravessadores ilegais de territórios, como migrantes clandestinos que escapam do lugar onde deveriam permanecer, esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou, na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de correção. Possivelmente serão rotulados (e isolados) como “minorias”. (LOURO, 2000, p. 87)

Na elaboração do pré-projeto que deu origem à minha pesquisa de mestrado percebi que os procedimentos autobiográficos da performance poderiam ser uma interessante proposta para travestis e transexuais, pois estão à margem inclusive da comunidade LGBT. Nos fóruns de discussão e ativismo Trans, as pessoas reclamam muito que o movimento LGBT contempla muito mais o “L”, o “G” e o “B” do que o “T” da sigla.

Escrevi o pré-projeto pensando que a prática performativa poderia ser um bom meio de expressão artística para transgêneros, pois estes guardam em seus corpos as marcas e as memórias de vida que têm muito a dizer e criticar. Acreditei que através da performance artística as pessoas trans poderiam revelar as memórias de possíveis violências, abusos e preconceitos sofridos em suas vidas, fossem eles no cotidiano do trabalho, familiar, escolar, etc.

(...) a performance solo autobiográfica tem, de fato, desempenhado uma função crítica na criação de um espaço de discurso para minorias que não se enquadram na normatividade do discurso ideológico dominante. (...) tem sido instrumental para reivindicação por diversas minorias do papel de agentes sociais e na criação de uma contra-esfera pública. (BERNSTEIN, 2001, p. 92)

Acredito que seja legítima a importância do ensino de performance para alunos de Teatro, como Eleonora Fabião (2011) defende, e que, para mim, foi realmente muito importante enquanto ator e aluno do curso de teatro da UFU participar de um processo criativo de performance por meio da disciplina Interpretação V. Mas quis ir além disso e problematizar o ensino de performance em si. Para isso, tive como ponto de partida a pergunta título do artigo de Mara Leal: Performance se ensina? Desta, parto para um outro questionamento: Performance se ensina a todos? O livro *Pedagogia da Performance*, de Valentin Torrens, é uma interessante compilação de diversos procedimentos realizados por professores e artistas envolvidos com a Performance:

Este é um livro destinado principalmente a professores de performance, para que obtenham referências para o trabalho pedagógico que está sendo realizado em vários países. (...) Ele também se direciona a estudantes que querem ter um maior conhecimento e informações sobre o que é e de como essa prática é transmitida de acordo com o sistema utilizado por cada professor. (TORRENS, 2007, p. 07)

Torrens direciona o seu livro basicamente a professores e estudantes de artes visuais e teatro que pesquisam a performance, mas questiona como seria o ensino da performance como procedimento pedagógico direcionado a um grupo de pessoas que não estivessem necessariamente ligadas às artes. Por fim, pergunto-me sobre como seria ministrar um processo artístico pedagógico focado no ensino da performance, e este ser restrito para travestis e transexuais da cidade de Uberlândia.

Com a entrada para o curso de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia, pude enfim iniciar a elaboração da oficina de teatro que seria meu objeto de estudo. A partir do pré-projeto desenvolvi uma metodologia estruturada principalmente na vertente da *Performance*, buscando estabelecer um campo de pesquisa prático-pedagógico, em que pudesse exercitar o meu fazer docente e proporcionar aos alunos uma experiência artística sensível.

Inicialmente planejei os procedimentos metodológicos baseando-me nas minhas próprias vivências enquanto ator e estudante de teatro - mais especificamente do período em que fui aluno da disciplina Interpretação V (Performance). Como procedimento de registro das aulas propus um diário de bordo, e este iria funcionar com um esquema de rodízio, passando pela mão de todas as envolvidas no processo. Com essa ferramenta busquei dar

voz às alunas por meio de suas escritas e outros tipos de registro, recursos esses que poderiam ser inclusos na feitura da dissertação de mestrado, assim como as fotos e os vídeos.

A prática pedagógica teve por objetivo estimular criação autoral de todas as pessoas envolvidas, e suas histórias de vida seriam a matéria-prima para a construção de dramaturgias autobiográficas performáticas. A ideia foi dar liberdade para que essas dramaturgias autobiográficas pudessem ser o mote das performances que poderiam, se efetivados, circular por ambientes culturais, escolares e acadêmicos.

❖ CICLO 4 – Aproximação ao Universo Trans

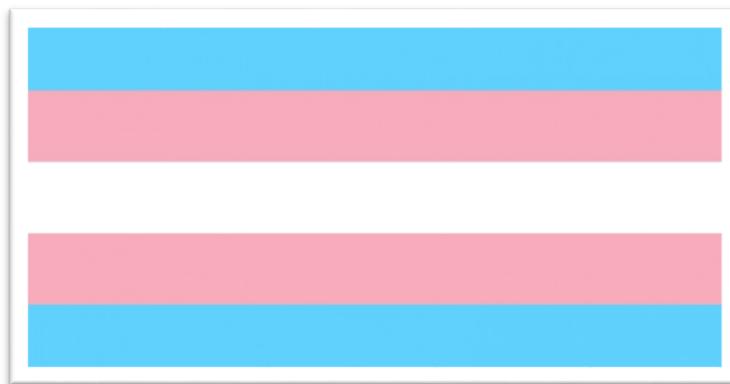


Imagen: bandeira transgênero.

Ao passo que estava próximo de desenvolver uma oficina de teatro com a comunidade trans e nunca havia tido uma convivência efetiva com esse público, senti a necessidade de aprofundar melhor meus conhecimentos acerca da condição devida dessas pessoas. Esse foi um grande desafio, e como todos os grandes desafios, encontrei – e ainda encontro - muitas dificuldades. Devido a isso, precisei me aprofundar nos estudos de gênero e sexualidade.

Acredito que se informando melhor sobre diferentes formas de ser e estar pode-se evitar o preconceito e consequentemente a violência. Além das referências bibliográficas, pesquisei na internet algumas definições e assisti algumas palestras que trataram sobre o assunto. Primeiramente busquei definições que explicassem detalhadamente o que é ser transexual e o que é ser travesti. Deparei-me com o termo transgênero, que então estaria englobando essas duas identidades de gênero. Portanto, ser transgênero é transitar entre os gêneros masculino e feminino, ou seja, é não se identificar com o sexo biológico ou socialmente imposto.

Qual seria então a diferença entre travesti e transexual? Entendi que as duas identidades têm muito em comum, mas que existem alguns pontos importantes que divergem. Tanto travestis como transexuais são pessoas que não se identificam com o sexo, biológico e realizam mudanças estéticas como cirurgias plásticas para corresponder a suas reais identidades de gênero. A diferença estaria na cirurgia de readequação do sexo que é uma necessidade mais voltada para pessoas transexuais.

Acredito que foi de extrema importância definir algumas terminologias designadas à identidade de gênero trans para evitar possíveis confusões ou constrangimentos durante a

oficina. De acordo com o guia técnico de Jaqueline Gomes de Jesus (2012), travestis são pessoas que nascem do sexo masculino ou feminino, mas que têm sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade.

Algumas travestis modificam seus corpos com cirurgias plásticas, exceto a redesignação sexual geralmente feitas por transexuais. Estas, por sua vez, são pessoas que também possuem identidade de gênero diferente do sexo designado ao nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções hormonais e médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) a sua identidade de gênero constituída. *Crossdresser* é a pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Geralmente são homens heterossexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras. Finalmente, o termo *Transgênero* engloba todos os outros relatados anteriormente, pois se refere a todos aqueles que transitam entre os gêneros.

Nessa aproximação também tive acesso ao conceito de Cis ou Cisgênero, que até então era desconhecido por mim. Cisgênero é uma pessoa que se identifica com o seu sexo biológico e convive bem com o seu gênero. Também comecei a refletir melhor sobre o conceito de identidade de gênero, e logo percebi que essa condição não é exclusiva dos transgêneros, mas sim a todo e qualquer indivíduo. A identidade de gênero existe independente de sexo ou orientação sexual, pois é uma condição social. Sobre isso, concordo com as discussões levantadas por Judith Butler (2003), de que todos nós performamos a nossa identidade de gênero na sociedade, pois seguimos padrões e estereótipos impostos pela sociedade em que vivemos, antes mesmo de nascermos. Seguimos padrões prontos recebidos do meio em que vivemos, no entanto é preciso reconhecer que, mais cedo ou mais tarde, há quem se rebela contra eles em algum momento da vida.

A começar pela gestação, os pais, a família, os amigos e conhecidos começam a criar expectativas acerca do sexo do bebê, se vai ser menino ou menina. Geralmente, em nossa cultura brasileira, se for constatado pelo exame de ultrassom que o bebê se trata de um menino, o enxoval passa a ser todo azul, o quarto passa a ser todo azul, os possíveis nomes masculinos já são levantados e as decorações são todas voltadas para o que se entende como universo masculino como carrinhos, barquinhos, trenzinhos e esportes como o futebol. Caso o bebê seja uma menina, a paleta de cores do enxoval e do quarto será mais direcionada para

os tons de rosa e lilás, e os adornos de decoração giram em torno da suposta suavidade do universo feminino como bonecas, flores, lacinhos, babados, ursinhos e borboletas.

A meu ver, esse tipo de expectativa nada mais é que estipular estereótipos de gênero a uma criança que ainda nem nasceu. Quando a criança nasce, seja menino ou menina, tudo já está imposto: as roupas, os brinquedos, bem como toda a sua criação, que se direcionará para um lado ou para o outro de acordo com o sexo biológico. Inegavelmente, desses artifícios para atender a necessidade de gênero, o mais sério e problemático de todos é o nome. A partir do momento que é dado o nome à essa criança, ela terá de carregá-lo até a maioridade, momento no qual ela finalmente terá o direito de alterá-lo à sua vontade.

Mas e se a criança, em seu desenvolvimento, não se identifica com seus brinquedos, com suas roupas e tampouco com seu nome? Ultimamente percebe-se que a visibilidade da transgeneridez na infância vem crescendo com a grande ocorrência de crianças que desde muito cedo demonstram uma não-identificação com o seu sexo biológico, mas sim pelo oposto. Exemplos como esse são tratados nos filmes “Minha vida em cor de rosa” (1997) e “Tomboy” (2012), que abordam justamente histórias de crianças que demonstram em seus comportamentos uma identidade direcionada para o gênero oposto.

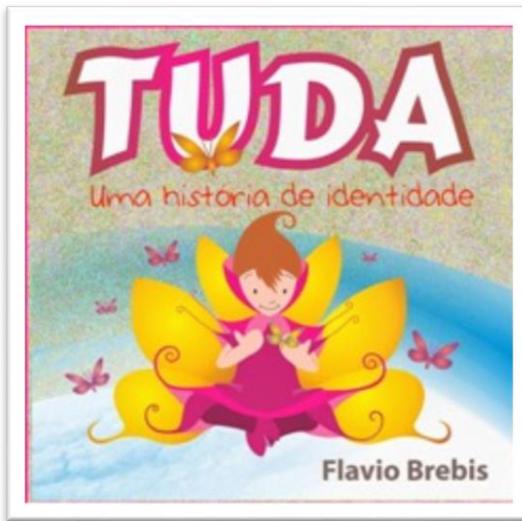


Divulgações dos filmes *Minha vida em cor de rosa* (1997) - *Ma vie en rose* - do diretor belga Alain Berliner, e *Tomboy* (2012), da diretora Céline Sciamma.

A visibilidade trans na infância também pode ser conferida pela edição de fevereiro de 2014 da revista Nova Escola, que trouxe como matéria de capa o caso de Romeo, um menino de cinco anos que foi banido de sua escola por ir às aulas trajando vestidos de princesa. A matéria levantou uma boa discussão acerca de sexo, sexualidade e gênero, e principalmente mostra que, apesar de suprimido, a busca da identidade de gênero, está cada vez mais emergente com a existência de crianças que demonstram esse tipo de comportamento.

Nessa aproximação com o universo trans, conheci a professora transexual Sayonara Nogueira, que leciona geografia na rede pública de ensino de Uberlândia. Em uma conversa rápida pude saber um pouco de sua experiência na escola e como ela lida com os preconceitos na instituição, bem como os questionamentos de seus alunos que têm plena consciência de que estão tendo aula com uma mulher trans.

Sayonara ainda me apresentou um livro infantil que ela usa para justamente discutir essas questões dentro de sala. O livro se chama *Tuda: Uma história de identidade*, do autor piauiense Flávio Brebis, publicado em 2014, que trata de maneira muito sensível, sutil e lúdica a questão da transexualidade na infância.



Capa do livro *Tuda: Uma história de identidade*, de Flávio Brebis.

É fato que a instituição escolar em geral não é um lugar acolhedor para a diversidade de gênero e sexualidade. Acredito que seja ainda mais difícil principalmente para travestis e transexuais, que, além de sofrerem discriminações e violências no ambiente escolar, ainda encontram grandes barreiras como o uso do nome social e do banheiro do gênero que sua

identidade mais se adeque. Talvez por existirem tantos obstáculos na escola haja uma grande evasão de travestis e pessoas trans.

Outro grande obstáculo que essas transexuais enfrentam é o direito de realizarem intervenções cirúrgicas em seus corpos para se adequarem à suas identidades de gênero. São poucos os hospitais públicos que realizam esse tipo de cirurgia e as listas de espera são muito extensas. Além dessas cirurgias existem também os procedimentos de hormonização que são considerados mais acessíveis em comparação com as cirurgias.

A partir dessa aproximação, pude perceber que a sociedade nega às pessoas trans um dos direitos mais básicos dos seres humanos: o direito de existir. Nega-se o direito ao corpo. Nega-se o direito ao nome. Nega-se o direito ao estudo. Nega-se o direito ao trabalho. Nega-se o direito à vida. A (in)visibilidade trans é uma questão séria, pois uma vez que homossexuais estão cada vez mais ganhando visibilidade na sociedade, travestis e transexuais são pessoas que ainda continuam marginalizadas e são protagonistas de estatísticas que confirmam o alto índice de violência e assassinatos motivados pela transfobia.

Essa aproximação ao universo trans me fez perceber o quão difícil é ser transexual atualmente no Brasil e, com toda certeza, me deram uma base de conhecimento para a oficina de teatro para transgêneros. São informações que fizeram a diferença tanto no planejamento como no desenvolvimento da oficina.

❖ CICLO 5 – Divulgação da Oficina

Buscando uma maior compreensão e assimilação do público quanto à oficina, decidi por não divulgá-la como uma oficina de Performance propriamente dita, mas sim como uma oficina de Teatro. Essa preocupação se deu pelo motivo de que em comparação com o termo Teatro, o conceito de Performance ainda não é muito conhecido por quem não está necessariamente ligado à arte ou à academia. Além disso, se a divulgação fosse de uma “Oficina de Performance” a nomenclatura poderia ser erroneamente interpretada pelo outro sentido da palavra performance (desempenho).

Para a divulgação elaborei uma arte gráfica que serviu tanto para os cartazes e panfletos, quanto para um *webflyer* que tinha como anúncio “Oficina de Teatro para a comunidade Trans”.



Flyer criado para divulgação da oficina.

Os cartazes e os panfletos foram afixados e distribuídos em pontos estratégicos da cidade como boates, pontos de prostituição de travestis e na SHAMA Uberlândia (Associação Homossexual de Ajuda Mútua de Uberlândia). A divulgação também foi realizada em uma reunião do “Em Cima do Salto”, um programa de assistência às pessoas trans que possui um ambulatório situado no curso de medicina da UFU e facilita procedimentos de hormonização e encaminhamentos de cirurgias de readequação sexual.



Registros de divulgação: À esquerda a divulgação foi feita em uma boate LGBT no centro de Uberlândia. À direita a divulgação foi feita em um conhecido ponto de prostituição de Uberlândia.

Fotos: Marcio Dias Pereira.

❖ CICLO 6 – Oficina - *Primeiro Encontro*

A oficina teve início no dia onze de agosto de 2014, com um encontro semanal às segundas feiras, iniciando às 19h e finalizando às 22h. Escolhi o turno da noite para facilitar a adesão de pessoas à oficina, já que a maioria das pessoas trabalham ou estudam nos turnos da manhã e da tarde. No entanto dei-me conta que talvez não fosse um horário muito acessível para travestis e/ou transexuais que trabalhassem no período da noite e madrugada.

As aulas aconteceram em uma ampla sala do bloco 5U no campus Santa Mônica da UFU, a única sala de prática disponível no turno da noite e que já causou um grande desconforto por um problema estrutural: a ausência de acústica. Na sala, quando se conversa, o eco é estrondoso, as pessoas se sentem forçadas a falarem mais baixo que o normal para que a conversa seja totalmente compreendida. Esse desconforto pode ser notado ao assistir os vídeos que foram gravados na primeira aula⁸.

O grande dia chegou. Nas horas anteriores ao início da aula a ansiedade e a expectativa estavam me deixando à flor da pele. De um lado da minha cabeça me inquietava: “E se não aparecer ninguém?”; do outro me acalmava: “Calma, calma! Não criemos pânico, você se preparou, planejou, divulgou, organizou tudo e as pessoas já devem estar chegando”.

Aos poucos as pessoas foram chegando ao local e horário marcados. A primeira a chegar foi como um suspiro de alívio e ao mesmo tempo uma grata surpresa! Era Flávia, a qual já conhecia de outros tempos, antes mesmo de sua transição de gênero. Talentosa artista plástica e professora de artes, nos conhecemos quando ela teve uma breve passagem pelo curso de Teatro da UFU, oportunidade na qual nos conhecemos e viramos colegas.

Depois chegou um rapaz muito simpático e sorridente. Era Thiago, estudante do curso de biologia que ao saber da oficina através da divulgação enviou-me um email pedindo para participar da oficina de alguma forma, mesmo que fosse como ouvinte. Thiago escreveu sobre o seu interesse em acompanhar as aulas como campo para sua pesquisa de monografia, a qual também tratava acerca dos temas sexualidade e gênero, como pode ser melhor compreendido com o email:

Olá André, primeiro gostaria de parabenizá-lo pelo tema de interesse de pesquisa.

⁸ Em anexo no DVD, na pasta Primeira Oficina de Teatro Para Transgêneros, os quais inclusive foram dificílimos de serem transcritos para a pesquisa.

Sou estudante de Biologia da UFU e estou desenvolvendo a minha monografia buscando compreender os modos de ensinar sexualidade nos livros didáticos (representações sociais de corpo, gênero e sexualidade).

Nesta semana participei de um seminário de formação em documentário, e a nossa discussão teve enfoque no personagem, como os diretores/diretoras constroem, manipulam o personagem e ao mesmo tempo o personagem tem uma força transgressora, que busca atuar, criar um outro "eu-persona". E achei muito curioso uma oficina de teatro para trans. A curiosidade surge pelo seguinte, de certo modo elas/eles (todos nós) atuamos (são/somos atores e atrizes - personagens) no cotidiano com performances das mais diversas. Inventa-mo-nos por meio de personagens, monta-mo-nos: travesti-mo-nos com roupas, gestos, aromas, fragrâncias, vocabulários, sons

É apenas uma reflexão. Compartilhando talvez uma angustia minha no campo do que realmente somos: se não invenções, convenções, transgressões, imaginações.

Deixa eu te perguntar: vocês pensaram em fazer algum tipo de registro fotográfico da oficina?? Tenho interesse. Seria um exercício, no sentido de buscar revelar o indizível e invisível dessas/desses personagens.

Abraços

Com os melhores cumprimentos

Thiago Augusto Arlindo Tomaz da Silva Crepaldi

Thiago me deixou muito feliz com seu interesse, e claro, poderíamos juntos compartilhar experiências e questionamentos, além da proposta de registro das aulas que achei muito interessante, pois sempre acabo me envolvendo muito com a prática e me esqueço dos registros. Dei um aval positivo a ele, disse que seria muito bem-vindo, como está no email de resposta abaixo:

Olá Thiago Crepaldi, tudo bem?

Fico muito feliz com seu interesse, e devo lhe confessar que estou surpreso com a proposta pois estou justamente precisando de alguém de fora para realizar os registros fotográficos. Sinta-se à vontade para realizar seus registros e espero de coração que a minha pesquisa lhe ofereça um campo de experimentação pertinente, assim como desejo aprender com vocês também. Que

esta experiência seja bastante frutífera para todos os envolvidos, para mim, as e os participantes e para você também. Espero você todas segundas feiras das 19h às 22h na UFU Sta. Monica, Bloco 5U (Atrás do Bloco do Teatro e Música, entrada pela Segismundo). Obrigado pelo contato!

Atenciosamente,
André Luiz Silva Rodovalho.

Já eram duas pessoas presentes, uma aluna e um ouvinte, quando chegou um homem alto se apresentando como Jorge. Ele questionou se a oficina de teatro era ali e, naquele momento me questionei que ele não era uma pessoa trans e, portanto, não deveria estar ali. É interessante observar como o nosso julgamento preconceituoso é automático, mesmo sem querer o observei, o analisei, julguei e cheguei à conclusão que a oficina não era voltada para ele. Sinceramente pensei: “o que ele está fazendo aqui?”. Mas como essas ideias não passaram de pensamentos e, jamais iria dispensá-lo, sorri e disse: “Sim! Seja bem-vindo, pode deixar as suas coisas aqui nesse canto.”.

Depois chegou uma moça que também julguei não ser trans, e silenciosamente pensei: “o que está acontecendo? Será que a divulgação não foi explícita o suficiente?”. Era Gabriela que já chegou dizendo que era aluna do mestrado em Direito e que estava ali basicamente pelo mesmo motivo que Thiago; aliás, os dois já se conheciam de palestras sobre o tema da transexualidade. Por sua fala, percebi que pesquisávamos áreas bastante afins, pois um dos objetivos da pesquisa dela era criar uma peça que abordasse o tema da visibilidade trans. Então pensei: “porque não?”. Ao mesmo tempo me questionei: “onde estão as alunas trans?”.

Mesmo que já tivesse dado o horário do início da aula, propus esperarmos mais um tempo na esperança de chegarem mais pessoas. Foi então que chegaram duas moças juntas segurando capacetes nas mãos, se desculparam pelo atraso, justificando que estavam em um ambulatório. Eram Andressa e Michelle, a última reconheci por tê-la maquiado para uma ação artística sobre homo/transfobia que ajudei a produzir em parceria com a ONG SHAMA em 2014.

Dada a chegada de seis pessoas, começamos a aula com uma conversa em roda, momento que usei para me apresentar, explanar sobre a minha pesquisa e falar sobre qual seria o objetivo da oficina. Percebi que ao tocar no assunto de resultado cênico as alunas

trans ficaram recuadas com a ideia de se exporem na cena, e então disse que o resultado era apenas uma suposição e que o verdadeiro foco seria o processo da oficina. Também propus que cada uma se apresentasse e dissesse o porquê de estar procurando a oficina. A maioria disse estar em busca de aprofundar seus conhecimentos em teatro, destacando o gosto e a importância da arte para as pessoas em geral.

Apesar do pouco número de alunas e da diversidade de interessadas, tentei agregar todas as pessoas que se interessaram e deixei claro que quem não considerasse ou não fosse de fato transgêneros também poderia participar das aulas, mesmo que o objetivo original fosse exclusivo à comunidade trans. Numa tentativa de manter o contato com as interessadas, propus de imediato a criação de um grupo no site de relacionamentos *Facebook* e a troca de números de celulares. Julguei que essas ferramentas ajudariam no contato e comunicação com a turma e facilitariam compartilhamentos acerca do processo criativo da oficina.

Também nessa conversa expus que passei por um processo de aproximação do universo trans para dar suporte aos direcionamentos da oficina. Além disso, pedi às alunas trans que qualquer deslize da minha parte elas poderiam se manifestar e me corrigir, pois nessa experiência eu também estava disposto a aprender ainda mais e tomar consciência de qualquer ato falho ou palavra inconveniente.

Como metodologia de registro das aulas, com intuito de reconhecer e priorizar a voz das participantes, propus um diário de bordo, que a cada encontro, alguém poderia escolher levá-lo para casa e realizar o registro da aula. Esse registro poderia ser de caráter pessoal, poético, com a liberdade de escrita e/ou desenho sobre a última aula. Desta forma, o diário de bordo funcionaria no modo de rodízio, possibilitando que todos envolvidos participassem e houvesse a apreciação de diversas formas de registro, cada uma com a personalidade de quem a escreveu.

Nesta primeira aula percebi que as alunas trans Michelle e Andressa tinham um relacionamento amoroso, pois além de chegarem juntas, sentaram-se muito próximas uma da outra e inclusive trocavam carícias durante a conversa em roda. Isso também me chamou atenção para a dissociação que existe entre identidade de gênero e orientação sexual, ou seja, uma pessoa trans pode se orientar sexualmente como heterosexual, bisexual ou homosexual, como era o caso delas.

Após a conversa em roda, partimos para a prática e iniciamos um alongamento básico para uma prática teatral, a começar com uma massagem individual nos pés. Tudo caminhava basicamente bem e podia se notar certa tranquilidade na sala de aula. Foi quando a aluna

Flávia soltou uma reclamação com as seguintes e poucas palavras: *Você podia pensar uns alongamentos menos constrangedores.* Logo, percebi que havia cometido um erro. Eu que até então tinha tomado todos os cuidados, ou em outras palavras “pisado em ovos”, acabava de cometer uma falha. Mas que falha? Em quais aspectos aqueles alongamentos básicos poderiam ser constrangedores?



Registro de aula. Foto: Thiago Crepaldi.

Foi então que tive um *insight* e tudo ficou mais claro: realmente a aluna Flávia não precisaria dizer mais nada, pois o que se deu estava óbvio. Alguns alongamentos corporais deixavam em evidência os órgãos genitais que elas tanto se preocupavam em esconder. Para aqueles que não eram trans o alongamento passou despercebido ou corriqueiro, mas para as alunas trans aquele primeiro momento da oficina não foi nem um pouco confortável, como podemos perceber pela fala da própria aluna durante a entrevista feita depois do término da oficina:

No começo da oficina teve aqueles desconfortos né? “Ai, como é que eu trans vou fazer esse tipo de alongamento?”. Porque tem um órgão que eu quero esconder, tem um tipo de roupa pra usar... Aí...

Mas assim, eu fiquei um pouco decepcionada com a quantidade de alunos, porque quando você oferece alguma coisa para transexuais geralmente eles deviam abraçar, né? Ainda mais que é uma oficina de teatro que ajuda a gente a experimentar o nosso corpo, pelo menos para mim é um corpo novo porque é um ano e meio que eu tô nessa... então dois anos de transição mas como Flávia é um ano, entendeu? É pouquinho... então... Mas a oficina em si foi maravilhosa, eu gostei muito.

Não vou negar que fiquei intimidado com a repreensão feita pela aluna, mas penso que nada se compara ao enorme constrangimento que a minha proposta estaria causando àquelas pessoas que tanto são oprimidas na sociedade em si. Por outro lado, que eu mesmo, no começo da aula, pedi para ser corrigido ou informado quando algo às incomodassem. Flávia continua:

Se ela ainda tem os genitais, então ela quer esconder, então tem alguns tipos de alongamentos, alguns tipos de atividades que né? Que vai deixar em evidência essa parte do corpo, por mais que esteja escondidinho... Então, é isso, é mais essas atividades mesmo, porque ai você fica um pouco assim... constrangida, sabe? De fazer atividade e vir à tona o corpo que você tem, o corpo masculino ou o corpo feminino, como no caso de um homem trans que na verdade nem teve na nossa oficina. Mas é uma questão complicada, é uma questão complicada assim no primeiro momento. À medida que você vai trabalhando, eu acho que o teatro seria o lugar ideal para trabalhar isso pra desinibir, aí você vai resolvendo esses conflitos. Por isso que eu acho que seria interessante assim, ter você como professor e uma aluna ou uma professora da psicologia pra ir tentando conciliar...

Na fala de Flávia fica claro que a atividade causou certo desconforto corporal por deixar em evidência aspectos masculinos num corpo que está se construindo feminino. No caso de um homem trans seria o contrário, possivelmente o constrangimento seriam os

atributos femininos como os seios ou quadris largos. Flávia ainda desvela toda complexidade que essa questão envolve, pois ao mesmo tempo que o exercício preparatório incomoda, a prática teatral em si pode ser um caminho para resolver esses conflitos. O interessante é que ela ainda sugere que deveria haver uma aluna ou professora ligada à psicologia para o acompanhamento das aulas, numa tentativa de conciliar com a prática teatral.

Logo após os alongamentos, partimos para um aquecimento vocal também básico e novamente pude perceber o desconforto das expressões das alunas trans. Novamente algo planejado causou um constrangimento para elas, e desta vez em relação à voz, que é uma das características mais importantes a serem transformadas na transição de gênero. A aluna Flávia também comenta sobre isso em sua entrevista:

É por que assim, no teatro, você está experimentando e muita gente tá vendo você experimentando, então tem a questão da voz, que às vezes você está com a voz mais grave ou tem uma atividade que vai exigir que você tenha uma voz mais grave, então toda mulher transexual quer ter a voz o mais feminina possível, né?

A aluna Michelle similarmente fala sobre o incômodo durante o exercício de aquecimento vocal no registro da primeira aula no caderno de bordo:

Na questão da voz, muito importante além de exercitar é se sentir à vontade de projetá-la, algo que tenho muita dificuldade. Não tenho problemas em falar em público, mas o que me trava muito é a minha voz que está em desacordo com a minha identidade. (Michelle, diário de bordo, primeira aula.)

A ouvinte Gabriela em sua entrevista relembrava sobre a questão da voz das alunas trans que fizeram a oficina de teatro:

Sem contar no cuidado com a voz, o cuidado com a própria voz o tempo inteiro, igual eu não baixava a guarda de medo de falar coisas erradas e às vezes olhar de um jeito errado; que a gente tem que se cuidar no início, elas tinham medo de falar de um jeito

errado, de deixar a voz, o cuidado com a voz, aquele dia que teve o treinamento, elas falavam: “ah, não me sinto confortável, porque não é o tempo inteiro que eu consigo fazer a minha voz ser feminina”.

No vídeo gravado durante a roda de conversa do primeiro encontro, há o registro de uma discussão sobre questão da voz, a aluna Flávia revela que o desconforto faz parte do cotidiano das mulheres trans:

A voz? É um problemão. Eu acho que toda trans mulher tem esse problema com a voz, porque... é uma... Algumas pessoas assim, em um certo grau quando se é menino, já nasce com a voz bem afeminada, né? Mas a trans mulher às vezes o hormônio não transforma a voz, entendeu? Agora o trans homem, já a voz fica bem grossa porque a testosterona faz um estrago bem grande. Aí a gente tem que estudar, a gente vai treinando, vai brincando com essa voz, mas eu já percebi assim: que quanto mais, por mais masculina que seja, a gente coloca pra fora, mas a gente vai conseguindo moldar. (...) Quanto mais projeta, você... Se você tenta fazer mais pra dentro, você acaba deixando ela mais masculina. (...) Por isso que eu te falei que tinha que ter um curso só para trans, de teatro, porque se fosse grande... Porque aí a gente acaba querendo, é... usar também do curso para brincar e aprender essa feminilidade, com a voz, com os trejeitos... Porque a gente foi muito reprimida numa fase da nossa vida, a gente não podia expressar... Às vezes é uma coisa até natural mesma nossa ser feminina e tal, mas não podia. Então, teve uma fase da minha vida que nossa... Eu não podia rebolar de jeito nenhum!
(Vídeo de Aula 1 – 08:48).

Em sua fala, Flávia relata o quanto é complexo fazer a transição de gênero se tratando da voz, quando ela fala em estudar me remete aos artifícios que recorro para trabalhar a voz ao interpretar papéis femininos no teatro. Obviamente são artifícios parecidos, mas para objetivos diferentes. Flávia explicita que pessoas transexuais usam inclusive de recursos

hormonais para transformar a voz, e que é mais fácil para os homens trans que buscam uma voz mais grave do que para as mulheres trans que almejam uma voz aguda.

Ainda por essa fala de Flávia, começo a perceber os primeiros indícios de conflitos entre o que as alunas trans buscavam e o que eu enquanto professor/pesquisador propus com a ementa da oficina. Flávia diz que concorda que deveria haver um curso de teatro apenas para pessoas trans, pois nele encontraria ferramentas para brincar e aprender, no seu caso, trejeitos femininos. Penso que nesse primeiro momento comecei a ter ciência que talvez poderia haver um atrito entre o que elas buscavam e o que eu tinha a oferecer com a oficina.

Depois desse ocorrido comecei a ter noção do quanto o meu campo de pesquisa era delicado. Percebi o quanto as minhas propostas poderiam incomodar as pessoas transgênero, e sinceramente esse não era a minha intenção, pelo contrário, era oferecer um espaço e uma prática em que elas se sentissem à vontade para se abrirem e criar algo cênico. Confesso que já nesse primeiro encontro comecei a ficar preocupado com o incômodo delas. Não se tratavam de inquietudes de quem nunca havia feito uma prática teatral, e sim estorvos relativos à identidade delas.

Em seguida propus um exercício de foco, contato visual e agilidade de grupo. Em roda, a primeira pessoa começaria escolhendo alguém da roda, com exceção de seus vizinhos, olhar em seus olhos e caminhar em direção a ela. A segunda por sua vez, ao perceber que a iniciante vinha em sua direção, deveria ceder o seu lugar e repetir a mesma ação em direção a outrem, e assim por diante. Nesse exercício novamente percebi um desconforto, assim como nos alongamentos e nos aquecimentos de voz, desta vez a grande dificuldade estava em olhar nos olhos, o que deixou a prática um tanto quanto lenta e truncada em seu desenvolvimento.



Registro de aula. Foto: Andressa.

A próxima prática que desenvolvi com a turma também foi muito simples: consistia em caminhar pela sala, prestando atenção em seus corpos, nos espaços da sala e nas pessoas que cruzassem o caminho. Como pode ser visto no Vídeo de Prática, comecei a dar comandos de diferentes andamentos, que iam de um a dez, do muito lento para o muito rápido respectivamente. Para isso voltei a estimular o contato visual com os olhos de quem passasse na direção contrária ao seu caminhar. No teatro, a primeira comunicação entre os atores antes do diálogo é feita pelo olhar. Novamente percebi que a maioria das alunas também tinham grande dificuldade tanto em olhar nos olhos, como em serem olhadas, com exceção de Flávia que já tinha tido experiência com teatro.

Ao perceber que a vergonha tomou conta do exercício, entrei no jogo para quebrar esse medo de olhar e principalmente ser olhado. Percebi, face a face, que o olhar era desviado para o chão ou para qualquer outro canto da sala, menos para dentro dos meus olhos. O relato de Michelle parece oferecer uma explicação para esse medo de olhar:

Então chega na fase adulta, tanto é nesse exercício de olhar nos olhos da pessoa, eu lembro muito bem que eu tava no num clube, e eu tinha mania de ficar encarando as pessoas, até que a minha mãe

me deu um puxão de orelha, falou assim: Para de encarar as pessoas! Desde então eu nunca mais esqueci! (...) É, tem que desviar o olhar, olhar pra cima, pra baixo, pro lado, e não olhar no olho da pessoa. Falou assim: para de encarar! É porque assim, parece que tá caçando encrenca com alguém.

A ouvinte Gabriela em sua entrevista também faz uma interessante reflexão sobre a questão do olhar das meninas trans durante as aulas de teatro:

Uma das que mais me marcou foi uma que a gente dava voltas na sala e tinha velocidades diferentes, né? Velocidades bem diferentes e que você ia numerando 1, 2, 3, 4, 5. E quando você batia palma tinha que olhar nos olhos da pessoa que tava passando por perto até ela sair do seu mapa de visão, e eu percebi que elas tinham uma restrição muito grande a isso, até entre elas. Se eu que era uma pessoa de fora já senti, e percebi que entre elas também não tinha uma familiaridade, eu não entendia eu achava que elas eram tímidas, e é uma coisa normal, mas depois na hora do feedback eu fiquei assustada de ver como foi, né? Que elas falaram que elas não são acostumadas a olhar nos olhos. (...) quando você perguntou por que elas tinham esse medo de olhar, elas falaram que sempre que elas olhavam, elas eram julgadas, como se elas tivessem seduzindo, como se elas tivessem fazendo de uma forma que não fosse bom, porque a família falava: “não faz isso, não olha, não provoca!” Então assim, a pessoa deixa de transparecer o que ela é, sabe? e tenta o tempo inteiro, se disciplinar, se castigar, porque o que é o olhar? É o seu contato com o outro, se elas não podem ter um contato com o outro, o que são elas? Como que elas se constroem o tempo inteiro, e é uma coisa que eu nunca imaginei, que fosse tão dolorido.

O olhar, assim como o comportamento em geral dessas pessoas trans, me parece que desde sempre foi recriminado ou censurado pelas suas famílias. O verdadeiro jeito de ser, ou seja, a verdadeira identidade de gênero dessas pessoas nunca pode ser aflorada ou experimentada, o que reflete e muito nas práticas teatrais. Me identifico quando elas dizem

que não puderam ser elas mesmas durante praticamente toda vida, tiveram que esperar a vida adulta para tomarem as rédeas de suas próprias vidas e finalmente assumirem quem são para si e para o mundo.

No meu caso essa identificação também tem a ver com gênero e sexualidade, pois desde muito pequeno apresentei comportamentos e trejeitos femininos. Na roda de conversa do último encontro eu também compartilho de algumas experiências privadas:

Eu também fui muito recriminado, porque quando pequeno eu era muito afeminado, muito. Até que a minha mãe foi... me tentando moldar pra eu ficar mais masculino, né? Mas eu era um garoto afeminado, eu era muito afetadinho, sempre era chamado de bixinha na escola, de viadinho, sempre fui muito estigmatizado com isso, cresci num ambiente que não era muito favorável. E a gente nasce, cresce nessa sociedade em que a gente não pode ser diferente, a gente não pode ser quem a gente quer, a gente não pode... E a influência feminina né? Eu fui criado pela minha mãe, claro que não tem nada a ver, mas a influência feminina era muito forte.

Desde a infância temos que nos adaptar ao sexo que nascemos e consequentemente a tudo que o gênero representa e significa. O gênero de acordo com a sociedade é colocado de forma vertical e rígida para a criança, que deve ser homem ou mulher. Tudo que quebra ou foge desses dois estereótipos é considerado anormal ou errado. Nascemos e crescemos nesse meio e quando tomamos consciência que somos diferentes a culpa recai sobre nossos ombros, a culpa de olhar, culpa de sentir, culpa de ser.

Planejar é preciso e até obrigatório, mas o que é a pesquisa de fato só saberemos depois de finalizada, às vezes dá tudo certo mas as chances de dar tudo errado também devem ser levadas em conta. Errado talvez não seja a melhor palavra para se usar, mas o incerto. Planejei a primeira aula para que tudo desse certo, mas os imprevistos aconteceram e me frustraram, porém foram justamente esses imprevistos que me fizeram entender que a partir dali poderia construir uma reflexão relevante.

Os imprevistos que me refiro foram esses conflitos que os exercícios causaram às alunas trans. Ao final da aula, na roda de conversa, Flávia relata algo interessante, que na

verdade pode traduzir em outras palavras o que quero dizer, talvez, inclusive sintetize o foco principal da pesquisa:

Então assim, tem um personagem que eu visto, sou eu mesma, mas o meu jeito de ser que eu estou tentando criar um hábito, né? Quando chega aqui tem certas propostas que você faz que desconstroem, e outras constroem. Então assim, mas eu vim disposta a encarar. Então assim, o exercício de voz é um exercício que eu tenho a oportunidade de no meio das pessoas experimentar essas vozes que eu quero alcançar, às vezes não é nem tanto querendo fazer o exercício no intuito de aquecer e ir para onde você quer ir, mas de experimentar.

Algo me chama a atenção quando Flávia diz sobre uma personagem que ela veste para ser ela mesma. Quanto à isso, ela afirma que é ela mesma, que se trata de um jeito de ser que vem criando um hábito, portanto ela não se refere à uma máscara que ela usa ou tira quando sente vontade - como seria o caso de uma pessoa que eventualmente interpreta uma Drag Queen -, mas algo além disso. O que seria então?

A fala de Flávia me faz refletir sobre o que seria essa personagem de fato, e que consequentemente me leva aos estudos de gênero, mais precisamente ao conceito de identidade de gênero tão amplamente discutido pela autora Judith Butler. Por ser um pesquisador em Artes Cênicas, me interessa estabelecer pontes com esses estudos para entender e definir o conceito de identidade de gênero e estabelecer relações com a prática teatral que propus em sala e suas decorrências.

Flávia, logo após mencionar uma certa personagem, ainda revela sobre isso que o que proponho enquanto professor de Teatro ora tem desconstruído, ora construído. Com essa declaração entendo que a aula de teatro que eu ofereci, tanto os aquecimentos quanto a prática em si, oferece momentos que às vezes podem funcionar como um laboratório de experimentação para essa identidade de gênero em exercício como também para desconstruí-la.

Quando Flávia usa o termo personagem, palavra bastante comum para quem trabalha ou tem pesquisas relacionadas ao Teatro, proponho uma relação dele com o conceito de performatividade estudado por Judith Butler (2003). A autora afirma que a performance

repetida de gênero seria uma reprodução e também uma nova experiência de significados socialmente estabelecidos, bem como uma forma de legitimação, ou, em suas próprias palavras,

(...) atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. (BUTLER, 2003, p.194).

Com essa definição, poderia compreender pelas palavras de Flávia, que uma vez estimulada a pesquisar o seu próprio corpo como preparação para a cena, os efeitos provenientes poderiam desestabilizar a performatividade de gênero almejada. E mesmo fugindo dos aspectos bons ou ruins, posso dizer que essa situação é bastante complexa e torna a pesquisa um tanto emblemática.

O fato é que meu objetivo inicial não seria bem esse, porém a prática teatral que visava a cena poderia proporcionar brechas para um espaço de experimentação vocal e gestual de acordo com a identidade de gênero pretendida. Segundo essa percepção da aluna, concluo que o que eu estava propondo para elas, mulheres trans, seria uma via de mão dupla, um espaço de criação próximo da ambiguidade, que tem suas delícias, mas também tem os seus espinhos.

Compreendo que é constrangedor para as alunas trans passarem por exercícios de voz que podem denunciar uma voz masculina, mas não se trata de aniquilar aquecimentos como esse. Com esse *feedback* comprehendi que poderia adequá-los aos reais interesses corporais trazidos por elas para dentro da oficina. O grande desafio, nesse caso, seria começar a adaptar as aulas ao que elas queriam e buscavam, no entanto senti dificuldade em me desvincilar do projeto inicial, como se não houvesse um plano B ou realmente existisse uma cristalização do meu objetivo principal com a oficina.

Hoje tenho uma visão mais concreta do que aconteceu, e talvez pelo calor dos acontecimentos tenha havido uma resistência da minha parte em compreender o que estava ocorrendo durante as aulas e incluir isso nas próximas práticas de alguma forma.

Transformar ou readaptar todo o projeto ainda não era uma opção e talvez isso tenha interferido no planejamento das próximas aulas que ainda estariam por vir.

❖ CICLO 7 – Oficina - *Segundo Encontro*

Para o segundo encontro não estive tão apreensivo e ansioso quanto no primeiro, porém o atraso das alunas foi um fator que me deixou bastante inseguro quanto à assiduidade e sobretudo pontualidade com as aulas. O encontro marcado para às sete horas só teve início após as oito horas, pois resolvi esperar as pessoas que ainda não haviam chegado. Compareceram ao encontro as alunas trans Flávia, Michelle e Andressa e a ouvinte Gabriela.

Conforme havíamos combinado no primeiro encontro, Michelle ficou responsável de levar o diário de bordo. Começamos a aula em roda para lermos e discutirmos o que aconteceu no encontro passado de acordo com seus escritos, que relataram de maneira bastante resumida e objetiva o seu ponto de vista da prática. Surpreendentemente, Michelle sintetiza todos os pontos de observação que eu também havia percebido enquanto professor pesquisador - os conflitos corporais oriundos das práticas como voz, olhar e timidez exacerbada:

Uberlândia, 11 de Agosto de 2014.

As dinâmicas de hoje foram interessantes para a desenvoltura de cada um, quebrando algo que nos prendia de nos relacionar com outras pessoas. Na questão da voz, muito importante além de exercitar é se sentir à vontade de projetá-la, algo que tenho muita dificuldade.

Não tenho problemas em falar em público, mas o que me trava muito é a minha voz que está em desacordo com a minha identidade. Quando tinha que olhar nos olhos de outras pessoas, involuntariamente, desviava o meu olhar a fim de se evitar o contato visual.

Coisa que está cravada em mim, já que quando era criança, tinha o costume de olhar fixamente para outras pessoas, mas um dia a minha mãe me repreendia quando fazia isso.

Acredito que este trabalho vai nos ajudar muito, dando a oportunidade de sermos nós mesmos, de por para fora todo aquele sentimento reprimido na infância.

Michelle claramente descreve seus conflitos internos e externos provenientes das experiências que teve em sala de aula. Sua voz e seus olhos deram os primeiros sinais que além de expor, a aula de teatro poderia trazer à tona problemas de aceitação e de comportamento advindos da infância que teve. É interessante observar que mesmo com os embates corporais, Michelle consegue achar uma razão para que seu corpo responda aos estímulos com certa resistência: a memória.

A percepção corpo memória da aluna foi um forte indício de que este poderia ser um caminho pertinente para dar continuidade à pesquisa individual de lembranças pessoais sobre a questão da transexualidade, que daria norte às criações cênicas posteriormente. A problematização do corpo trans me pareceu um interessante viés para servir de tema para o processo criativo, que até então era o meu objetivo inicial e principal.

Para esse encontro havia planejado uma continuação das práticas que havíamos iniciado no primeiro encontro e um aprofundamento no trabalho sensitivo de corpo/espacô, inspirado pelas práticas que fiz na disciplina de Performance durante a graduação. Também procurei exercitar a escuta enquanto professor, e adaptar os exercícios de alongamento e aquecimento vocal para propostas menos constrangedoras e mais objetivas.

Por exemplo, para os alongamentos corporais tomei cuidado para que não houvesse a exposição desnecessária dos órgãos genitais das participantes. Já para o aquecimento vocal propus cantarmos uma música juntos, que inclusive tem uma coreografia que integra letra e movimentos marcados: *Escravos de Jó*. Dessa maneira acredito ter conseguido suavizar os constrangimentos da última aula e ao mesmo tempo estimular o aquecimento dos corpos das alunas.

No entanto, hoje percebo que ao tentar evitar “constrangimentos”, acabei deixando de lado a possibilidade de experimentação corporal/gestual comentada por Flávia. Paradoxalmente, talvez isso tenha causado uma espécie de distanciamento entre a prática e o que elas realmente procuravam, negando a possibilidade de experimentação performática de suas identidades de gênero.

O que desenvolvemos durante o encontro teve o intuito de dar continuidade ao que havíamos iniciado: estímulos de olhar, interação de grupo e concentração. Além disso demos início a um trabalho de pesquisa sensorial focado no corpo em relação com o espaço.

A primeira prática foi bem simples. Em roda, o objetivo era olhar para alguém e jogar uma bolinha de forma leve para essa pessoa, estimulando o contato visual e concentração.

Depois retirar a bolinha, e ao invés de jogá-la, o exercício seria olhar e caminhar até alguém da roda e trocar de lugar com essa pessoa, e assim por diante.

Depois retomamos as caminhadas pela sala, sempre estimulando o olhar entre as participantes, e variando andamentos conforme os meus comandos de velocidade que oscilavam entre os números de 1 a 10: 1 (muito lento ou câmera lenta), passando por 5 (velocidade normal) e no máximo 10 (muito rápido). Durante essa prática se buscava também a conexão do grupo, de forma que todos deveriam andar na mesma velocidade, em busca de uma sintonia entre as participantes.

Durante esse exercício pude perceber nos rostos das participantes expressões de desconforto e até hesitação, e pude rapidamente ler que aquela prática parecia não agradar. Por vezes pude ler que aquilo, de alguma forma, não fazia muito sentido para as alunas trans, que pareciam se perguntar o porquê e qual o sentido ou importância de estar fazendo aquilo.

Além disso, a prática seguinte teria ainda mais rejeição do que a primeira. Em determinado momento desliguei a luz da sala e pedi que deitassem no chão, com o intuito de deixá-las mais à vontade, inclusive por causa da questão corporal. O exercício basicamente estimulou o foco na respiração, inspirar e expirar em andamentos, para trabalhar consciência e controle de respiração.

Percebi que as alunas estavam com uma grande dificuldade de se concentrar, então pedi que começássemos uma contagem em grupo, cada um deveria contar um número de cada vez, sem repetir ou falar junto com mais alguém, caso contrário voltaríamos à estaca zero. Um exercício que era para buscar a concentração de grupo acabou desconcentrando ainda mais, já que elas, quando não tinham crises de riso, teciam muitos comentários ou até reclamações para mudarmos o jogo.

Ao notar novamente desconfortos em relação à prática, decidi pular para a próxima atividade planejada: andar pela sala ainda com a luz apagada e estabelecer relações do corpo com o espaço estimulando os sentidos como olfato, tato, audição e visão. Foi quando eu tive a prova real de que a minha condução estava indo para a direção errada. Além das reclamações verbais por parte das alunas, uma delas, Andressa, começou a chorar e saiu do recinto acompanhada por Michelle sem maiores explicações.

Admito que naquele momento senti que estava equivocado com a ementa da oficina, pois ao invés de acolher as alunas estava espantando-as. Pior que isso, as práticas que propunha causavam desconfortos e possivelmente desinteresse, por não haver compatibilidade de expectativa para elas e para mim enquanto professor pesquisador. Talvez

tenha havido um problema de planejamento das atividades que, colocadas em prática, evidenciaram um conhecimento ainda superficial sobre o grupo.

Andressa e Michelle foram embora no meio da aula e me deixaram com uma dúvida cruel: o que está acontecendo de errado com a oficina? O motivo que deixou Andressa emotiva talvez nem tenha tido relação em si com o que estávamos fazendo, mas possivelmente fosse proveniente dos exercícios, uma vez que a prática estimulava a sensibilidade corporal.

O que era, eu não sei, mas de qualquer forma acredito que o “x” da questão tinha a ver com acolhimento. Ora, tinha me lançado a um desafio que nem eu mesmo tinha dimensão de sua complexidade e seus obstáculos, que exigia confiança mútua entre professor e alunas e também uma harmonia de grupo. Analisando minha postura de professor, acredito que houve falhas na tentativa de acolher as alunas e deixá-las mais otimistas quanto ao processo.

Creio que ao insistir no experimento de desenvolver uma prática baseada na experiência que tive na disciplina Interpretação V “Performance” durante a graduação, acabei não dando a atenção necessária aos sinais dados pelas alunas do que elas realmente procuravam na oficina. Esses exercícios não são exclusivos de uma prática em performance: são exercícios de percepção, de conhecimento de si, que talvez fosse o que elas menos queriam nesse momento, porque isso fazia com que elas se confrontassem com seus corpos e suas escolhas. Tinha convicção que o desfecho da oficina estava indo para o lado oposto ao que elas esperavam, e talvez isso explicasse o desinteresse, a desconcentração e até os visíveis atrasos para chegada ao encontro.

Logo após o episódio da crise emocional de Andressa decidi finalizar o encontro mais cedo, e fechar com uma roda de conversa entre as que ficaram. Perguntei às pessoas presentes se alguém sabia o que havia acontecido com Andressa, mas ninguém soube dizer o motivo. Mas graças à sinceridade da aluna Flávia, foi justamente nessa roda de conversa que obtive o *feedback* mais concreto e preciso sobre as minhas suspeitas: havia um choque de expectativa.

Flávia demonstrou toda sua insatisfação e frustração com a oficina de teatro para pessoas trans, ela disse que estava descontente com o direcionamento que a oficina estava tomando. Ela definiu a oficina como chata e portadora de poucos recursos, explicando que não havia figurinos, cenários, músicas para dublagem, diversão e *glamour*. Na entrevista com ela essa decepção também se confirmou:

Eu acho que um guarda roupa cheio de coisas pra experimentar, pra brincar, a gente quer assim, a gente quer participar da oficina, se expor, mas assim como se fosse um personagem que tivesse ali, entendeu? Às vezes falar das minhas vivências, mas assim, eu não quero deixar claro que sou eu, que passei por aquelas coisas. Então com um guarda roupa a gente poderia fantasiar mesmo. (...) Experimentar outras coisas, e eu acho que é isso, e também isso que eu te falei, trazer alguém para fazer o projeto com você, porque às vezes você pode fazer com dois orientadores um da psicologia e um do teatro.

Ao analisar a fala de Flávia, percebo o quanto a divulgação da oficina deu margem para outras interpretações do público. Ao ofertar uma oficina de teatro para a comunidade transgênero, mesmo que eu tivesse consciência plena dos meus objetivos, não deduzi que as pessoas ao lerem o anúncio poderiam fazer outras leituras. Flávia demonstrou que tinha uma perspectiva bastante discrepante do que a oficina estava sendo de fato.

Como ela mesma disse anteriormente, relata que enxergou na oficina a possibilidade de funcionar como um laboratório para aprimorar a sua performance feminina, e agora, também descreve que o ambiente ideal deveria oferecer artefatos e dispositivos concretos que estimulassem a experimentação cênica como cenários e figurinos femininos extravagantes.

Interpretei que Flávia almejava uma oficina de teatro muito próxima dos shows de transformismo e de *Drag Queens*. Porém, essa utilidade estava longe do meu objetivo de construir cenas ou performances a partir de vividos das alunas. Inclusive isso me fez refletir e me questionar em relação à proposta da oficina. Será que o projeto estava equivocado? Era melhor ter ofertado algo mais próximo do trabalho artístico de *Drag Queen*, que inclusive já havia ministrado em outras oportunidades? Mas *Drag Queen* não é diferente de identidade de gênero?

Flávia diz que gostaria de participar da oficina como uma personagem, poderia até falar de suas vivências, mas sem deixar claro que seria ela a autora de tais experiências. Sobre isso chego à conclusão que o que estava faltando nas aulas era um princípio básico e primário do teatro: o lúdico. Acredito que em outras palavras era isso o que ela estava

querendo expor, o que ela sentia falta era o caráter lúdico das aulas de teatro, que ela tinha experimentado quando fez algumas disciplinas do curso de Teatro da UFU.

Quando ministrei oficinas de caracterização de *Drag Queen* me recordo que utilizei essencialmente os mesmos recursos aos quais Flávia estava sentindo falta: músicas alegres e pertencentes ao meio LGBT, figurinos femininos extravagantes, perucas, etc. Artifícios que proporcionavam experimentação e criação de uma persona que estereotipava exageradamente o lado feminino de ser àqueles que estavam se montando, e que logo estimulavam o lúdico. Mas é interessante observar que os públicos esperados eram outros: em sua maioria os alunos eram formados basicamente por homens gays, tanto na primeira (realizada durante uma parada de orgulho LGBT), quanto a segunda (ofertada para alunos do curso de Teatro da UFU).

Geralmente, quem se monta de *Drag Queen* são homens homossexuais, e não mulheres transexuais, por isso não cogitei esse direcionamento para a metodologia da oficina. Inclusive julgava que seria até desrespeitoso com a identidade de gênero de pessoas trans oferecer uma prática que estimulasse a imitação da performance feminina de maneira tão exagerada, uma vez que pessoas trans buscam a naturalização e internalização do gênero que se identificam.

Se a drag-queen propositalmente exagera os traços convencionais do feminino, se exorbita e acentua “marcas” corporais, comportamentos, atitudes e vestimentas, ela não o faz com o propósito de se “passar por uma mulher”, mas sim com o propósito de exercer uma paródia de gênero. (...) A drag repete e exagera, se aproxima, legitima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia. Conforme acentuam teóricas e teóricos, tal paródia – característica da pós-modernidade – não significa a imitação ridicularizadora, mas sim uma “repetição com distância crítica que permite a indicação irônica da diferença no próprio âmago da semelhança” (Hutcheon, 1991:27). Isto pode significar apropriar-se dos códigos ou das marcas daquele que se parodia para ser capaz de expô-los, de torná-los mais evidentes e, assim, subvertê-los, criticá-los e desconstruí-los. Por tudo isso, a paródia permite repensar ou problematizar a ideia de originalidade ou de autenticidade (LOURO, 2003, p. 05).

De fato, a figura da *Drag Queen* é uma figura subversiva que tem o seu valor nos questionamos dos estereótipos de gênero presentes na sociedade. Mas não era com base nisso que eu gostaria de trabalhar, não naquele momento. Particularmente me interessava muito mais quem eram aquelas pessoas trans, o que elas queriam dizer, suas memórias, seus corpos, suas vidas, suas identidades, tudo isso vivo em cena. Realmente não gostaria que as alunas

vestissem máscaras ou se escondessem atrás de personagens, mas ao chegar nesse ponto decisivo da pesquisa, decidi mudar os rumos da metodologia da oficina pela sua própria sobrevivência.

Logicamente não iria mudar a metodologia a ponto de transformar a oficina num laboratório de *Drag Queen*, até porque eu acreditava que essa não seria a melhor proposta para atender aos *feedbacks* de Flávia. Para mim, o grande desafio seria oferecer uma prática que ao mesmo tempo fosse interessante ludicamente e que atendesse de forma mais apropriada à expectativa das alunas. Resumindo, as próximas aulas deveriam ser marcadas por uma tentativa de reaproximação ao público da oficina.

❖ CICLO 8 – Oficina - *Terceiro Encontro*

A frustração começou a tomar conta de mim enquanto professor, enquanto pesquisador e principalmente enquanto pessoa. Muitas vezes me senti desanimado sobre a oficina, e desestimulado a continuar ao enxergar que as coisas não estavam dando certo como havia planejado. Antes do terceiro encontro houve um encontro que não aconteceu por falta de alunas, cheguei para dar aula e fiquei esperando-as chegarem, mas a única a chegar foi Flávia e após uma hora decidimos cancelar a aula, devolver a chave da sala e ir embora.

Depois desse ocorrido, procurei Michelle e Andressa que justificaram que chegaram depois que eu havia ido embora, que estavam atrasadas por conta das consultas no ambulatório Em Cima do Salto. Elas justificaram que a segunda feira não estava sendo um bom dia para a aula, pois era o único dia em que tinham atendimento no ambulatório. Ou seja, além dos problemas internos da aula, ainda devia pensar um novo dia da semana para os encontros.

Após uma semana, o terceiro encontro finalmente aconteceu e foi marcado como um divisor de águas da oficina. Mesmo ligando e postando recados no *facebook* tivemos apenas uma aluna (Flávia) e uma ouvinte (Gabi). Abortar a minha ideia inicial não foi uma tarefa fácil: ou mudava os rumos da oficina ou o seu fim estaria próximo, mas ainda restavam algumas chances. As tentativas de salvar a oficina já estavam devidamente planejadas e engatilhadas.

Para essa aula preparei dinâmicas mais divertidas e jogos teatrais direcionados à cena, que de alguma forma iriam estimular o lúdico. Começamos aula lendo o diário de bordo que havia ficado com Flávia desta vez:

Protocolo 2.

- *Aquecimento*
- *Escravos de Jó.*
- *Tato, olfato e audição.*

*A atividades nos levou a
buscar as sensações dos outros órgãos
Da face (cabeça)
- Audição (Orelha)*

Nariz e também a pele

A ausência

Das colegas foi muito

Sentida e terminamos mais cedo por esse motivo!

Andressa estava mal...

Relação com

O “cubo preto” à meia luz.

Flávia.

Apesar de ter demonstrado que não estava contente com as diretrizes da oficina na roda de conversa do último encontro, Flávia não expôs essa opinião no seu registro do caderno de bordo. Nota-se uma superficialidade em descrever o encontro com algumas atividades e o fato que resultou na saída repentina de Andressa da aula, e que por isso encerramos a aula mais cedo.

O fato de terem comparecido ao encontro apenas Flávia e Gabriela nos soou bastante desestimulante, mas foi então que resolvi entrar para as práticas e fazer a aula juntamente com elas. A primeira atividade foi “Na minha rua só passa...”, uma atividade bastante divertida e focada principalmente para estimular o lúdico. Nesse momento orientei as alunas que elas poderiam ser tudo o que elas quisessem desde personas, animas, coisas, etc. Depois jogamos o jogo tradicional “Quem, onde e o quê”, com vários papéis dobrados e pré-definidos de personas, lugares e situações. Sorteamos e improvisamos cenas inspirados pelas informações que saíam.

Nas nossas combinações de três surgiram diversas cenas, e nós nos divertimos muito, pois a maioria das improvisações eram situações bastante inusitadas. Observei que estando dentro do jogo o meu lado ator se sobressaía e o lado pesquisador observador ficava meio de lado, mas ainda assim pude observar pontos interessantes.

Ao oferecer uma aula mais dinâmica e lúdica, a aluna e a ouvinte tiveram a possibilidade de estar no lugar de outras pessoas, assumir personagens diferentes. Apesar da leveza da aula e do ar de alegria, esse encontro trouxe novas reflexões acerca da relação entre identidade de gênero e práticas teatrais. Foi quase inevitável fazer comparações entre Flávia e Gabriela. Observei que a ouvinte Gabriela tinha muita destreza em assumir várias

personas, enquanto Flávia teve muita dificuldade em se desvencilhar da sua performatividade de gênero feminina. Gabriela e eu assumimos tanto papéis condizentes com nosso gênero quanto do oposto, mas Flávia se colocou exclusivamente em papéis femininos.

Mesmo que a aula tenha sido bastante divertida a ausência das outras participantes deixou claro que a oficina estava se esvaindo, e que seria necessário traçar mais uma meta para salvá-la. Ao término do encontro tive clareza que seria preciso reconquistar todas as alunas, levando em consideração todas as críticas e as observações realizadas nos encontros anteriores. Além disso havia mais um obstáculo: as alunas trans informaram que teriam que faltar na semana seguinte por terem de ir em uma reunião no ambulatório *Em Cima Do Salto* que seria realizada no mesmo horário do nosso encontro. Com isso, decidi também participar da reunião e as informei que nos encontrariamo no campus Umuarama (local onde seria realizada a reunião). Na verdade percebi que a mudança do encontro seria positiva, pois lá haveria outras pessoas trans e com isso poderia divulgar a oficina e quem sabe recrutar novas participantes.

❖ CICLO 9 – Oficina - *Quarto Encontro*

Esse encontro teve a difícil missão de “salvar” a oficina da falência. Procurei, na medida do possível, atender a todas críticas e sugestões por parte das alunas, principalmente as que apontaram insatisfações que variavam desde a metodologia das aulas até o dia da semana em que nos encontrávamos. Até porque elas justificavam que segunda feira não era um bom dia por ser começo de semana e por haver reuniões no ambulatório *Em Cima do Salto*, o que dificultava a pontualidade e assiduidade nos encontros.

Com isso, tomei a iniciativa de transferir o encontro semanal das segundas-feiras para as quintas-feiras, permanecendo no horário noturno. Com a mudança, um ponto positivo surgiu: consegui reservar a sala de encenação do outro bloco (3M) que, devido a sua estrutura, tem acústica e iluminação ideais para uma prática teatral, muito diferente da luz fria e dos irritantes ecos que a outra sala nos oferecia.

Como na semana anterior não nos encontramos porque a aula foi substituída pela reunião no ambulatório Em Cima do Salto, acumulamos dois protocolos no diário de bordo, e coincidentemente ambos ficaram sob minha responsabilidade. O primeiro continha um pequeno desabafo em relação aos caminhos que a oficina estava trilhando e os registros das atividades da última aula. O outro sobre a reunião no ambulatório, que teve como pauta as manifestações acerca da adoção do nome social para pessoas trans na Universidade Federal de Uberlândia e a reivindicação da cirurgia de readequação de sexo para pessoas trans.

Decidi ir para conhecer as outras pautas e também divulgar novamente a oficina, numa tentativa de conseguir mais alunas trans. Estavam lá as minhas três alunas trans, Flávia, Andressa e Michelle, e mais outras tantas pessoas trans e também travestis. Flávia se dispôs a ler o primeiro protocolo para a turma:

Protocolo 3 – Sobre o encontro do dia 08 de Setembro de 2014.

André Luiz Silva Rodovalho

Ultimamente eu ando com medo. Medo de que @s alunxs não venham mais fazer as aulas, pois os últimos encontros não tem acontecido devido as faltas e atrasos.

Mas hoje a aula aconteceu! E mesmo que eu tenha readaptado o meu planejamento devido ao número de alunxs, a aula foi bem divertida em sua proposta.

Estavam presentes Flávia, Gabriela e eu. Fizemos um jogo teatral bem tradicional, o chamado “Quem, onde e o quê.” Diferentemente do de costume, deixei que @s presentes escrevessem os tipos de “Quem”, os lugares e as situações. Diante disso sorteamos os papeizinhos, cada um pegou um papelzinho de “quem”, e escolhemos um lugar e uma situação. Assim, nesse esquema, improvisamos várias cenas, no começo houve uma confusão com certos papeizinhos, mas logo consertamos o problema.

Me lembro que surgiram cenas hilárias por serem divertidas e engraçadas. A primeira cena me recordo que eu era um tarado, e a Flávia era uma observadora da ponte e a Gabriela uma criança perdida. Também surgiram cenas ótimas que deram muito pano pra manga. Uma que se passava próximo a uma academia e havia uma feira, a Gabriela fez uma modelo que saia da academia, eu fiz um feirante e a Flávia uma mulher louca, muito engraçada por sinal.

A última cena foi a mais inusitada pois foi um programa infantil com direito a descida da nave espacial e tudo. Eu era a apresentadora, confesso que me inspirei na Xuxa, a Gabi era uma idosa e a Flávia, como sempre a mais ousada, fez o papel de uma macumbeira.

Eu tinha planejado outras atividades, jogos e exercícios, mas com apenas duas alunas o mais viável foi fazer apenas esse jogo, muito divertido por sinal. Decidi encerrar a aula mais cedo e fiquei com o caderno de protocolos para fazer o protocolo dessa aula.

Após finalizar a leitura, Flávia teceu uma crítica à forma como me referia a elas (alunas trans) substituindo o artigo feminino ou masculino dos sujeitos ora pelo “@” ora pelo “x”. Flávia disse que eu estava dando aula para mulheres trans, e que todas elas já haviam feito sua transição de gênero, apesar de não terem realizado a cirurgia de readequação sexual. E que por isso a escrita deveria se referir a elas sempre no feminino,

deixando claro que esse tipo de tratamento (@ ou x) soa um pouco ofensivo e que pode colocar em dúvida suas identidades de gênero.

Cometendo mais uma “gafe”, percebi o quanto estava equivocado em reproduzir uma linguagem que já havia lido inclusive em alguns artigos acerca da transexualidade. Novamente friso o quanto foi importante ouvir as pessoas trans e ter um cuidado mais sensível ao falar delas ou por elas, nada se compara às vozes próprias delas. Pedi desculpas pelo ocorrido e reforcei que o campo de pesquisa me ensinou muitas coisas e que este foi mais um aprendizado. Depois de Flávia, foi a vez de Michelle ler o segundo protocolo da reunião no Em Cima do Salto:

Protocolo 4 – Sobre o encontro do dia 15 de Setembro de 2014.

André Luiz Silva Rodovalho

Segunda feira passada não tivemos aula, mas nos encontramos no campus Umuarama para uma reunião sobre o direito da cirurgia de readequação sexual. Quem ministrou a reunião foi a Professora Dra. Flávia Teixeira que fundou o ambulatório para transgêneros no Hospital de Clínicas da UFU. O que mais tarde deu origem ao projeto “Em cima do salto”.

Essa reunião foi muito importante para eu conhecer mais sobre esse projeto e entender as dificuldades de todxs na luta pelos direitos trans. Pude também compreender como essa luta está difícil, uma vez que não é uma luta recente, e as dificuldades de todxs na luta pelos direitos Trans. Pude também compreender como essa luta é recente, e as tentativas de conseguir o credenciamento do Hospital de Clínicas não foram poucas.



Registro de aula: Michelle lendo o protocolo da última aula para a turma. Foto: Thiago Crepaldi.

Ficou bem claro pelas palavras de Flávia que há uma forte resistência contra esse tipo de cirurgia na UFU. A autorização do credenciamento do hospital para cirurgias de readequação sexual já foi dada duas vezes e mesmo assim até hoje nenhuma cirurgia foi realizada. O que a atual administração alega é que o hospital está em crise devido à falta de estrutura física (leitos e horários disponíveis).

Flávia fez um apelo a todos envolvidos no projeto Em cima do Salto. Pediu que todos colaborem nessa luta, pois ela está cansada de lutar sozinha. Serão organizadas algumas ações, uma espécie de mobilização para que o hospital se credencie e dê início às cirurgias. Será organizado um abaixo assinado e algumas outras ações até o dia da parada gay (19/10).

A comunidade trans não quer mais ouvir que a cirurgia de readequação de sexo é menos importante que outros tipos de cirurgias.

Ao final da reunião fui convidado pela Flávia a me apresentar e pude então falar sobre a oficina de teatro para o público trans e convidar quem estivesse interessado. Foi muito gratificante estar com aquelas pessoas e poder compartilhar desse momento de luta pelos direitos ao corpo trans.

Estavam presentes as alunas Andressa, Michelle e Flávia, bem como Gabi que acompanha nossas aulas.

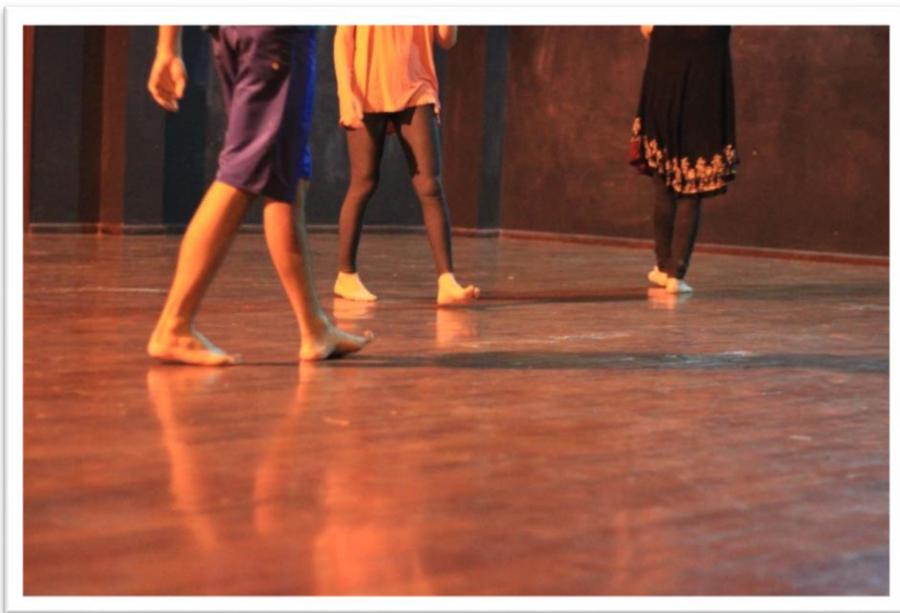
Para iniciar esse encontro fiz o possível para deixar as alunas mais à vontade, para isso abaixei a luz da sala e pedi que se deitassem no chão, fechassem os olhos e tentassem se desligar do mundo exterior. Depois solicitei que, cada uma no seu tempo, se espreguiçasse, se levantasse usando os apoios do corpo começasse um alongamento individual – isso evitaria possíveis constrangimentos em relação ao corpo delas, além de ser um interessante momento de autonomia e escuta corporal própria.



Registro de aula. Foto: Thiago Crepaldi.

Como no encontro anterior saí da zona de conforto do posto de professor e participei integralmente das práticas juntamente com as alunas, a fim de estimular as alunas de dentro do jogo. Para melhorar o vínculo e a confiança em grupo propus uma prática bastante comum em grupos teatrais: os participantes formam uma “cama humana” com os braços apoiados uns nos outros enquanto uma pessoa sobe em um nível superior e tendo confiança nos seus colegas literalmente “se joga”. A proposta foi recebida com estranhamento pela maioria, e na prática não foi muito diferente, apenas algumas se encorajaram a aceitar o desafio.

Depois coloquei uma música instrumental para as alunas caminharem pela sala, soltarem seus corpos e começarem a interagir. A música além de descontrair o ambiente, também funcionou como um bom estímulo para a improvisação de pequenas ações corporais como perceber o próprio corpo em relação ao espaço da sala e experimentar formas diferentes de andar.



Registro de aula. Foto: Thiago Crepaldi.

Em seguida, coloquei em prática o jogo da estátua: em duplas as alunas teriam que se dividirem em artistas e obras, uma seria a escultora que deveria moldar o corpo da colega para construir uma obra de arte, depois mudava as posições. O objetivo final do jogo era formar uma exposição de arte onde as esculturas seriam expostas e nominadas. Quis experimentar esse jogo porque sempre é divertido e para quebrar um pouco os tabus e paradigmas corporais do toque e da convivência durante a oficina. Ao tocar os corpos umas

das outras para desempenhar a prática, elas poderiam se sensibilizar, ao mesmo tempo construir um pouco de intimidade e, quem sabe, uma identificação corporal.

O jogo foi bem oportuno, até eu entrei na brincadeira. É muito interessante observar como um jogo de duplas tão simples pode descontrair as alunas e ao mesmo tempo evidenciar a criatividade, estimular suas expressões corporais, circunstâncias que ainda estavam reprimidas nos últimos encontros.



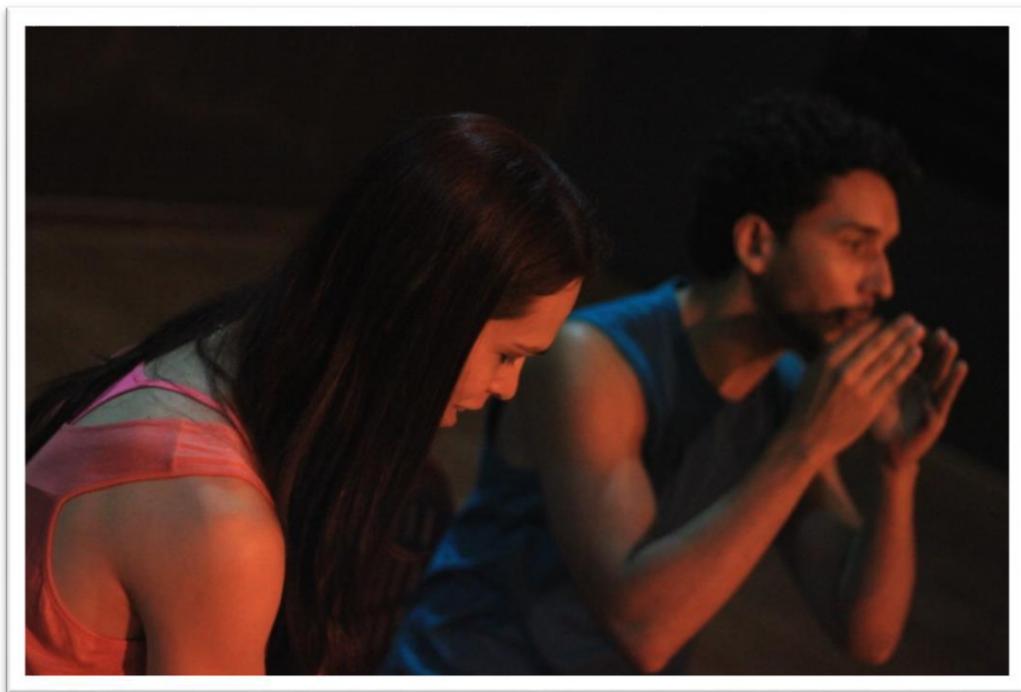
Registro de Aula: Jogo da estátua. Foto: Thiago Crepaldi.

As dinâmicas que se seguiram foram basicamente improvisações livres. Propositalmente quis deixar esse momento o mais livre possível para dar abertura para temas levantados pelas próprias alunas. Talvez fosse uma chance de trazerem à cena possíveis memórias ou temas e assuntos de interesse. A única regra estabelecida era a relação palco e plateia, bem como o impulso da iniciativa de alguém começar alguma ação na área da cena.

Pode-se dizer que o resultado foi bastante interessante, as cenas foram surgindo de forma espontânea e quase instantaneamente temas tabus – mas não necessariamente ligados à questão trans - foram aparecendo. Todas as alunas participaram, algumas com mais liberdade outras mais tímidas como Andressa, que necessitou de um estímulo a mais, mas acabou cedendo e se arriscou na cena.

Dentre as cenas mais relevantes quero destacar duas: a primeira aconteceu entre Michelle e eu. A cena foi improvisada em um contexto familiar entre mãe e filha, Michelle fez a filha e eu fiz a mãe, e a trama resumidamente consistia em uma filha que confessava à

mãe que havia pegado escondido os seus brincos de ouro. O desfecho simples foi o bastante para que houvesse sinceridade na nossa improvisação. O que me chamou a atenção foi a fé cênica de Michelle, que realmente acreditou que eu era a sua mãe e ela era minha filha.



Registro de aula: improvisação cênica. Foto: Thiago Crepaldi.

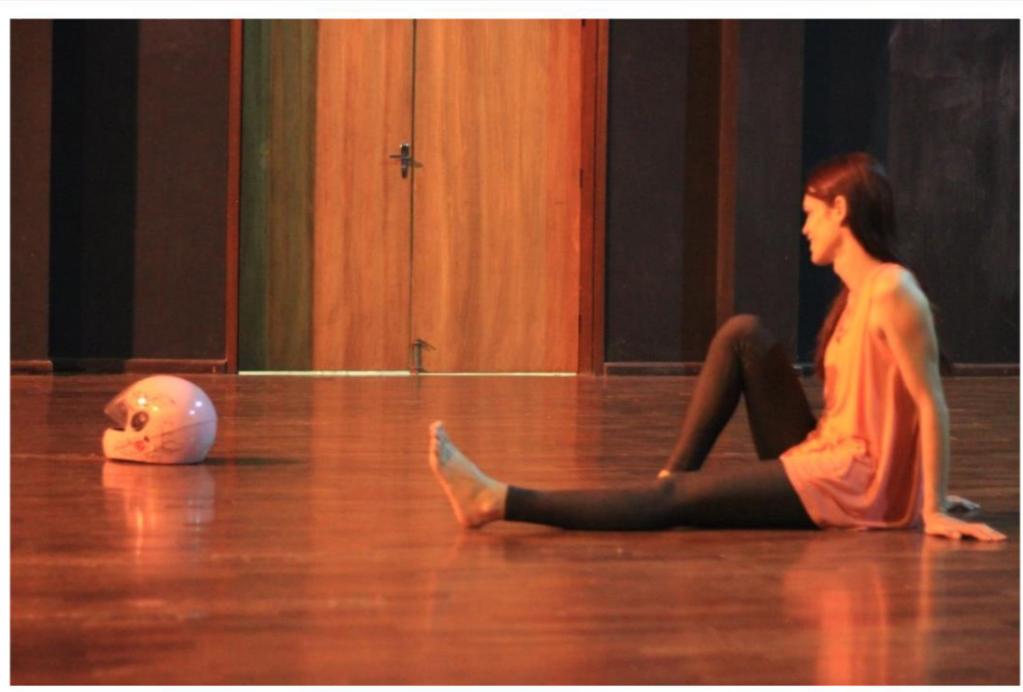
A outra improvisação se passou numa sala de aula de ensino fundamental, ou seja, na história todas interpretavam crianças, inclusive eu. O que mais me chamou a atenção nessa cena foram os temas discutidos pelas crianças: racismo e ditadura da beleza. Uma nova aluna chega à sala de aula. Depois de apresentada pela professora, ela se senta ao lado de uma outra garota que começa a implicar com a novata por ela ser negra.

Apesar de nenhuma das cenas improvisadas terem a ver com o tema da transexualidade, acredito que a questão do racismo levantada demonstra certo avanço no sentido de refletir questões tabus na cena. Na verdade, foi um salto enorme em relação às outras aulas, e acredito que isso se deve ao ambiente harmonioso que se instaurou na aula. Todas participaram e se envolveram nas práticas propostas. Ao final da aula, em roda, discutimos o quanto a aula tinha sido boa e confessei a elas que estava muito feliz com o rendimento do encontro, que havia acontecido coisas maravilhosas durante a aula e que este era o caminho. Ao final, o diário de bordo ficou com o ouvinte Thiago Crepaldi. Este

protocolo não chegou a ser lido publicamente, mas por ele dá para ter uma boa noção de como foi esse encontro:

Protocolo 5 – Imagens, dizeres, construções para revisitar e refletir sobre o encontro do dia 29 de Setembro de 2014.

Para contar/inventar como foi o encontro da semana passada selecionei três fotografias vividas, sentidas, experienciadas durante a oficina. Elas dizem um pouco das pessoas que participaram, da pessoa que fotografou, das pessoas que foram fotografadas. A luz estava ótima! O dourado coloriu os corpos deixando-os quentes, vivos, alegres e reais.

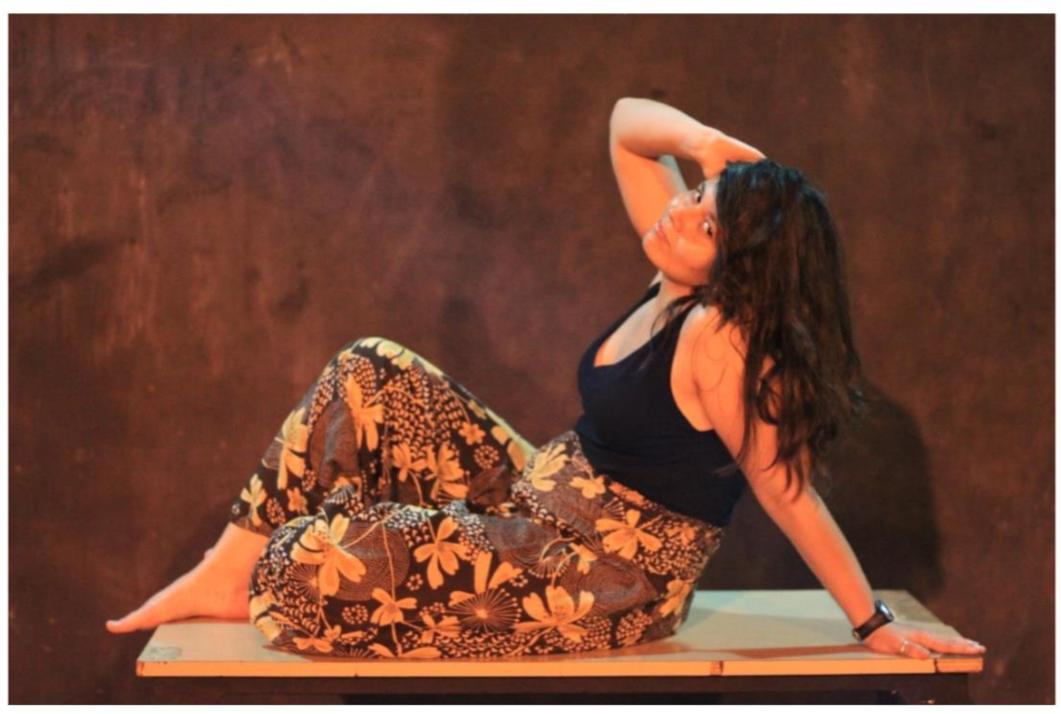


Registro de Aula. Thiago Crepaldi.

... Fomos convidados a sair de nós mesmos. Mergulhados no escuro afastamos-nos de nós mesmos. Éramos breu, vazio, universo. (1^a atividade: Deitar no chão e alongar-se).

Somos domináveis, controláveis. Nos deixamos ser guiados, levados e conduzidos. Somos moldados. Deixamos que nos moldem.

Deixamos que nos digam quem somos, como somos. Depois, dizemos que somos isto ou aquilo. Por fim esquecemos de quem realmente somos ou quem realmente poderíamos ser! (Atividade 2: Estátuas, molduras de “nós”)



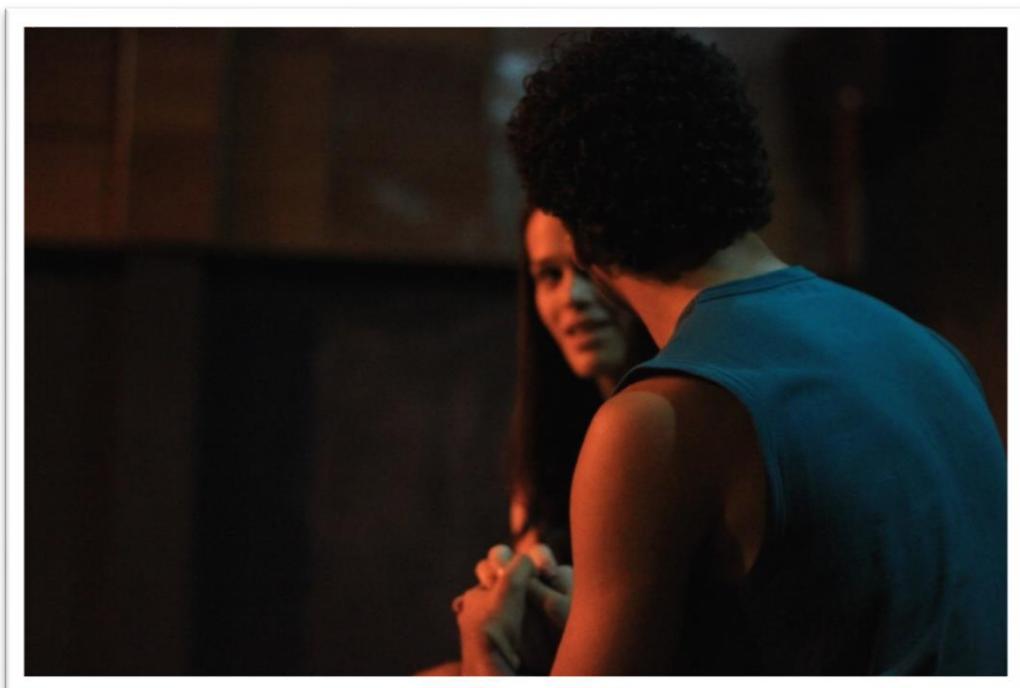
Registro de aula. Foto: Thiago Crepaldi.

No cinema diriam “luz, câmera, ação!” Nossos corpos performariam. Aqui nossos corpos também performam. Somos personagens. Por vezes não conseguimos performar que não nós mesmos. Nos inventamos enquanto personagens. Vivemos este papel.

... Fomos convidados a reinventar. Novas personagens surgiram. Tínhamos outros nomes, outras relações de parentesco e de amizade. As vezes deixamos de ser homem ou mulher. Alguns se permitiram ser crianças, mãe, pai, filha, irmã, bandido, professora, aluna ou aluno. Estes personagens efêmeros existiram, foram reais. Alguns foram retratados, outros foram tão voláteis quanto as ideias que se perdem com o tempo. A fotografia diz de um momento gravado com a luz, neste caso a luz dourada. A luz dourada gravou,

*capturou nós personagens, nós corpos, nós performances.
(Atividade 3, Improvisações).*

Somos potência. Não somos essência. Somos corpos. Não somos alma. Somos reais e virtuais. Somos fluidez. Não somos fixidez. Somos não sendo. Não sendo também somos. Somos o que desejam que sejamos. Também somos a resistência aos desejantes. Somos a beleza. Esta beleza que somos.



Registro de aula. Foto: Thiago Crepaldi.

Desejo por mais encontros, mais fotografias, mais performances, mais potência. Por: Thiago Crepaldi. 06/10/2014.

Exponho o protocolo de Thiago como um fechamento da oficina, pois, infelizmente, este foi o último encontro que tivemos. Posteriormente a data dessa, aula tivemos uma tentativa frustrada de aula que devido a uma junção de fatores não aconteceu. Porém, apesar dos imprevistos e da ausência de alunas, uma pessoa apareceu interessada em fazer parte da aula. Essa pessoa era Lila, ou William - me deixou à vontade para chamá-la da maneira que quisesse – aluna militante do curso de Direito da UFU que conheci em uma palestra durante

a II Semana de Visibilidade Trans da UFU. Ela também se considerava uma pessoa trans, apesar de aparentemente não ter feito nenhuma transformação corporal que indicasse a transição de gênero. Além de Lila, a única aluna a comparecer a esse encontro foi Flávia acompanhada de seu namorado que inclusive era um homem trans. Até tentamos desenvolver algo juntos, mas ao lado da sala onde íamos iniciar a prática acontecia exatamente na mesma hora um ensaio de uma bateria organizada, e o barulho era simplesmente ensurdecedor. Tentei encontrar outra sala que estivesse disponível, mas não foi possível. Isso somado à evasão de alunas e de ouvintes lamentavelmente fui obrigado a encerrar as atividades ali mesmo.

Fiquei a refletir o porquê, salvo o último encontro que fora excepcional, este havia fracassado. Fiquei realmente muito desapontado com a evasão de participantes. Não era a primeira vez que aquilo acontecia e observando os outros fatores exteriores, pressupus não ser possível dar prosseguimento à oficina. Tentei recuperar o campo de pesquisa através do *feedback* dado pelas alunas nas rodas de conversa. Foi uma forma de mostrar tanto o meu interesse com a oficina quanto resultados práticos advindos de suas reclamações ou sugestões. No entanto, a sensação que tomava conta de mim naquele momento era de total fracasso. Um pensamento não saia da minha mente: “não deu certo”.

Gostaria de retornar ao que Flávia presumiu de que a oficina de teatro deveria funcionar como um laboratório para que ela e as outras mulheres trans aperfeiçoassem ainda mais a busca por postura, voz e trejeitos femininos. É interessante observar os diversos pontos de interesse das participantes da oficina, pois com o tempo fui percebendo que o que eu, enquanto professor estava oferecendo, não era necessariamente o que as alunas transexuais esperavam ou pelo menos buscavam com a participação na oficina.

Paralelo a esse conflito de interesses para/com a oficina, outros fatores que estavam dificultando diretamente o andamento da oficina eram os constantes atrasos e faltas das alunas. Talvez pela desmotivação gerada pela não adaptação, as alunas começaram a se atrasar muito para o início das aulas, isso quando não faltavam de fato. Alguns encontros tiveram de ser cancelados pela ausência total de alunas e ouvintes, e o sentimento de desmotivação dessa vez tomou conta de mim como professor e pesquisador da oficina.

A partir de então, passei a refletir sobre o porquê da oficina “não ter dado certo”, mas percebi que estava encarando o meu campo de pesquisa por uma via negativa e decidi mudar a perspectiva e olhar a pesquisa com outros olhos.

A pesquisa sobre a oficina não deixou de ser boa por causa dos obstáculos que enfrentamos, pelo contrário, me aproximou de um universo totalmente diferente daquele que estava acostumado e pude vivenciar uma prática docente bastante incomum, que dificilmente aconteceria sem esse encontro com as pessoas trans. A pesquisa é o que é, independentemente dos obstáculos que estão sujeitos a aparecerem no caminho.

É compreensível que as alunas trans tenham receio de expor seus corpos nas práticas teatrais, pois durante todas suas vidas elas foram repudiadas em seus espaços de convivência como ruas, escolas, trabalhos e infelizmente até em seus próprios lares. Entendo também que essa dificuldade de exposição se deveu ao fato delas estarem em um ambiente diferente daquele a que estão acostumadas, e também pelas práticas teatrais evidenciarem seus corpos que ainda estão em transição e que, portanto, elas desejam esconder ou inibir.

Pensando nisso, decidi refazer a oficina em um outro formato que fosse mais objetivo e atendesse melhor às expectativas da comunidade trans. No início de 2015 recebi um convite do SHAMA para novamente ministrar uma oficina voltada para a caracterização *Drag Queen* durante os eventos culturais da semana da parada de orgulho LGBT de Uberlândia.

Ao ser convidado fiquei muito feliz, mas fiz uma contra-proposta e ao invés de mais uma oficina de *Drag Queen*, ofertei uma segunda versão da oficina de teatro para a comunidade trans. O convite viria a calhar para uma suposta continuação da oficina que havia realizado em 2014, e seria uma nova oportunidade de buscar a comunidade trans de Uberlândia.

❖ CICLO 10 – Visibilidade Trans e Teatro: Análise de Entrevistas

Neste ciclo faço uma análise geral das entrevistas que foram realizadas com os participantes da primeira oficina de teatro para pessoas transgêneros. Para isso dividi os principais temas emergentes de todas as entrevistas, e pode-se dizer que a entrevista com Lila será o eixo das discussões levantadas neste ciclo. Conforme os eixos são apresentados e desenvolvidos, relaciono ao diálogo trechos das outras entrevistas realizadas com alunas e ouvintes da primeira oficina, bem como referências bibliográficas que poderão contribuir para uma reflexão mais aprofundada.

Lila é uma mulher trans desconstruída em questão de gênero, isso de certa forma contrasta com as minhas alunas que se apresentam fisicamente como mulheres trans. Cabelos compridos, maquiagem, roupas femininas, bijuterias, rosto sem barba, nada disso parece importar para Lila, e nada disso, segundo ela, a impede de ser uma mulher trans.

Todas essas características colaboraram para que surgisse o interesse em entrevistá-la, mesmo que Lila não tenha participado efetivamente da primeira oficina. Ela quebra o estereótipo de mulher trans geralmente conhecido pela sociedade. Além disso, Lila é uma pessoa muito engajada na luta dos direitos das pessoas trans e que poderia contribuir com seus conhecimentos e opiniões a respeito da questão da visibilidade trans dentro e fora da universidade.

• Visibilidade Trans

Na primeira pergunta para Lila tente questioná-la a respeito desse tipo de visibilidade trans mais incomum, de pessoas que são trans mas que não sentem a necessidade ou ainda não iniciaram a transição de gênero no que se refere ao corpo. Em sua resposta, ela justifica a importância da visibilidade trans com o argumento de que ela mesma só pôde se reconhecer como pessoa trans quando viu uma mulher trans. O fato dessas pessoas estarem excluídas da sociedade que vivemos, - ou seja, a (in)visibilidade trans existe - dificulta o processo de reconhecimento e identificação delas próprias enquanto seres humanos.

Lila: (...) o que eu acho da visibilidade trans é que a grande importância dela é porque muitas pessoas trans não conseguem se reconhecer enquanto trans pela ausência dessa visibilidade. Então é só a partir do momento em que vê sujeitos trans é que a gente

consegue se reconhecer neles, e a semana de visibilidade trans na UFU acontece muito em função disso. Porque foi na primeira semana de visibilidade trans que a partir do momento que eu vi uma mulher trans que eu pude me reconhecer, e daí por isso que eu me empenho na construção desses espaços de visibilidade, porque eu converso muito com gays, com muitas lésbicas e muitas vezes a gente vê que essa pessoa não está feliz nessa condição, só que ela não se reconhece enquanto trans por que ela não sabe que isso existe, ela não sabe que isso é possível, ela não sabe que ela pode ser trans, enfim, ela não nunca leu sobre, ela nunca viu na televisão. Então a partir do momento que as pessoas trans estão completamente excluídas de todos os lugares de representação: teatro, música, televisão, novela, cinema, enfim... de todos os lugares né, a gente não vê as pessoas trans e quando a gente vê, a gente vê numa estigmatização que é a da prostituição. Então, pensando na nossa realidade, enquanto universidade, enquanto universitários eu acho que a realidade da prostituição está muito distante de nós, muitas das vezes, então a gente não consegue olhar para aquele sujeito que tá na rua, que tá se prostituindo e falar assim: "nossa, essa pessoa é que nem eu"...

Por falta de visibilidade, logo falta de representação, as pessoas trans são frequentemente alvos de preconceito e discriminação. O preconceito, que significa ideia preestabelecida sem conhecimento, acontece justamente por isso: as pessoas não conhecem a realidade trans, tampouco buscam conhecer ou se informar a respeito dessa condição humana. Sobre isso, a aluna Michelle traz uma boa reflexão em sua entrevista:

Michelle: Eu posso perceber às vezes... É... o preconceito ele acontece assim por falta de conhecimento das pessoas né? Acredito que se todos tivessem, assim, se interessassem de pesquisar sobre a transexualidade, as identidades de gêneros trans, veriam que... acaba que a maioria dessas pessoas teriam esses preconceitos desconstruídos, então... parece assim, ao meu ver a maioria do

preconceito vem da falta de informação, então assim, infelizmente ainda estamos vivendo numa época em que pessoas trans são demonizadas, são abominadas, são tidas como seres exóticos né? A mídia pouco ajuda a gente...

As falas de Lila e Michelle trazem um panorama da realidade das pessoas trans no contexto brasileiro, a invisibilidade e o preconceito corroboram para a dificuldade de inserção social dessas pessoas. Falta informação e principalmente falta a iniciativa de querer se informar sobre o que é ser transgênero. A mídia – que desde alguns anos faz o papel de inserção social da homossexualidade – deveria agora contribuir para a visibilidade trans, que cada vez mais está ganhando espaço de discussão no meio acadêmico, bem como nas redes sociais.

- **O que é ser Trans?**

Geralmente temos um conceito para tudo, tanto para o que conhecemos bem e faz parte do nosso cotidiano como também para aquilo que não conhecemos: no segundo caso, isso é o preconceito. Quando iniciei a pesquisa, eu tinha um preconceito do que seria uma pessoa trans, mas ao me aproximar do campo de pesquisa percebi que tinha uma ideia muito rasa do que era a transexualidade, que esse conceito era muito mais amplo e abrangente do que imaginava. Essa percepção se efetivou ainda mais quando conheci Lila, pois sua figura contradizia o conceito que eu tinha do que seria uma mulher trans, que por consequência necessitaria de cirurgias de transgenitalização e modificações corporais.

Lila: (...) a questão é que a gente não pode ver a transgeneralidade pela ótica da modificação corporal, porque apesar dela ser isso também ela é muitas outras coisas. Então, eu falo muito isso em função das pessoas trans não binárias, porque essas pessoas têm dificuldade de encontrar elementos de identificação, quando a gente pensa por exemplo as mulheres trans, têm essas mulheres que tem o desejo de fazerem a cirurgia de transgenitalização e têm as que não tem. As que têm o desejo ganham mais visibilidade, ocupam mais espaço, até porque elas têm mais demandas jurídicas, políticas,

demandas no cunho da medicina. Até eu estava na medicina em um espaço e eles pensam basicamente que só é transexualidade, eles na verdade não adotam a palavra transgeneralidade, porque as demandas do movimento trans para a medicina são muito mais ligadas à modificações corporais, e aí erroneamente a gente tem a palavra transexual ligada às modificações corporais, quando isso na verdade é falso, porque não necessariamente uma mulher transexual quer as modificações corporais ou alguém que quer as modificações corporais é imediatamente transexual. É muito difícil separar essas pessoas, eu na verdade não separo quem é transexual, quem é travesti, ou enfim...

Lila desconstrói a ideia de que toda pessoa transexual não se reconhece em seu corpo, logo precisa ou almeja passar por procedimentos cirúrgicos de readaptação. Pelo que entendo esse conceito é generalizado e ultrapassado e, portanto, deve-se abrir a concepção para a diversidade dentro do meio transgênero. Existem vários tipos de pessoas trans e, cada uma lida com suas questões corporais de maneira individual e particular. Uma mulher trans pode conviver muito bem com seu pênis, assim como os seios podem não incomodar e até agradar ao homem trans, tudo isso vai depender de como cada pessoa trans se relaciona com seu próprio corpo.

Lila: (...) o que acontece é o seguinte: dentro do campo das mulheres trans as travestis são marginalizadas e as transexuais são mais bem aceitas. Então é preciso reivindicar e ressignificar o termo travesti na medida que é necessário que se subverta o entendimento que tem dentro dele. Mas o ideal na verdade é abandonar essa distinção de transexual e travesti e fazer com que todas fossem chamadas de travesti, só que essa palavra também é problemática. Aí é muito difícil pensar porque essa distinção existe na classe das mulheres trans e essa distinção não existe na classe dos homens trans, porque não existe o homem transexual e o homem travesti. Todo homem trans é homem trans, mas porque que o grupo das mulheres trans se divide? Essa resposta é muito difícil, porque ela é histórica, ela tá

ligada a uma questão de gênero, ela tá ligada a uma questão médica de possibilidade cirúrgica, e ela tá ligada a uma questão de classe e de prostituição que faz com que essas duas categorias nas mulheres trans apareçam, o que é muito curioso porque essa identidade da travesti só existe no Brasil e em poucos países da América latina.

Mesmo que se considere todas as possibilidades trans, metaforizando-as como uma enorme gama de cores, existe uma distinção clara entre o ser feminino e o ser masculino dentro do meio trans. Lila deixa claro essa separação que existe entre mulheres e homens trans. Fica evidente que a identidade masculina é mais sólida e menos mutável, enquanto dentro da identidade feminina existe uma maior fluidez. Um exemplo claro é a identidade travesti, sobre a qual, pela fala de Lila, se confirma uma maior discriminação, inclusive dentro do próprio meio trans.

Lila também evidencia que a identidade travesti é uma exclusividade brasileira, em outros países afora não existe um termo que traduza a palavra travesti, e isso se deve à uma questão histórica e cultural do nosso país. Talvez por não ter tido alunas travestis para a oficina, acredito que a realidade travesti ainda seja um tanto quanto distante para mim enquanto pesquisador, mas o que percebo é que a questão da cirurgia de transgenitalização é menos comum para essas pessoas que também têm as suas identidades mais ligadas à prostituição.

- **Desconstrução de Gênero**

Em determinada parte da entrevista, Lila deixa mais evidente e clara a questão da desconstrução de gênero presente em seu corpo e sua identidade trans. Ela explicita a teoria de que o gênero é uma invenção cultural, portanto é algo construído pela sociedade – quem nasce com pênis é homem e quem nasce com vagina é mulher - que impõe esse ideal embutido do conceito de normalidade.

Ainda se parte de uma noção corpo como alvo passivo sobre o qual se inscreve um conjunto de significados culturais e se reforça a ideia de uma essência naturalmente masculina ou feminina, inscrita na subjetividade. Em Berenice Bento (2006) lê-se que o corpo é um texto socialmente

construído, um arquivo da história do processo de produção-reprodução sexual que ganha inteligibilidade por intermédio da heterossexualidade condicionada e circunscrita pelas convenções históricas. (MARTINS, 2011, p. 03)

A partir daí, há a limitação de duas esferas muito bem definidas do que se destinam aos gêneros feminino e masculino (roupas, cortes de cabelo, cores, profissões, padrões de comportamentos, relacionamentos amorosos, etc.). Tudo que não se encaixe nesses parâmetros é considerado anormal. Essa desconstrução do gênero pode facilmente ser associada à Teoria *Queer* que defende basicamente a existência de pessoas que não se encaixam e não querem se encaixar nesses padrões.

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. (LOURO, 2003, p. 546).

Lila: A questão é que, na verdade, depois de muito tempo dentro do feminismo, da desconstrução do gênero, a gente chega num lugar que não existe roupa de homem e roupa de mulher. Isso tudo é coisa da nossa cabeça né... É tudo inventado... Não existe característica masculina e característica feminina, o pênis não é de homem e a vagina não é de mulher. As nossas características que dão ao outro o direito de nos designar, porque esse negócio da roupa é uma coisa simples, mas isso está muito ligado ao corpo, porque na verdade é a mesma coisa de quando eu olho para um corpo com pênis e falo: isso é um homem. Ou seja, a gente pega uma informação, um dado daquele corpo e partir daquele dado o outro vai fazer uma leitura

do que aquilo significa. Então, da mesma forma eu visto essa roupa, daí você olha para a minha roupa e fala que essa roupa é de homem então esse é o corpo de um homem. Ou seja, na verdade pouco importa, se é a roupa, se é o pênis, se é a barba. O que precisa mudar é esse direito que as pessoas cisgêneras acreditam que tem de determinar a partir de características da pessoa trans o gênero dela. Esse direito de dar significado para as características do outro.

Pelo raciocínio de Lila fica evidente que esses parâmetros foram criados por pessoas cisgêneras e heterossexuais, ou seja, pessoas que se identificaram desde sempre com seus corpos e que sentem desejo sexual pelo sexo oposto. Na sociedade, esses parâmetros funcionam como códigos que dão significados às roupas e aos atributos corporais que vemos nas pessoas. A questão é que isso tudo não tem sentido algum a partir do momento que o que importa é como a pessoa se sente por dentro. Vivemos em um mundo onde o exterior é muito mais valorizado que o interior, onde o que se aparenta é mais importante do que se é de fato.

Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2003, p. 69).

Lila denuncia que as pessoas cisgêneras se acham no direito de julgar o gênero de outrem a partir do que as veem ou do que sabem sobre as outras. Lila propõe que para se desconstruir esses conceitos dados pelas pessoas ditas “normais” é necessário se desconstruir o gênero masculino e o feminino.

Desconstruir não significa destruir, como lembra Barbara Johnson, mas “está muito mais perto do significado original da palavra análise, que, etimologicamente, significa desfazer”. Portanto, ao se eleger a desconstrução como procedimento metodológico, está se indicando um modo de questionar ou de analisar e está se apostando que esse modo de análise pode ser útil para desestabilizar binarismos linguísticos e conceituais (ainda que se trate de binarismos tão seguros como homem/mulher, masculinidade/feminilidade). A desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação

de cada um dos pólos. Trabalhando para mostrar que cada pólo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada pólo carrega vestígios do outro e depende desses outros para adquirir sentido. (LOURO, 2001, p. 548)

Pode parecer uma ideia muito transgressora, mas ao mesmo tempo me aparenta que ao anular esses dois grandes pilares da sociedade muitas coisas se simplificariam, a começar pela necessidade de nomear todas identidades de gênero e sexualidades possíveis, ou seja, colocar tudo que se refere aos estereótipos de gênero e sexo “dentro de caixinhas”. No entanto, Lila faz uma ressalva:

Lila: (...) Só que o problema não são as caixinhas, porque quando a gente chega nesse lugar onde o feminino e o masculino não importam mais, a gente precisa parar e voltar e olhar, porque as caixinhas não são problemáticas quando são os próprios sujeitos que se colocam nelas. (...) Então hoje pra mim não interessa, se eu tô vestida nessa roupa ou não, porque pra mim não existe roupa de homem e roupa de mulher. Mas muitas mulheres trans precisam estar vestidas numa roupa feminina, e elas querem isso, e elas têm esse direito. (...) Elas tem essa vontade, e daí elas têm esse direito porque as pessoas trans têm esse direito de serem cisgêneras, e têm o direito de serem o mais conservadoras possíveis dentro dos estereótipos de gênero.

Lila faz uma nova problematização, masculino e feminino não importam mais, no entanto ela frisa que as pessoas trans têm todo o direito de se “colocarem nas caixinhas”, ou melhor, nos estereótipos de gênero que foram construídos em nossa sociedade. Inclusive têm o direito de serem conservadoras nas suas identidades de gênero, ou seja, podem buscar a aproximação máxima da forma corporal feminina ou masculina cisgêneras. O termo “conservador” também me remete ao tabu que as pessoas trans, principalmente travestis que trabalham com prostituição, carregam quanto à forma que se vestem. São apontadas como vulgares por usarem roupas muito curtas ou decotadas para evidenciar o corpo feminino. Flávia, que em contraponto disso sempre compareceu às aulas de teatro com roupas mais recatadas, faz uma reflexão sobre isso em sua fala:

Flávia: Então, pra mim é tranquilo, pra mim é bem tranquilo, assim... as pessoas me respeitam onde eu vou, ninguém me xinga na rua, não tem isso... acho que depende muito como que você se coloca no mundo, né? porque eu vejo muitas meninas trans que elas querem chamar a atenção, eu não sei se é uma falta de orientação, sabe? Porque pra ser mulher você não precisa vestir uma roupinha curta, colocar os seios pra fora, né? Então... eu acho que é uma falta de orientação, porque comigo tá sendo tudo maravilhoso, graças a Deus, fui muito apoiada no meu trabalho né? como professora... Pai de aluno nunca reclamou, os alunos me adoram, então... pra mim graças a Deus tá sendo tranquilo...

Flávia ainda levanta mais uma problematização referente ao que Lila diz sobre as pessoas trans terem o direito de se aproximarem ao máximo dos estereótipos de gênero convencionais. Ela comenta sobre as pessoas trans que não querem ser reconhecidas assim, evitam ao máximo deixar transparecer suas características físicas que evidenciam o sexo biológico.

Flávia: Porque às vezes o contato com as pessoas trans aqui de Uberlândia, principalmente trans homem, eles querem passar como se não fossem trans, mas eles sempre vão ser, eles têm que perder esse preconceito. É um problema da cidade, e outra questão é: a maioria dos trans quer passar despercebido entendeu? É como se tivesse assim um produto de supermercado, homem, mulher e trans, ele não vai comprar o trans, ele vai comprar ou o homem ou a mulher, entendeu? Ele quer ser igual. Então ele não quer nem participar de grupos de relação com outras pessoas trans, entendeu? Ele só quer ter amigo cis, císgênero, assim...

A fala de Flávia ainda deixa transparecer um preconceito que existe entre as próprias pessoas trans: o medo de ser reconhecido como tal e estar relacionado à outras pessoas trans. Talvez isso tenha colaborado para que a oficina tenha tido pouca adesão do público trans da cidade, uma vez que existam pessoas que tenham esse receio de frequentar lugares ou

eventos direcionados à comunidade trans. Além do fato de uma oficina de teatro já ter um caráter bastante expositivo, que exige dos participantes coragem e determinação em fazê-la.

- **Oficina de Teatro**

Faço um questionamento mais incisivo para Lila com o objetivo de relacionar algumas coisas que aconteceram durante a oficina de teatro voltada para o público trans (conflitos corporais relacionados à voz e corpo) com a sua fala. Exemplifico alguns problemas que tivemos como os alongamentos que deixaram transparecer os órgãos genitais das alunas, e Lila faz uma interessante análise que denuncia que – assim como os alongamentos - a grande maioria das coisas do mundo é feita e pensada para pessoas cisgêneras. Ela evidencia que aspectos simples e corriqueiros como ir ao banheiro podem se transformar em verdadeiros martírios para pessoas trans.

Lila: (...) da questão dos banheiros né, que é o momento em que o genital tá mais em evidência, então são momentos sempre delicados, porque mexe com o tabu do sexo, e mexe com muitas coisas que são tabus na sociedade, mas eu acho que toda sociedade e tudo que existe é pensado para as pessoas cisgêneras, então o Direito foi pensado para as pessoas cisgêneras, a Medicina foi pensada para as pessoas cisgêneras, mesmo que involuntariamente, até porque a gente não sabia que as pessoas cisgenêras existiam até as pessoas trans provarem isso, porque na verdade é isso, né, as pessoas trans que provam a existência das pessoas cis, e eu acho isso o máximo. Não são as pessoas Cis que nos diagnosticam como pessoas trans, somos nós que provamos que elas são cis e as desmascaramos, a gente desmascara uma farsa, né? De que a cisgeneralidade é natural, eu acho que esse é o grande legado, de dizer da autonomia do corpo e de desmascarar a farsa cisgênera. Que até então vinha passando batida, né?

Quando Lila fala sobre o tabu do sexo é impossível não remeter às obras História da Sexualidade I, II e III, de Michel Foucault: para o autor, o sexo biológico é um efeito

discursivo. Por isso, [...] “a desnaturalização do sexo biológico pode promover o questionamento da divisão binária da sociedade com seus efeitos de apropriação e dominação, assim como a identificação da heterossexualidade como orientação sexual normativa.” (SOUZA, 2008, p. 07). Outro interessante ponto de discussão que Lila faz para justificar esses conflitos corporais é justamente essa inversão do conceito de normalidade enraizado na nossa sociedade. Lila se refere à uma grande farsa da cisgeneralidade que nos acomoda em tudo o que fazemos, pois tudo é feito para quem é cisgênero. No entanto, as pessoas trans desmascaram essa farsa e comprovam a existência das pessoas cis, tanto que o termo “cisgênero” é novo nas nomenclaturas de gênero.

Isso soa bastante inovador, uma vez que a maioria das pessoas cisgêneras nem sabem que elas tenham essa designação morfológica. Lila ainda enfatiza o quanto esse mundo cisgênero em que vivemos dificulta a vida de quem é trans e exemplifica utilizando-se de memórias da infância relacionadas à escola, mais especificamente as aulas de educação física:

Lila: E eu acho que muitas situações são muito constrangedoras, e impedem várias coisas, impede que as pessoas façam várias coisas igual você falou, na dança, o alongamento também foi pensado para as pessoas cisgêneras, ou para esses corpos cisgêneros que não se constrangeriam com exposição de seus genitais de certa maneira. Então, por exemplo, uma das coisas que eu nunca gostei de experiência minha, que eu nunca fiz, foi a educação física na escola, porque a educação física, na minha escola, naquela época também né, de mil novecentos e noventa, eu tenho o quê, 20 anos, na minha época – não sei como está hoje – mas os homens e as mulheres eram separados, os homens jogavam futebol e as meninas geralmente vôlei, queimada ou dançavam. Ou não faziam nada! Né, porque a educação física é pensada para o homem, então, como eu sempre fui mulher né? Eu sempre fiquei com as meninas, e aí a professora me impedia de ficar com as mulheres, só que com os meninos eu não aceitava fazer, então eu não fazia nada. Ela falava que eu podia ficar sentado se você quiser o tempo todo. Só que como eu sempre fui muito hiperativa eu nunca dei conta de ficar só sentado. Então

essa relação minha com a educação física foi muito difícil, muito difícil, e na verdade isso é uma privação, educacional na verdade, porque eu não encaro a educação física como educação, e eu tenho uma birra tão grande que eu não considero isso nem como curso superior.... Para você ver a minha raiva, é muito disso. É então, porque eles não pensaram teoria de gênero, porque eles não se preocuparam com isso. Então, é esse o tipo de consequência, as pessoas trans ficam privadas desse tipo de exercício que é uma questão tanto educacional quanto uma questão do bem-estar físico, que enfim, pode acarretar problemas, nesse caso eu acho que não necessariamente, mas eu acho que em outros casos eu acho que pode acarretar como a questão do banheiro. Muitas mulheres trans desenvolvem incontinência urinária, por segurarem em função de não irem no banheiro por vergonha, por medo de serem reprimidas, enfim... então eu acho que podem causar problemas de saúde, problemas de convivência social, enfim...

Me identifico com as memórias escolares de Lila, pois também já passei por momentos parecidos por não gostar de jogar futebol e esta ser – quase sempre – a única atividade destinada aos garotos. Acredito que isso exemplifica de forma clara o quanto a escola é um dos lugares que mais estimulam a segregação por conta do machismo. Quem não se enquadra ou não se interessa pelo que é proposto fica privado de participar. No caso das pessoas trans essa realidade é mais cruel ainda, como exemplifica Lila sobre a questão dos banheiros que é muito preocupante, pois pode ocasionar inclusive problemas de saúde seríssimos.

Tento ser ainda mais incisivo na entrevista com Lila e trago para a discussão a questão dos conflitos relacionados às identidades de gênero das participantes entrarem em conflito com as práticas teatrais da oficina. Com isso percebo que chegamos a um dos pontos altos da entrevista, pois com suas respostas percebo que algumas questões advindas da oficina poderiam enfim ser mais bem refletidas e/ou elucidadas.

Lila: (...) sei, eu não gosto de teatro, porque eu acho que eu nunca consigo sair de mim. Sei lá, eu acho que a gente luta tanto pra gente ser reconhecida por quem a gente é que não tem porque a gente ficar

saindo disso sabe? Eu não sei... eu acho que é um pouco de medo também porque eu acho que o maior medo de uma mulher trans é ser vista enquanto homem, então ela tem muito receio de fazer qualquer coisa que leve o outro a questionar isso. Então ela trabalha em torno da identidade dela o tempo todo, então eu acho que talvez seja isso, um pouco de medo de ser questionada.

Acho muito interessante o fato de Lila dizer que não gosta de teatro e logo em seguida explicar que existe uma preocupação de querer se afirmar enquanto trans e que o teatro pode ir contra isso, ou talvez desestabilizar essa afirmação. Revela, ainda, que há um medo dos questionamentos, por haver um esforço de trabalhar constantemente a identidade. Sobre isso, o ouvinte Thiago traz em sua entrevista o motivo que o levou a participar da oficina e faz uma reflexão a respeito dos conflitos de identidade que surgiram durante as práticas teatrais:

Thiago: Primeiramente, o interesse em participar da oficina, foi ver de perto como que as pessoas trans reagiriam dentro de uma oficina de teatro a partir do momento em que todo dia elas vestem um papel e saem na rua. (...) Mas eu acho que é isso mesmo, a oficina voltada para o público trans ela gera conflitos, e aí teve uma outra dinâmica que era um alongamento com a perna e aí uma comentou: ah vai deslocar o órgão, o órgão genital. Então isso é específico do público, delas, é específico delas e aí o conflito vem a partir do momento em que você se desafia a fazer um movimento que gera um constrangimento. E nas improvisações, você chamou muito bem a atenção à dificuldade em se desligar do papel que elas investiram, que muito dificilmente elas conseguiam sair de si e viver um outro papel, e eu enquanto participante cis eu já senti que legal, eu posso viver outros papéis e elas também podem ser, e eu acho que a oficina no meu modo de ver, possibilita romper uma amarra de gênero que elas carregam, uma marca de gênero tão forte e estereotipada, que é o ser mulher, estar mulher o tempo inteiro. Então eu acho que a oficina flexibiliza essa personagem, e eu acho que o ser humano ele é flexível, eu acho que infelizmente no processo que a gente está vivendo, as trans estão muito fixadas num determinado papel, elas

querem, elas desejam ser de uma determinada forma que no meu modo de ver o ser humano vai para além dela, eu acho que a oficina tem potencial para mostrar e deixar o sujeito vivenciar essa flexibilização dos personagens que a gente pode incorporar e viver durante a vida.

Thiago se refere às identidades de gênero como papéis, ora como personagens, o que gera uma problematização: realidade e ludicidade se confundem? Fico a pensar se essa confusão se deu nas aulas de teatro de maneira efetiva. Seria a identidade de gênero uma representação? Um papel que uma pessoa trans veste vinte e quatro horas por dia e que por isso se conflita quando é envolvida num jogo teatral que possibilita brincar de outros papéis, logo, outras identidades? Acredito que esses questionamentos sejam um tanto quanto polêmicos, e gostaria de trazer à discussão o conceito de performatividade usado por Judith Butler: “A performatividade não é nem um livre jogo nem autoapresentação teatral; nem pode ser simplesmente assimilada pela noção de performance.” (BUTLER, 2002, p.145).

Lila: Eu já fiz teatro uma vez, mas eu não gosto não. Sabe por que? A minha questão é mais particular, porque eu não consigo me colocar nem como homem e nem como mulher. Enquanto mulher eu me coloco para mim e com quem eu converso por mais de vinte minutos porque eu preciso de um tempo para explicar. E eu acho que o teatro é muito visual, e visualmente as outras pessoas não me leem como mulher, então no teatro eu vou fazer o quê afinal de contas? Porque quando não se trata de uma coisa muito lúdica, todos os personagens são homens ou são mulheres, não se pensa no terceiro gênero, ou se pensa muito pouco. Sei lá, devem ser pouquíssimas pessoas peças que existem pessoas que não são nem homem e nem mulheres, assim, interpretando pessoas, fora que interpretam animais ou outros seres, outras coisas.

É interessante quando Lila explica o porquê de não gostar de teatro e enfatizar que não consegue se colocar nem como mulher e nem como homem. Talvez a relação entre teatro e transgeneralidade seja realmente complexa. Assim como outras áreas, o teatro pode ser um campo desconfortável para pessoas trans. É curioso, pois quando planejei a oficina de teatro

para pessoas trans não imaginava que chegaríamos nesse tipo de discussão, meu único objetivo era montar algo cênico com as participantes, mas hoje vejo que existem questões anteriores a isso que mereceriam ser melhor investigadas e que não foram abordadas nesse momento.

❖ CICLO 11 – Segunda Oficina de Teatro para Transgêneros

A segunda oficina de Teatro para transgêneros aconteceu no dia 03 de Outubro de 2015 na Oficina Cultural de Uberlândia. Em novo formato, a oficina foi realizada como atividade da 11ª Semana Cultural LGBT de Uberlândia, que acontece na véspera da parada de orgulho LGBT da cidade. Originalmente a oficina aconteceria em um novo formato, buscando um novo objetivo: realizar uma intervenção artística pontual durante a parada que aconteceria no dia seguinte, no domingo.

Assim como a oficina anterior, essa também foi amplamente divulgada nas redes sociais da internet, desta vez com o apoio do SHAMA, que produziu flyers para todas atividades que aconteceriam durante a semana cultural LGBT. Abaixo o flyer produzido pelos organizadores da ONG que foi divulgado em redes sociais:



Flyer da Segunda Oficina criado e divulgado pelo SHAMA em redes sociais.

Levei para a oficina a minha maleta de maquiagens para o caso de surgir do encontro uma intervenção artística que carecesse de alguma caracterização artística. Claro que esta carta na manga aflorou por conta do meu apetite artístico para a maquiagem, que obtive durante a graduação em Teatro e que tanto me propicia momentos de prazer. Ainda quero me especializar nesse ramo fazendo cursos de maquiagem artística e social, e desenvolver outros trabalhos artísticos ou ministrar cursos práticos ligados à área.



Foto: Thiago Crepaldi.

No dia da oficina me voltaram os mesmos sentimentos de frustração relacionados à primeira oficina, talvez ocasionados pelo atraso ou pela demora em aparecer interessados. Com isso, voltou-me o medo de “dar tudo errado”, que me trouxe de volta a insegurança relacionada à outra oficina.

A única pessoa que apareceu no horário divulgado foi o organizador da semana cultural, que presenciou um pouco da minha aflição e dividiu comigo esse sórdido momento. Mesmo assim tentei manter a calma e ficar sereno diante de quase uma hora e meia de atraso e completa solidão. De alguma forma eu estava mais preparado para essa oficina. O tempo e as experiências que tive com o outro campo de pesquisa me fizeram lidar de forma mais madura e profissional com os eminentes percalços.

Minha ansiedade deu lugar à felicidade quando enfim apareceram o fotógrafo Thiago Crepaldi, seguido de três pessoas: um homem se apresentou como Miguel, disse que iria fazer a oficina de teatro e apresentou a sua namorada Carolina. Perguntei ao outro rapaz se ele iria fazer a oficina; ele disse que estava apenas acompanhando e revelou que era primo de Miguel.

Théo era mais jovem, o que contrastava com a maior maturidade de seu primo Miguel, além disso, parecia recente a sua transição de gênero. Mas o que mais me chamou a atenção foi o vínculo familiar que surgiu para a pesquisa. De alguma forma presumi ser muito interessante ter dois primos trans a participar da oficina.

Além disso, fiquei admirado com o fato de que ao contrário da primeira experiência de oficina, em que trabalhei com mulheres trans, nessa ocasião surge a possibilidade de trabalhar com homens trans. Relembrando com os olhos do presente, posso afirmar que às vezes me pego pensando em como seria uma oficina de teatro mista com homens e mulheres trans, que só aconteceria em um outro campo de pesquisa proporcionado por outra pesquisa.

No primeiro momento Théo se negou a participar como aluno da oficina, mas insisti que participasse, afinal era uma oficina direcionada às pessoas como ele, e argumentei que ainda não havia aparecido mais nenhum interessado. Felizmente, ele concordou em participar da proposta, juntamente de seu primo Miguel.

Ao passo que já tinha dois alunos, não quis perder mais tempo. Convidei a eles para sentar em roda e começar um diálogo que à princípio seria sobre a concepção da oficina e seu objetivo. Me apresentei e pedi que cada um também se apresentasse e dissesse o que motivara o seu interesse com a oficina.



Registro de aula. Foto: Thiago Crepaldi.

Após proferir algumas palavras sobre qual era a meta daquele exercício, fui surpreendido por uma avalanche de lembranças dos dois primos que começaram a falar abertamente sobre suas vidas pessoais. Miguel e Théo relataram memórias tanto individuais quanto mútuas de suas vidas.

Algumas lembranças eram extremamente chocantes e outras muito emocionantes, tanto que os dois foram envolvidos pelos seus sentimentos ligados às suas histórias. Nos relatos emergiram muitas emoções e isso foi capturado pelas lentes de Thiago Crepaldi que,

aparentemente, estava totalmente preparado para colher imagens sensíveis das expressões dos primos transexuais. Após a oficina, Thiago revelou-me que tentou ao máximo ser discreto ao registrar aquele momento, ele disse que evitou ao máximo ser invasivo ou sensacionalista com as fotos.



Registro de aula. Foto: Thiago Crepaldi.

Assim como Thiago, procurei não ser invasivo e deixei que os relatos surgissem de forma natural e orgânica, sem pressões ou perguntas muito íntimas. Também achei melhor não gravar o que eles estavam falando, justamente por serem relatos espontâneos e muito particulares, os quais eu não havia solicitado ou estimulado. Meu objetivo naquele momento era uma prática teatral e não recolher material biográfico dos participantes.

No entanto, esses relatos autobiográficos individuais ou comuns dos dois primos influenciaram no que iríamos fazer dali em diante. Como já estávamos com uma hora de oficina e só haviam chegado os dois, decidi abortar a ideia de intervenção artística para a parada e propor que escolhessem uma ou duas passagens relatadas em roda para improvisarem uma cena a partir disso.

CENA 1

(Vídeo 1 - em anexo no DVD – pasta Segunda Oficina de Teatro Para a Comunidade Trans)

Para a improvisação, os dois escolheram o dia em que começaram a conversar a respeito da transexualidade. Na primeira cena eles tentam lembrar de como se deu essa conversa. Théo diz que começaram a se comunicar através de mensagens do aplicativo Whatsapp, então Miguel revela que preferiu ligar para falar melhor. Na cena, eles conversam a respeito de um vídeo que mostra a transição de gênero de uma pessoa, do feminino para o masculino:

Théo: Ou, “cê” viu velho? Cara, tipo, quando eu vi, eu pensei assim: Como que ficou tão parecido? Não, na hora que eu vi Oliver, aí eu falei, não, não é possível! Modelo? Trans? Como que isso aqui foi uma mulher um dia? Eu tive que compartilhar isso com você, cara!

Théo se mostra muito surpreso com o vídeo, sua admiração se deve à eficácia dos métodos adotados pelo homem trans em questão para a sua transição de gênero. Inclusive, ele faz uma interessante reflexão a respeito de si próprio: ele relaciona o conteúdo do vídeo com uma memória de sua vida.

Théo: Então, eu “tava” lá em casa, e eu fui no mercado, e aí quando eu “tava” com uma blusa solta, e aí de repente eu percebi, lembrei que a minha mãe sempre me falava que eu andava corcunda, e aí eu parei pra pensar nisso e resolvi arrumar a postura, e aí na hora que eu arrumei a blusa me marcou, eu fiquei até tonto do incômodo que foi ver a blusa marcando os meus seios, cara, na hora eu percebi naquele momento o porquê que eu andei corcunda a minha vida inteira e nunca tinha dado conta! Eu gostei, eu quero saber mais sobre isso, quando eu voltar pra Uberlândia, cara, eu quero mesmo saber mais sobre isso, sabe?

Ao resgatar essa memória, Théo traz o dado de que está infeliz com o seu corpo e que o vídeo enviado pelo seu primo Miguel pode trazer uma solução para esse problema que o aflige desde o começo da puberdade: a vergonha dos seios. Para ele, essa insatisfação pesava tanto que ele tentava disfarçar através da má postura. Ou seja, para não evidenciar

tanto a presença dos seios, sua postura se tornou corcunda, mesmo que de forma inconsciente.

Ao constatar o interesse do primo a respeito do tema, Miguel que faz acompanhamento psicológico, propõe ao primo de questionar sobre o assunto com o seu psicólogo. Theo questiona se o psicólogo é favorável quanto a isso e Miguel diz nunca ter conversado a respeito do assunto e que irá sondá-lo para saber sua opinião.

CENA 2

(Vídeo 2 - em anexo no DVD - pasta Segunda Oficina de Teatro Para a Comunidade Trans)

Na segunda cena, Théo assume o personagem do psicólogo, enquanto Miguel permanece na sua própria identidade. Ao se abrir com o seu psicólogo, Miguel fica desapontado ao perceber que este o trata com certa indiferença e até evita falar sobre a transexualidade. Não fica evidente o porquê de o psicólogo evitar e até ignorar o interesse do paciente em procurar saber a respeito do assunto, ele apenas o aconselha a ter calma e procurar não pensar muito sobre isso.

Miguel: É... eu queria conversar com você uma coisa que eu tô meio confuso... Já faz um tempo já que eu queria falar isso mas eu não tinha coragem... É... então! É porque na verdade, é... eu não sou lésbica, eu me sinto um homem e eu queria saber se você podia me dar mais informações sobre isso, como é que eu poderia, é... fazer a mudança, porque eu vi, eu vejo vídeo, eu fico vendo vídeos eu mostro muito pra minha esposa e eu queria saber como que eu posso fazer isso.

Psicólogo (Théo): Olha, é... tem isso mesmo mas eu acho que você tem que ir com calma, é assim, tem que ir com calma, não apressar as coisas assim, não precisa ficar muito fixo nessa sua ideia não tá?

Miguel: Hmm... Como assim com calma? Mas... é... eu preciso saber alguma coisa pra... assim eu preciso pelo menos conversar com um psicólogo primeiro, pra ver se ele me dá alguma dica de onde eu poderia ir... e tal...

Psicólogo (Théo): Aham... não mas vamos fazer assim, a gente vai... vai conversando ao longo das vezes que você for vir, a gente vai voltando nesse assunto com calma tá? Não precisa apressar as coisas não tá? Então, na próxima consulta que você vir a gente vê se você quer falar mais sobre isso, mas não apressa as coisas não tá? Não fica pensando muito nisso não...

Miguel: Hmm, então tá bom, obrigado.

Psicólogo (Théo): De nada, até a próxima.

CENA 3

(Vídeo 3 - em anexo no DVD - pasta Segunda Oficina de Teatro Para a Comunidade Trans)

Na terceira cena, Miguel conversa com sua namorada e conta a respeito da sessão frustrada que teve com o seu psicólogo:

Miguel: Pois é, amor... é... eu não quero mais voltar nesse psicólogo, porque eu acho que ele não vai me falar nada. É... na verdade ele me deu muito mais coragem pra ir atrás disso, ele me falou que eu não tenho que fazer, que eu não devo fazer, e na verdade não é isso que eu quero, na verdade eu quero saber mais sobre isso e eu vou ter que procurar alguém, eu não sei se você sabe de alguma coisa, mas eu acho que eu vou ter que procurar alguém.

Mesmo com o “não” dado pelo seu psicólogo, Miguel não desiste de procurar informações e apoio a respeito de sua transição de gênero.

CENA 4

(Vídeo 4 em anexo no DVD - pasta Segunda Oficina de Teatro Para a Comunidade Trans)

Na quarta e última cena, Miguel comenta com seu primo Théo sobre o NATTU, um laboratório voltado especialmente para pessoas trans, e faz o convite para eles irem juntos às palestras e atividades do núcleo. Theo se mostra um pouco desanimado, e ao ser questionado pelo primo responde:

Miguel: Que foi? Parece que você ficou triste...

Théo: Não primo, normal fí...

Miguel: Ihh eu te conheço uai, porque que você tá assim?

Théo: Sei lá, é que tipo, é que tipo, quando a gente “tava” indo lá ver o laboratório e não “tava” funcionando lá e tal, eu não sei, tipo assim, eu “tava” empolgado e de repente eu desempolguei, e agora... parece que é a hora, é agora de novo, e tal, não sei acho que só assustei, porque até então enquanto isso eu “tava” enrolando não só a mim, mas acho que “tava” enrolando todo mundo e a mim, e agora eu acho que não tem mais enrolação, agora é fazer aquilo que o coração tá sentindo isso, eu acho que assustei, velho! Mas.. ah! “Vamo”, “vamo” ver né?

Miguel: Não, mas a gente vai junto lá, e vai dar certinho, a gente vai junto e vê como que é, se der certo né, se a gente ver, se você ver que é isso mesmo que você quer mesmo a gente vai começar o tratamento, senão, aí fica, fica de você mesmo, fica a seu critério mesmo...

Théo: Não, tá tranquilo, de qualquer forma agora a gente já sabe com quem que a gente conversa, beleza?

Miguel: Beleza então, tchau.

Théo: Tchau.

Miguel: Tchau.

Miguel e Théo trazem à cena um momento muito importante para suas vidas, a curiosidade e a decisão de buscar ajuda para entenderem o que se passava com suas identidades de gênero. Nas cenas, os dois primos mostram os obstáculos que tiveram até encontrar uma instituição que ajudava pessoas trans, que tanto os acolheu e deu suporte para iniciar o processo de transição de gênero.

Quanto à oficina, mesmo que novamente não tenhamos chegado ao resultado inicialmente almejado (no caso, a intervenção artística na parada LGBT), me dei por satisfeito ao ver que os dois participantes transformaram uma memória em comum deles em

algo cênico. De alguma forma, eles puderam transgredir cenicamente um momento que ao mesmo tempo foi difícil e decisivo em suas vidas.

Também fiquei muito admirado e satisfeito com a maneira leve que usaram para transformar essa passagem de suas vidas em cena. Creio que os dois foram bastante generosos ao ceder relatos verídicos de suas vidas para a oficina e concordarem com a proposta de improvisá-los em cena. De fato, fiquei muito feliz com o resultado da oficina, de alguma forma pude expurgar a frustração que fiquei da primeira oficina.

Além da satisfação de desta vez poder trabalhar com dois homens trans, também percebi que o resultado se deu por conta de a prática ter sido mais curta e objetiva, o que tornou a oficina mais eficaz em seu novo formato. Ao contrário da primeira, também pude trabalhar com material autobiográfico dos participantes, e caso tivesse uma continuação, isso abriria brechas para a criação de cenas mais elaboradas, dirigidas ou quem sabe uma apresentação teatral.

Em contraponto, questiono se essa satisfação que tive com a segunda oficina também se deve ao fato dos participantes não terem demonstrado conflitos ou desconfortos corporais com o que foi proposto de prática. Na verdade, a prática da segunda oficina foi muito mais simples e não se baseou em alongamentos, aquecimentos de voz e jogos teatrais como na primeira. Desta vez, os conflitos corporais referentes à transgeneralidade ficaram apenas nas narrativas expostas pelos participantes no início do encontro e também nas cenas desenvolvidas a partir dos relatos escolhidos por eles.

Apesar da valiosa contribuição com a oficina e da generosidade em expor memórias afetivas durante a prática, eles se demonstraram efetivamente resistentes em gravarem entrevistas sobre a oficina. Foram feitas inúmeras propostas para que eles dessem seus relatos sobre como foi a sua participação na prática, inclusive foi bastante ressaltado que as gravações seriam apenas feitas por meio de áudio para evitar a exposição visual dos mesmos, mesmo assim não demonstraram interesse em realizá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que toda pesquisa possa trazer aprendizado e ganhos aos seus respectivos pesquisadores. Assim como o espectador que vai ao teatro assistir à uma peça teatral e ao fechar das cortinas, ao som dos aplausos, sente-se diferente, algo mudou, algo o transformou. Assim como a atriz que, mesmo dominando cada palavra de seu texto, cada gesto de sua marca e cada cena de seu espetáculo, nunca terminará uma apresentação da mesma forma como iniciou. Assim como o diretor, que conhece a sua encenação como a palma de sua mão, sempre perceberá as pequenas diferenças de cada ensaio, cada evolução, cada novo olhar, cada novo suspiro. E, finalmente, assim como o autor que delicadamente escreveu a sua obra e, mesmo depois de tantos anos, ao relê-la ainda há de encontrar algo de extraordinário nas entrelinhas de suas palavras tão bem selecionadas e redigidas. Ainda há de encontrar algo que poderia ser modificado. Ninguém sai isento.

Hoje posso dizer que me sinto transformado pela minha pesquisa, e falar isso tem um grande significado para mim, pois a trajetória até chegar aqui não foi algo que presumiria por um processo fácil. Entendo que todos os obstáculos que apareceram pelo caminho foram decorrentes da minha própria coragem. Querendo ou não, me pus ao desafio. O desafio de me lançar ao desconhecido, ao inesperado e, sobretudo, ao novo. Ah o novo! Quanta sede, quanto desejo de se entrar para o mestrado e, acima de tudo, quanta urgência em fazê-lo. Me questionei: será a hora? Será agora? Será melhor esperar um pouco mais? Será que não estou um tanto novo ou inexperiente demais para assumir essa responsabilidade? Será que vou conseguir? Será que sou capaz? Será que isso é para mim? Será que valerá a pena? Será? Será? Será?

No entanto, digo que sim, valeu a pena. Talvez por causa de minha ousadia em propor um campo pedagógico e prático com um público que ainda é muito oprimido socialmente e, até então, era distante de mim. Possivelmente pelas frustrações que obtive nesse campo. Quiçá pelas superações, que me fizeram enxergar que mesmo com tantos problemas, o impensável também pode ser interessante, e muito!

Ir ao encontro e conviver com o público trans durante o tempo do campo de pesquisa rendeu, sem dúvidas, experiências que acrescentaram muito, tanto para a minha carreira acadêmica quanto docente, mas principalmente para a minha vida pessoal. Vivemos em uma sociedade que ainda marginaliza as pessoas transgêneros. Creio que conhecer e ser o

professor de uma turma formada majoritariamente por essas pessoas foi algo no mínimo enriquecedor.

Percebo que estamos vivendo uma ascensão da visibilidade da diversidade sexual e de gênero, assim como vem crescendo os estudos acadêmicos ligados a essas esferas, e anseio que cada vez mais essa temática abra reflexões, discussões e desdobramentos nas universidades brasileiras, principalmente nas áreas de artes. Certamente isso contribuirá para que o país em que vivemos – e porque não o mundo – se torne mais tolerante, menos *LGBTfóbico*, machista, patriarcal e que, principalmente, para que as estatísticas de casos de violência e assassinatos contra as pessoas LGBT diminuam com o tempo.

Acredito que esse processo de conscientização e desconstrução do gênero deva ser cada vez mais discutido nas escolas, mas ainda há muito preconceito no ambiente escolar e este é um lugar em que as pessoas trans precisam ser reconhecidas e acolhidas. São necessárias estratégias político-pedagógicas que considerem como prioridades essas pessoas. Não será fácil, tampouco rápido, mas são as pequenas ações que proporcionam as grandes mudanças. É conhecendo e promovendo o conhecimento que se fluidificam os preconceitos, é dando visibilidade às minorias que a marginalização se dissolve. É preciso lutar, ainda mais com a onda conservadora-religiosa que está se infiltrando cada vez mais no cenário político brasileiro.

Com a aproximação do universo trans, percebi como é fundamental a importância da luta pela garantia dos direitos trans, como o nome social e o direito à cirurgia de transgenitalização. Estes, como outros, são direitos básicos que asseguram o empoderamento e o reconhecimento das identidades de gênero dessas pessoas, e que podem transformar os seus posicionamentos perante a sociedade.

Pesquisar sobre a transgeneralidade foi um grande prazer, pois ampliou as minhas perspectivas de conhecimento teórico dos estudos de gênero, os quais ainda tenho o desejo de aprofundar em alguma oportunidade de pesquisa futura. Por outro lado, acredito que a prática feita em sala com pessoas trans foi um exercício excepcionalmente único e que proporcionou experiências muito especiais tanto para as alunas quanto para mim enquanto ministrante pesquisador.

A aproximação real, o calor humano, os olhos nos olhos, ouvir e ser ouvido, o compartilhamento de memórias afetivas pessoais, os conflitos dos corpos com a prática, entre outras percepções características da prática são circunstâncias que a pesquisa exclusivamente bibliográfica não proporcionaria. Foram experiências legítimas que

contribuíram demasiado para o ser professor, o ser pesquisador e o ser humano em que hoje me constituo.

Sobre a primeira oficina de teatro para a comunidade trans, percebi a importância de se conhecer o público alvo para se pensar uma prática pedagógica. Mesmo com a idealização do que seria a proposta da oficina para a comunidade trans, houve aspectos que precisaram ser adequados quando a prática de fato se sucedeu. Na verdade, toda prática teatral exige adaptações e com esta não foi diferente, ainda mais por se tratar de um público tão específico. Os retornos sobre as aulas, nas rodas de conversa, e suas sugestões foram fundamentais para afinar os objetivos da oficina com o que elas realmente desejavam fazer.

Se comparar o que planejei no pré-projeto de mestrado com o quê a pesquisa foi e produziu de fato, sem dúvidas haverá um enorme contraste, principalmente no que se pretendia em pesquisar uma Pedagogia da Performance. Porém, é justamente esse contraste que me encanta. Porventura, talvez se tudo tivesse saído conforme o planejado, se tudo tivesse ocorrido da melhor maneira possível, não haveria graça. Afinal, sempre foram as quedas que me fizeram reerguer, foram as decepções e as desmotivações que me fizeram mais forte, resumindo: foram os problemas que me fizeram procurar as soluções.

Mesmo que não tenhamos chegado aos resultados cênicos finais previstos em nenhuma das duas oficinas, creio que chegamos em discussões pertinentes aos próprios processos. Creio que a expressão “o processo é mais importante que o resultado” é bem oportunna para se descrever a pesquisa. Com a análise de entrevistas dos participantes pude investigar melhor as questões acerca da relação do corpo trans (presentes nas duas oficinas), bem como as identidades de gênero em conflito com as práticas teatrais levantam proposições que podem se desnovelar em futuras pesquisas.

Acredito que os experimentos desta pesquisa têm um cunho vanguardista que podem abrir caminhos para outras pesquisas que pensem processos pedagógicos teatrais com pessoas transgêneros. Considero que ainda há um vasto campo nessa área a ser desbravado, e espero que esta pesquisa sirva de norteadora para pesquisas que laborem as relações entre o teatro, a pedagogia e os estudos de gênero. Outra possibilidade - inclusive penso que seja um dos prováveis caminhos para a minha futura pesquisa de doutorado - está no levantamento do panorama da cena teatral/performática trans brasileira e/ou estrangeira, que investigue trabalhos cênicos e performáticos de pessoas trans.

Fecham-se os ciclos, abrem-se outros. A pesquisa me propiciou conhecer pessoas, saber de suas realidades e especialmente proporcionar-lhes a experiência teatral, que um dia

me transformou e segue transformando. Como disse anteriormente, ninguém sai isento do teatro: presenciar o encontro das pessoas com as artes, mesmo com todas dificuldades e barreiras pessoais de cada um, o encontro teatral pode ser singular e transformador. Assim como a borboleta, a pesquisa passou por muitos ciclos, alguns de descobertas, de deleites, outros de dificuldades, questionamentos, mas todos, sem exceção, foram importantes para se chegar até aqui e ver que tudo se metamorfoseou, tudo se (*trans*)formou.

FONTES

1. Entrevistas

AMORIM, Flávia. Uberlândia, Brasil, 20 Nov. 2014. Gravação digital (34 min). Entrevista concedida a André Rodovalho.

CREPALDI, Thiago. Uberlândia, Brasil, 15 Nov. 2014. Gravação digital (34 min). Entrevista concedida a André Rodovalho.

FARIA, Andressa. Uberlândia, Brasil, 03 Dez. 2014. Gravação digital (34 min). Entrevista concedida a André Rodovalho.

MONTEIRO, Lila. Uberlândia, Brasil, 14 Nov. 2014. Gravação digital (34 min). Entrevista concedida a André Rodovalho.

MORAIS, Gabriela. Uberlândia, Brasil, 03 Dez. 2014. Gravação digital (34 min). Entrevista concedida a André Rodovalho.

PRADO, Michelle. Uberlândia, Brasil, 03 Dez. 2014. Gravação digital (34 min). Entrevista concedida a André Rodovalho.

2. Diário de Bordo

AMORIM, Flávia. **Diário de bordo**, 2014.

CREPALDI, Thiago. **Diário de bordo**, 2014.

PRADO, Michelle. **Dário de bordo**, 2014.

RODOVALHO, André. **Diário de bordo**, 2014.

REFERÊNCIAS

- BERNSTEIN, Ana. **A performance solo e o sujeito autobiográfico.** Sala Preta, São Paulo, n. 1, p. 91-103, 2001.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual.** Secretaria de Educação Fundamental, 1996. p. 235-285.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARVALHO, Evelyn Raquel. “Eu quero viver de dia”- Uma análise da inserção das transgêneros no mercado de trabalho. **Anais do VII Seminário Fazendo Gênero**, 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Evelyn_Carvalho_16.pdf. Acesso em: 22 de Maio de 2014.
- FABIÃO, Eleonora. Performance, teatro e ensino: poéticas e políticas da cena contemporânea. In FLORENTINO; TELLES (Org). **Cartografias do ensino do teatro.** Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 61-72.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I - A Vontade de Saber.** Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- JESUS, Jaqueline. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos.** E-book. Brasília: Autor, 2012.
- LEAL, Mara. **Memória e(m) performance: material autobiográfico na composição da cena.** Uberlândia: EDUFU, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **Corpos que Escapam.** Labrys Estudos Feministas, número 4 agosto/dezembro, 2003.
- _____. **O Corpo Educado:** Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. **Teoria Queer – Uma política Pós-Identitária para a educação.** Estudos Feministas. 2001.
- _____. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MARTINS, Guaraci.; CASCAES, Tânia. **As identidades de gênero no espaço cênico, La Piel que Habito de Pedro Almodóvar.** Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade. 2013.

_____. **A Polarização dos Corpos Desejantes.** Revista Cadernos de Gênero Tecnologia. Editora UTFPR, 2011.

MALUF, Sônia. **Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem.** Estudos Feministas. 2002.

NARDI, Henrique.; SILVEIRA, Raquel.; SILVEIRA, Silvia. **A Destruição do Corpo e a Emergência do Sujeito: A Subjetivação em Judith Butler.** Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003.

RODOVALHO, André L. S. **Teatro e Identidade Sexual:** Memorial Pedagógico. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

TORRENS, Valentin. (Edic.). **Pedagogia de la Performance.** Programas e cursos y talleres. Huesca: Diputación Provincial de Huesca, 2007.

SALIH, Sarah. **Judith Butler e a Teoria Queer;** traduções e notas Guacira Lopes Louro. – 1. Ed.; 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SOUZA, Juliana. **O Corpo Limitado pelas Fronteiras de Gênero.** Universidade Federal do Paraná – Campus de Curitiba II, 2014.

SOUZA, Alberto. **Se Ele é Artilheiro, Eu Também Quero Sair do Banco": Um Estudo Sobre a Co-parentalidade Homossexual.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro / Viola Spolin:** [tradução e revisão Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos] – São Paulo: Perspectiva, 2010.

APÊNDICES

APÊNCIDE I – Planos De Aulas

1º Encontro – 11 de Agosto de 2014

19:00 – Recepção.

19:10 - Conversa em roda.

- Apresentação do professor, planejamento e objetivo da oficina.

19:30 – Apresentação dos alunos.

- Cada aluno deverá falar um pouco sobre si mesmo e seu objetivo com a oficina.

20:00 – Alongamento em roda.

20:15 - Aquecimento de voz

20:30 – Breve andar pela sala.

- Observar como está seu corpo.

20:35 – Massagem nos pés

- Retomar o caminhar pela sala.

- Sente alguma diferença no caminhar?

20:45 – Aquecimento:

- Andar pela sala;

- Observar o espaço;

- Olhar nos olhos das pessoas que passam perto;

- Atingir velocidades diferentes ao comando.

- Encontrar a sintonia do grupo: andar na mesma velocidade.

- Variação de velocidades ao comando.

21:30 – Conversa em roda sobre a aula.

21:50 – Apresentação do caderno de bordo e escolha da primeira pessoa que o levará para casa para fazer o registro dessa aula.

2º Encontro – 18 de Agosto de 2014

19:00 – Recepção e leitura do protocolo da aula passada com o caderno de bordo.

19:10 - Alongamento em roda.

19:25 - Aquecimento de voz – Escravos de Jó.

19:35 – Em roda, jogar a bolinha para algum colega. Não pode deixar a bolinha cair ao chão.

20:45 - Em roda, uma pessoa deve sair do seu lugar, olhar nos olhos de outra pessoa e trocar de lugar com ela. Repetir até que haja um fluxo de trocas de olhares e lugares na roda.

20:10 – Intervalo

20:25 - Andar pela sala.

Retomar pontos trabalhados na aula passada:

- Andar pela sala e observar o espaço;
- Olhar nos olhos das pessoas que passam perto;
- Atingir velocidades diferentes ao comando.
- Encontrar a sintonia do grupo: andar na mesma velocidade.
- Variação de velocidades ao comando.

20:40 – Apagar a luz da sala e continuar a caminhada pela sala:

- Estimular a sensibilidade sensorial com elementos estruturais do ambiente.
- Primeiro: Audição, tato, olfato.
- Por último: Aguçar todos ao mesmo tempo.

21:10 – Ir para o espaço externo e estimular o caminhar por diferentes relevos e texturas. Exemplo: grama, calçada de concreto, cerâmica.

- Orientar às alunas a fecharem os olhos e estimulá-los o tato em diferentes locais ao redor do bloco. Exemplo: Paredes, janelas, vidros, ferros, etc...

21:30 – Relação com o outro.

- Em duplas, olhar nos olhos do parceiro.
- Compartilhar uma história de sua vida com essa pessoa à sua frente.
- Quanto tempo consegue?

21:40 – Conversa em roda sobre a aula.

3º Encontro – 08 de Setembro de 2014

19:00 – Recepção e leitura do protocolo da aula passada com o caderno de bordo.

19:10 - Alongamento em roda.

19:20 - Aquecimento de voz

19:25 – Andar pela sala.

19:30 – Aquecimento divertido:

- Uma pessoa faz um movimento combinado com um som, todos imitam e segue adiante para a próxima pessoa até que todos tenham feito a sequência de todos.

19:45 - Pique-pega.

20:00 – Jogo Teatral: “Na minha rua só passa”.

- Nesse jogo só se passa aquilo que o dono da rua pedir.

- Estimular a imaginação e criatividade corporal.

20:15 – Jogo Teatral: “Quem, onde, o quê”.

- Deixar que as próprias alunas escrevam os personagens, lugares e situações.

- Distribuir os papéis.

- Improvisar cenas a partir das informações sorteadas.

20:50 – Dividir dois grupos. A primeira deverá improvisar uma cena enquanto as outras assistem. Depois troca.

21:30 – Conversa em roda sobre a aula.

4º Encontro – 29 de Setembro de 2014

19:00 – Recepção e leitura do protocolo da aula passada com o caderno de bordo.

19:10 - Alongamento individual deitado ao chão.

- Espreguiçar-se
- Sentir o peso do corpo no chão.
- Fazer seu próprio alongamento

19:30 – Exercício de confiança.

- Fazer uma cama humana com os braços.
- Uma pessoa de cada vez, deve confiar no grupo e se jogar na cama humana. Até que todos passem pela experiência.

19:45 - Caminhar pela sala com música, experimentar o corpo.

20:00 - Jogo da estátua.

- Em duplas, uma pessoa manipula o corpo da outra até que se forme uma “escultura humana” e dar-lhe um nome.
- Formada a exposição, fazer um tour pela galeria de arte.
- Troca e repete o passeio pelas esculturas humanas.

20:30 – Intervalo

20:45 – Improvisações livres.

- Estimular às alunos a viverem outras personagens e diferentes realidades.

21:50 – Conversa em roda sobre a aula e entrega para outra pessoa fazer o registro da aula.

APÊNDICE II – DIÁRIO DE BORDO

Protocolo do primeiro encontro escrito por Michelle. (Pg. 01)

Uberlândia, 11 de Agosto de 2014

As dinâmicas de hoje foram interessantes para a desenvoltura de cada um, quebrando algo que nos prendia de nos relacionar com outras pessoas.

Na questão da voz, muito importante além de exercitar é se sentir à vontade de projetá-la, algo que tenho muita dificuldade.

Não tenho problemas em falar em públicos, mas o que me trava muito é a minha voz que está em desacordo com a minha identidade.

Quando tinha que olhar nos olhos de outras pessoas, involuntariamente, desvia o meu olhar a fim de se evitar o contato visual.

Coisa que está travada em mim, já que quando era criança, tinha o costume de olhar fixamente para outras pessoas, mas um dia a minha mãe me repreendia quando fazia isso.

Acredito que este trabalho vai nos ajudar muito, dando a oportunidade de sermos nós mesmos, de parar para fora todo aquele sentimento reprimido na infância.

Protocolo do segundo encontro escrito por Flávia. (Pg. 02).

Protocolo 2.

~ Aquecimento
 ~ "Escravos de jo"
 ~ tato, olfato
 e audição.

A atividade nos levou a
 buscar as sensações
 dos outros órgãos
 da face (cabeca)
 ~ Audição (ouvido)

Nariz e também

a pele!

* A ausência
 das coxas foi muito
 sentida e terminamos
 mais cedo por esse motivo.



Gabi está mal ...

~ Relação com
 o "umbo preto" à
 meia luz!



Flávia

Protocolo do terceiro encontro escrito por André. (Pg. 03)

13/09/14

Protocolo 3 - Sobre o encontro do dia 08 de Setembro de 2014.

André Luiz Silva Redorillo

Ultimamente eu vendo com medo. Medo de que os alunos não venham mais fazer os encontros, pois os últimos encontros não tem acontecido devido os faltas e férias.

Mas isso só pode acontecer! É mesmo que eu tenho respeitado o meu planejamento devido ao número de alunos, o encontro foi bem divertido em sua proposta.

Estavam presentes Flávia, Gabriela e eu. Fizemos um jogo Teatral bem tradicional, o chamei de "Quem, onde e o que?". Diferentemente do costume, deixei que os presentes escrevessem os tipos de "Quem", os lugares e as situações. Diante disso sortamos os papéisinhos, cada um pegou um papéisinho de "quem" e escolhemos um lugar e uma situação. Assim, nesse esquema, improvisamos várias cenas, no começo tivemos uma confusão com certos papéisinhos, mas logo concertamos o problema.

Me falam que surgiram cenas hilárias por serem divertidas e engraçadas. A primeira cena me recorda que eu era um faraó

Protocolo do terceiro encontro escrito por André. (Pg. 04)

e a Flávia era uma apresentadora de ponte e a Gabriele uma criança perdida. Também surgiram cenas ótimas que deram muito prazer pra gente. Uns que se possam próximo e uns secundário e houve uma feira, a Gabriele fez uma modelo que saiu da secundária, eu fiz um pirante e a Flávia uma mulher loura, muito engracada por Sintel.

A última cena foi a mais inspiradora pois foi um programa infantil com direito à decisão de nome especial e tudo. Eu era a apresentadora, confesso que me inspirei na Xuxa, a Gabi era uma idosa e a Flávia, como sempre a mais ousada, fez o papel de uma mocumbira.

Eu tinha planejado outras situações, jogos e exercícios, mas ~~com~~ apenas duas alunas o mais viável foi fazer exatamente esse jogo, muito divertido por Sintel. Decidi encerrar a reunião mais cedo e fiquei com o caderno de protocolos para fazer o protocolo dessa reunião.

Protocolo da reunião no projeto “Em cima do Salto” escrito por André. (Pg. 05)

20/09/14

Protocolo 4 - Sobre o encontro do dia 15 de Setembro de 2014.

André Luiz Silveira Roderolho

Segundo fizeram possíveis nós tivemos aula, mas nos encontramos no campus Univasf para uma reunião sobre o direito de cirurgias de redesignação sexual. Quem ministrou a reunião foi a Flávia, que fundou o ambulatório para transgêneros no Hospital de Clínicas da UFC.

O que mais tarde deu origem ao projeto “Cima de Salto”.

Esse encontro foi muito importante para eu conhecer mais sobre esse projeto e entender as dificuldades de TODXS na luta pelos direitos Trans.

Pude também compreender como essa luta está difícil, uma vez que não é uma luta recente, e as tentativas de conseguir a credenciação do Hospital de Clínicas não foram poucas.

Ficou bem claro pelos palavros de Flávia que houve forte resistência contra esse tipo de cirurgia na UFC. A autorização da credenciação do hospital de cirurgias de redesignação sexual só foi dada ~~para~~ duas vezes e mesmo assim até hoje nenhuma cirurgia foi realizada.

O que a atual administração alega é que (não) o hospital está em crise devido a falta de estrutura física (leitos e horários disponíveis).

Protocolo da reunião no projeto “Em Cima do Salto” escrito por André. (Pg. 06)

Flávia fez um apelo a todos envolvidos no projeto “Cima do Salto”. Pediu que todos colaborem nesse luto, pois ela está com sede de lutar sozinha. Serão organizadas algumas ações, uma espécie de mobilização para que o hospital se credencie e realize o início das cirurgias.

Serão organizadas um abaixo assinado e algumas outras ações até o dia da parada gay (19/10).

A comunidade Trans não quer mais vir que a cirurgia de realinhamento de sexo é menos importante que outros tipos de cirurgias.

Ao final da reunião fui convidado pela Flávia a me apresentar e falar então sobre a oficina de Teatro para público Trans. Foi muito gratificante estar com aquelas pessoas e poder compartilhar desse momento de luto pelos direitos ao corpo Trans. intermedas.

Estaram presentes Andressa, Michelle e Flávia, bem como Gabi que acompanhou esses aules.

Protocolo do quarto e último encontro escrito por Thiago. (Pg. 07).

Protocolo 5 - Imagens, dizeres, construções para revisitar e refletir sobre o encontro do dia 29 de Setembro de 2014.

Para contar/inventar como foi o encontro da semana passada selecionei três fotografias vividas, sentidos, experiências durante a oficina. Elas dão uma perspectiva das pessoas que participaram, da pessoa que fotografou, das pessoas que foram fotografadas.

A lug estava ótima! O calor do sol aquecendo os corpos despontando aqueles, vinhos, alegria e reis.

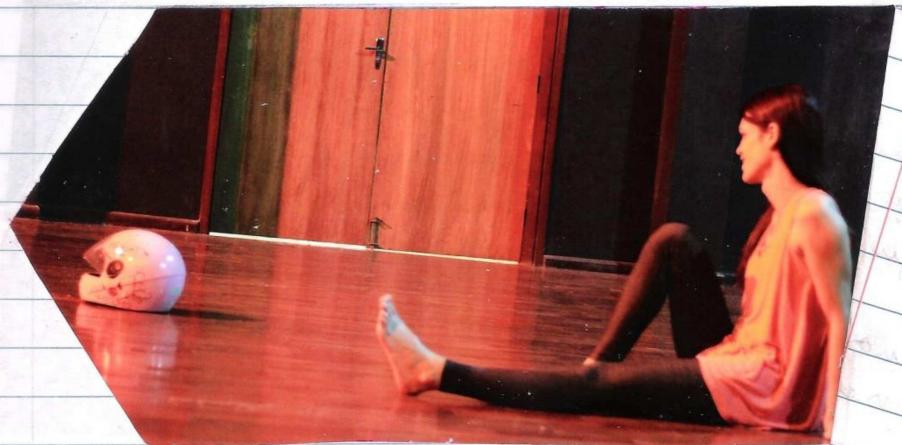
ooo Fomos convidados a sair de nós mesmos. mergulhados no recôncavo afastamos-nos de nós mesmos. Éramos breu, vazia, universo. (3^a atividade: Detar no São e alongar-se).

Somos domináveis, controláveis. Nós discutimos ser quicados, ludos e condizidos. Somos maldados. Discutimos que nos maldem. Discutimos que nos digam quem somos, como somos. Depois, dizemos que somos isto ou aquilo. Por fim esquecemos de quem realmente somos ou quem realmente poderíamos ser!

(Atividade 2: Estatua, maldutos de "nós")

Protocolo do quarto encontro escrito por Thiago. (Pg. 07)

Protocolo 5 - Imagens, dizeres, constuições para revisitar e refletir sobre o encontro do dia 29 de Setembro de 2014.



ooo Fomos convidados a sair de nós mesmos - mergulhados no vacúo - afastamos - nos de nós mesmos. Éramos breu, vazio, univoco. (1^a atividade: Detar na fibra e alongar-se).



Protocolo da quinta aula escrito por Thiago. (Pg. 08).

No cinema diriam "luz, câmera, ação!" Nesses corpos performávamos. Aqui nesses corpos também performam. Somos personagens. Por vezes não conseguimos performar que não nós mesmos. Nós inventarmos em quanto personagens. Vivemos este papel.

oss Fomos convidados a reinventar. Nossos personagens separam. Tínhamos outros nomes, outras relações de parentesco e de amizade. Às vezes deixamos de ser homem ou mulher. Alguns se puntinham (x) ser Somos potência.
 meninos, Não Somos essência. Somos mãe, pai, corpos. Não Somos alma. Somos filha, irmã. Reais e virtuais. Somos fluidos. bandidos, Não somos fúndez. Somos não ser professora de. Não sendo também Somos. Somos aluna ou o que desejarmos que sijamos. Também aluno. Somos a resistência aos desejos. Estes personagens. Somos a beleza. Esta beleza que somos.
que somos.
 encerraram, foram reais. Alguns foram rotulados, outros foram tão relevantes quanto os ideais que se perdem com o tempo. A fotografia fixa diz de um momento gravado com a luz, neste caso a luz dourada. A luz dourada gravou, capturou nossos personagens, nossos corpos, nossas performances.
 (Atividade 3, Improvisação)

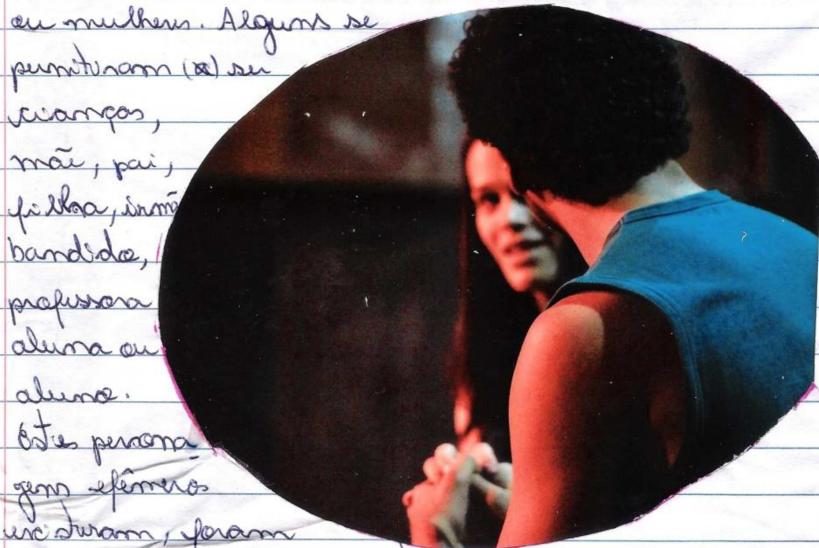
Desejo por mais encontros, mais fotografias, mais performances, maior potência. Poi: Thiago Cipaldi 06/10/2014

Protocolo da quarto encontro escrito por Thiago. (Pg. 08).

No cinema diziam "luz, câmera, ação!" Nossos corpos performavam. Aqui nesses corpos também performam. Somos personagens. Por vezes não conseguimos performar que não nós mesmos. Nos inventamos em quanto personagens. Vivemos este papel.

... Fomos convidados a reinventar. Nossos personagens separam. Tínhamos outros nomes, outras relações de parentesco e de amizade. As regras de cinema sól ser homem ou mulher. Alguns se puntinham (x) ser
 vizinhos,
 mãe, pai,
 filha, irmão
 bandido,
 professora
 aluna ou
 aluno.
 Estes personagens
 já eram, foram
 reais. Alguns foram reabilitados, outros foram só relatos
 quanto as ideias que se perdem com o tempo. A fotografia
 fixa diz de um momento gravado com a luz, neste caso
 a luz de dentro. A luz de dentro gravou, capturou més
 personagens, nos corpos, nos performances.
 (Atividade 3, Improvisação)

Desejo por mais encontros, mais fotografias, mais performances, mais poesia. Por: Shango Sripaldi 06/10/2014



APÊNDICE III – ENTREVISTAS

1. Entrevista com Flávia Amorim

André: Bom, estamos aqui com a Flávia, foi aluna da oficina e vamos começar a entrevista. Flávia, a primeira pergunta que eu quero te fazer é bem geral, digamos assim. Eu quero saber como foi a oficina de teatro para você.

Flávia: Então, foi ótima, para mim foi ótima. No começo da oficina teve aqueles desconfortos né? “Ai, como é que eu trans vou fazer esse tipo de alongamento?” Porque tem um órgão que eu quero esconder, tem um tipo de roupa pra usar... Áí... Mas assim, eu fiquei um pouco decepcionada com a quantidade de alunos, porque quando você oferece alguma coisa para transexuais geralmente eles deviam abraçar, né? Ainda mais que é uma oficina de teatro que ajuda a gente a experimentar o nosso corpo, pelo menos para mim é um corpo novo porque é um ano e meio que eu tô nessa... então dois anos de transição mas como Flávia é um ano, entendeu? e pouquinho... então... Mas a oficina em si foi maravilhosa, eu gostei muito.

André: Você falou dos desconfortos, né? Eu queria que você falasse mais especificamente sobre isso assim, alguns incômodos surgiram diante das proposições que eu fazia, fala mais sobre isso, por favor.

Flávia: É por que assim, no teatro, você está experimentando e muita gente tá vendo você experimentando então tem a questão da voz, que às vezes você está com a voz mais grave ou tem uma atividade que vai exigir que você tenha uma voz mais grave, então toda mulher transexual quer ter a voz o mais feminina possível, né? Se ela ainda tem ainda tem os genitais então ela quer esconder, então tem alguns tipos de alongamentos, alguns tipos de atividades que né? Que vai deixar em evidência essa parte do corpo, por mais que esteja escondidinho... Então, é isso, é mais essas atividades mesmo, porque aí você fica um pouco assim... constrangida, sabe? De fazer atividade e vir à tona o corpo que você tem, o corpo masculino ou o corpo feminino, como no caso de um homem trans que na verdade nem teve na nossa oficina. Mas é uma questão complicada, é uma questão complicada assim no primeiro momento. À medida que você vai trabalhando eu acho que o teatro seria o lugar ideal para trabalhar isso, pra desinibir, aí você vai resolvendo esses conflitos. Por isso que eu acho que seria interessante assim, ter você como professor e uma aluna ou uma professora da psicologia pra ir tentando conciliar...

André: A segunda pergunta que eu quero te fazer é: O quê que você, eu queria que você falasse mais do quê que você acha dessa proposta de haver uma oficina de teatro voltada para o público trans especificamente?

Flávia: Então...

André: O quê que você acha assim dessa ideia?

Flávia: Eu acho a ideia... (toca o telefone) Só um minutinho, deixa eu atender... Alô?... Então, eu acho uma ideia maravilhosa, mais para os trans do quê pra você que tá fazendo o projeto. Porque como eu te falei: pra você é um monte de aluno com problema, para a pessoa trans é um espaço pra ela resolver esses problemas com ela mesma, sabe? Então eu acho muito interessante, assim... Se tivessem mais políticas públicas poderia até ter a oficina de teatro, porque eu acho que o teatro em si ele é muito importante pra gente experimentar o corpo, liberar as emoções, aí assim, eu imagino que teria momentos assim da gente chorar depois de uma... de um jogo da oficina, sabe? Porque é muita coisa que vem à tona, principalmente do jeito que você tava aplicando, você queria que a gente trouxesse as memórias, né? E eu acho que pra gente seria muito mais rico, não sei se pra você seria, porque você tava observando um monte de gente ali né? Você vai falar esse nicho aqui, esse grupinho eles fazem teatro assim. Mas pra gente, ajuda a gente a desenvolver coisa pra vida assim? Sabe?

André: Ok, agora eu queria que você falasse mais sobre a minha condução, como que você avalia a minha condução enquanto professor da oficina?

Flávia: Ah, eu gostei porque assim, você sempre foi aberto às nossas sugestões, né? Então você tava, você entendeu que você tava trabalhando com um público diferente e que você tinha que ouvi-los, né? Eu acho que foi ótimo, as atividades foram interessantes... Gostei de tudo, você acolheu também algumas pessoas assim, que estavam no meio do caminho, que gostavam de ser feminino mas que queria tá com o corpo masculino, então foi ótimo...

André: A última pergunta estruturada que eu tenho pra te fazer é a seguinte: Se essa oficina fosse acontecer em outra oportunidade novamente né? Quais sugestões você daria para a estrutura dela, alguma dica, alguma sugestão ou alguma coisa que você realmente não gostou... que você gostaria que fosse diferente.

Flávia: Não, eu gostei de tudo assim, eu só acho deveria ter mais pessoas, sabe? Por que às vezes o contato com as pessoas trans aqui de Uberlândia, principalmente trans homem, eles querem passar como se não fossem trans, mas eles sempre vão ser, eles tem que perder esse preconceito. Eu acho que um guarda roupa cheio de coisas pra experimentar, pra brincar, a gente quer assim, a gente quer participar da oficina, se expor, mas assim como se fosse um personagem que tivesse ali, entendeu? Às vezes falar das minhas vivências, mas assim, eu não quero deixar claro que sou eu, que passei por aquelas coisas. Então com um guarda roupa a gente poderia fantasiar mesmo...

André: Experimentar outras coisas...

Flávia: Experimentar outras coisas, e eu acho que é isso, e também isso que eu te falei, trazer alguém para fazer o projeto com você, porquê às vezes você pode fazer com dois orientadores um da psicologia e um do teatro.

André: Legal. É... agora eu gostaria assim, que já que a gente terminou as perguntas, né, porque essas são as perguntas que eu faço pra todo mundo. É, eu queria que você falasse se você lembra de alguma coisa que aconteceu na oficina, é... alguma coisa especial, alguma coisa que assim, que te chamou a atenção, alguma coisa própria... Assim, o quê que você lembra assim da oficina?

Flávia: Ahh, então eu lembro de muitos momentos, o momento da escultura, que a gente fez a escultura corporal... Eu não sei!... Eu tava num momento tão triste, tão triste da minha vida, que eu tinha acabado de sair de casa, a minha mãe me mandou embora de casa, fui ficar com a minha tia, que eu não sei... Pra oficina era ótima porquê, eu... né?

André: Você tava num momento de transição né?

Flávia: É...

André: De sair de casa, de ter suas coisas, sua casa...

Flávia: É... não, porquê na verdade eu saí porque a minha mãe não aceitou né? A minha mudança, então aí eu tava... foi ótimo, porque a gente fez os jogos teatrais, assim... eu acho que tinha muito mais coisas para acontecer, muito mais coisas pra expressar, mas foi um momento assim de... de esquecer os meus problemas, sabe? De sorrir...

André: E entrar num outro universo?

Flávia: E entrar num outro universo... acho que foi ótimo...

André: É... você falou antes da questão de poucas pessoas, você acredita que... por... vou formular uma pergunta aqui agora: você acredita que por causa né, da sociedade não dar visibilidade para as pessoas trans né? Não dar muitas oportunidades, né? Assim... enfim, há muita discriminação, muito preconceito, você acredita que esse foi um dos fatores que nós não tivemos muita adesão do público trans? O quê que você acha?

Flávia: Não, eu acho que o público trans de Uberlândia não tem uma... um engajamento cultural muito forte, sabe? Porque tem a questão do carnaval, que aí vai um monte de trans pro carnaval desfilar, mas... eu acho que é falta de cultura mesmo teatral, você vê de maneira geral em Uberlândia, e...

André: É um problema da cidade...

Flávia: É um problema da cidade, e outra questão é: a maioria dos trans quer passar despercebido entendeu? É como se tivesse assim um produto de supermercado, homem, mulher e trans, ele não vai comprar o trans, ele vai comprar ou o homem ou a mulher, entendeu? Ele quer ser igual. Então ele não quer nem participar de grupos de relação com outras pessoas trans, entendeu? Ele só quer ter amigo cis, cisgênero, assim... Eu acho que foi mais isso, não foi... Porque assim, o trans ele já tem a casca grossa, você sabe, pra enfrentar esses problemas da discriminação e tudo mais, é dolorido, mas o trans já enfrenta então não foi por esse motivo, acho que foi mais por isso mesmo, pela pessoa querer ficar escondida.

André: É... pra fechar, a entrevista, eu queria que você falasse como é ser trans em Uberlândia, mais especificamente, como é... as dificuldades que você passa, os obstáculos, ou então às vezes os acessos que você tem às vezes, assim... é... um encontro alguém que te dá abertura de ser quem você é as amizades, trabalho... queria que você falasse mais sobre isso...

Flávia: Então, pra mim é tranquilo, pra mim é bem tranquilo, assim... Então, eu não quis mais... a vida de todo mundo é assim, nada... poucas pessoas têm tudo na mão, então, assim... as pessoas me respeitam onde eu vou, ninguém me xinga na rua, não tem isso... acho que depende muito como que você se coloca no mundo, né? porque eu vejo muitas meninas trans que elas querem chamar a atenção, eu não sei se é uma falta de orientação, sabe? Porque pra ser mulher você não precisa vestir uma roupinha curta, colocar os seios pra fora, né? Então...

eu acho que é uma falta de orientação, porque comigo tá sendo tudo maravilhoso, graças a Deus, fui muito apoiada no meu trabalho né? como professora... Pai de aluno nunca reclamou, os alunos me adoram, então... pra mim graças a Deus tá sendo tranquilo...

André: Então... Você tem mais alguma coisa pra falar, que você gostaria de colaborar com a pesquisa?

Flávia: Ahh... eu acho que... que também a gente poderia fazer assim... é... textos das trans, entendeu? Ou assim... durante a oficina cada uma produzir uma pequena peça teatral colocando esses assuntos, porque ela traz também a respeito de um monte de coisa que ela gostaria, ou diálogos que acontecem ou... sabe? Coisas que acontecem na vida dela. Aí você teria o texto e as oficinas.

André: Ok!... Então muito obrigado!

Flávia: Eu que agradeço, foi ótimo, tomara que você faça mais...

2. Entrevista com Michelle Dias Prado

André: Como foi a oficina de teatro para você?

Michelle: Bom, foi uma oportunidade de me conhecer melhor né? É... digamos assim, como ser humano, aprendi algumas coisas nessa oficina que são úteis hoje. Assim, foi uma coisa que veio a somar.

André: O que você achou da proposta de haver uma oficina de teatro voltada para o público trans?

Michelle: Então, é... uma oportunidade né? A mais... é uma opção que o público trans tem para conhecer melhor outras, outros caminhos né? Às vezes a pessoa pode se interessar pela... por esse lado profissional, às vezes seguir uma carreira artística, assim, precisamos de mais atores trans, atrizes trans, assim... digamos... é uma área assim como a grande maioria das outras áreas né? Que não é muito aberta ao público trans, então assim, isso abriu a porta né? Um viés de entrada para a pessoa trans que às vezes tem o potencial né? A se desenvolver, dar uma oportunidade pra ela já é uma grande ajuda.

André: Qual a sua opinião sobre a condução da oficina? Quando digo condução é a minha condução enquanto professor, a minha parte, como você avalia?

Michelle: Bom, assim, eu não tenho nenhuma crítica né? Quanto à isso. Assim, achei que foi bem... bem legal, é... ao meu ver assim, foi uma condução muito boa, apesar que é um dos primeiros trabalhos...

André: Pode ser sincera viu? Não precisa...

Michelle: Não, assim... eu não tenho o que reclamar, eu não tenho nenhuma crítica a fazer, foi até assim, foi muito bom, assim, você é muito aberto a sugestões, não é aquele tipo de pessoa que “tô certo e pronto”, mas assim, foi em geral foi ótima, a sua desenvoltura como orientador assim, foi digamos assim... é... não, foi ótima!

André: Obrigado! A última é se a oficina acontecesse novamente em uma outra oportunidade, qual sugestão você daria para melhorias em seu formato? Se a oficina fosse assim... eu falasse: vamos fazer de novo, o que você falaria assim... “isso pode ser diferente?”

Michele: Hmm... assim... pela sua parte seria só o horário mesmo, não o horário, mas o dia da semana. É que segunda é um pouquinho puxado né? Às vezes a pessoa sai do fim de semana e ainda tá naquele desânimo... nesse dia...

André: Trabalha né?

Michelle: Então, é só isso! Assim... às vezes o problema é que foram poucas pessoas, às vezes o interesse mesmo, assim, tem pouca gente que se interessa, o que é meio que errado né? Onde há pessoas há problemas né? Não há o que fazer... a única coisa é só o dia da semana mesmo...

André: Agora a gente fechou o questionário e eu queria que você falasse mais abertamente assim como a Andressa fez, falasse um pouco mais, se você quiser falar mais sobre a oficina, se você tiver mais alguma coisa para acrescentar, e eu queria saber mais assim, como é – aquela hora da Andressa eu não formulei direito – mas como é ser trans, ser uma mulher trans em Uberlândia né, como é no bairro, na cidade, os lugares que você frequenta, como é que é?

Michelle: Então, eu acredito que não só em Uberlândia, mas qualquer lugar do mundo né? É matar cem leões por dia né? Que não é nada fácil, preconceito tem em toda parte, às vezes a pessoa às vezes conversa com você tranquilamente e ela tem na mente dela assim aquele preconceito, e isso a gente não pode mudar né?

André: Você percebe um olhar?

Michelle: Eu posso perceber às vezes... É... o preconceito ele acontece assim por falta de conhecimento das pessoas né? Acredito que se todos tivesse assim, se interessassem de pesquisar sobre a transexualidade, as identidades de gêneros trans, veriam que... acaba que a maioria dessas pessoas teriam esses preconceitos desconstruídos, então... parece assim, ao meu ver a maioria do preconceito vem da falta de informação, então assim, infelizmente ainda estamos vivendo numa época em que pessoas trans são demonizadas, são abominadas, são tidas como seres exóticos né? a mídia pouco ajuda a gente...

André: Estereotipa né?

Michelle: É assim, quando fala de uma pessoa trans tá com o intuito de exotificar a pessoa, ou de criminalizar ela...

André: Sexualizar...

Michelle: Hipersexualizar... Então... é complicado, ainda vivemos nessa época que a gente agora que tá dando a cara a tapa na sociedade, agora que a sociedade tá conhecendo a gente, mas ainda tem muito o que se fazer, e infelizmente na minha opinião vai demorar um pouco ainda desse preconceito pelo menos diminuir...

André: Mas você já consegue enxergar alguma evolução?

Michelle: Então, ultimamente aqui no Brasil é muito pouco, a evolução ainda tá naquela morosidade, assim, pouco avança. Um dos poucos avanços foi aquele projeto de lei que ainda tá em votação na câmara né? É o projeto de lei 5002 de 2013, a lei João W. Nery, que é semelhante à lei de identidade de gênero da Argentina que é uma das mais avançadas do mundo nas questões trans, e assim... como ainda tá engatinhando na câmara vai demorar muito pra ser aprovada se é que vai ser aprovada. Então no Brasil tá complicado, para quem é trans viver no Brasil né?

André: Você falou... agora eu vou fazer uma última pergunta assim, que aí vai um pouco além da intimidade de vocês. Você uma vez me falou, vocês né? No caso, me falaram que tinham o desejo, né você falou da Argentina, de mudar para a Argentina, vocês ainda tem esse desejo ou é uma coisa que vocês descartaram a ideia?

Michelle: Não, a gente ainda tem esse desejo, estamos estudando as possibilidades né?

André: Porque não é simples falar: “ahh, vamos mudar de país” né?

Michelle: É, não é mudar de um bairro pra outro, é mudar de país para um outro é bem mais complicado... é outra cultura né? Assim, a cultura é semelhante, mas não é...

André: É tá ali né? Mas não é a mesma coisa...

Michelle: Não é a mesma coisa né?

André: É outra realidade...

Michelle: É outra realidade, se mudar de estado já dá um baque né? Imagina mudar de país...

André: E tem toda a questão financeira né?...

Michelle: É financeira... Mas acredito que por lá, tenho contatos por lá na Argentina né? Inclusive amigos trans...

Andressa: Eu tenho muito contato por lá...

Michelle: Então... e assim, pelo menos na capital Buenos Aires o preconceito é bem menor que aqui no Brasil, assim, as pessoas trans tem mais oportunidade lá do que aqui. Então assim, lá não tem aquela burocracia de documentos, eu posso chegar lá no cartório e pedir o documento de acordo com a minha realidade, tem a facilidade de fazer a cirurgia, mas acredito que até mudar para a Argentina eu já tenho feito algumas. Então assim, to indo para lá mais por causa da cidadania, né? Do respeito da minha dignidade, porque aqui no Brasil mesmo aprovando a lei, ainda vai haver preconceito, então infelizmente o preconceito é algo cultural aqui no Brasil, não é só exclusividade às pessoas trans, também tem os homossexuais, tem as pessoas negras, indígenas...

André: A própria mulher ainda sofre preconceito né?

Michelle: É, a mulher em geral né? Seja cis, seja trans... O patriarcado aqui no Brasil é muito preconceituoso, o machismo aqui faz parte da cultura do Brasil infelizmente.

3. Entrevista com Andressa Gabrielly Faria

André: Como foi a oficina de Teatro para você?

Andressa: A oficina foi muito boa, porque eu aprendi a me soltar mais, porque igual o André falava, eu não olhava muito no olho das pessoas, então isso começou a despertar melhor em mim, prestar mais atenção ao olhar das pessoas, como que é, a me soltar um pouquinho.

André: O que você achou dessa proposta de haver uma oficina de teatro voltada para o público trans especificamente?

Andressa: Achei muito boa, porque a gente não tem muito recurso aqui, ainda mais para o público trans, o povo acha que somos alienígenas, realmente para incentivar as pessoas a participar, reviver esse público trans que tá fechado, que não sai do casulo deles, foi muito bom assim...

André: Qual a sua opinião a respeito da condução da oficina?

Andressa: Foi bem interativa, sempre mostrando como era, ensinando, tendo paciência de ensinar, foi muito boa, foi bem proveitosa.

André: Você acha que houve alguma falha da minha parte?

Andressa: Não, acho que não...

André: Se a oficina acontecesse novamente em uma outra oportunidade, qual seria a sugestão que você daria para melhorias em seu formato?

Andressa: O horário, que às vezes a gente tinha compromisso e não dava, o dia né? Na verdade o dia, porque na verdade segunda feira é o dia que a gente tem que ir no ambulatório, segunda é sempre o dia mais corrido, e realmente só isso, só a questão do dia. Que acabou que a gente tentou mudar de dia e acabou não dando certo, mas acho que o dia mesmo, a segunda que era muito puxado.

André: Agora eu queria que você falasse livremente a respeito da sua experiência na sua vida, e também se você puder falar como é a sua vida, se você sofre preconceito ainda, se você sobre algum tipo de assédio, queria que você falasse mais abertamente sobre isso. Você ainda se incomoda com esse tipo de coisa?

Andressa: Me incomodar, eu me incomodo sim. Às vezes eu ligo para o que elas falam, fico mal mas ultimamente eu não ando ligando muito não. Então assim, se xingam eu nem percebo, de vez em quando eu me estresso com alguns...

André: Entra aqui e sai aqui...

Andressa: É... não levo muito isso em... agora aqui no bairro aqui eu nunca percebi nenhum problema não, teve amor? (Michelle faz sinal que não) Não...

Michelle: Só uns camaradas que gostam de...

Andressa: Ah, eu mando praquele lugar! Qualquer coisa eu mando o rack em cima deles...

André: É... outra coisa que eu queria perguntar mais abertamente, recentemente a UFU conquistou o nome social né? Quem é trans na UFU pode usar o nome social dentro da universidade, eu queria saber que tipos de direitos vocês pensam que é necessário para que as pessoas que são trans ou travestis sejam reconhecidas em instituições acadêmicas e escolares?

Andressa: A princípio a aprovação da lei W. João Nery

Michelle: João W. Nery

Andressa: Isso, João W. Nery, que é a 5.002 de 2012.

Michelle: 2013.

André: Você pode falar mais a respeito dessa lei?

Andressa: Ela prevê os direitos das pessoas trans, incluindo o tempo de cirurgia reduzido, dependendo de cada pessoa, e você não precisa de todo um processo pra tá entrando juridicamente para fazer a mudança do nome, você já vai no cartório mesmo, você já troca sem interferência jurídica, sem nada. Então assim, com a aprovação da UFU já foi um passo grande, mas...

André: Já foi uma grande conquista?

Andressa: Foi uma conquista, mas ainda precisa muito pra aprovação dessa lei, é a principal de todas, essa lei ser aprovada.

André: E também tem a questão da UFU, da própria UFU também abrir para as cirurgias né? Que é outra...

Andressa: É, o credenciamento da UFU que ainda está pendente, o reitor ainda tá com essa pendência até hoje...

André: Ok, muito obrigado.

4. Entrevista com Gabriela Moraes Santos

André: Como foi a oficina de teatro para você?

Gabriela: Eu acho que mexer com arte é uma coisa que é muito interessante pra gente se auto-descobrir, né? Ainda mais com um público que era voltado, né? Essa ideia de construir o gênero junto com quem já tem esse debate muito em alta faz com que a gente pense mais sobre as relações que a gente tem com o corpo, com a voz, né? Do nosso corpo com as outras pessoas mesmo, né? Então assim, eu achei uma experiência única, eu nunca tinha feito nada de teatro, e foi uma oportunidade que apareceu porque me interessava estar próxima desse público também, pela minha pesquisa no mestrado, e que eu achei muito revelador, muito interessante, e era uma coisa que eu não esperava, a preparação das aulas, como que seria o aquecimento, o feedback era sempre interessante...

André: Eu acho que você meio que respondeu a pergunta dois, porque a dois é assim: O que você achou da proposta de haver uma oficina de teatro voltada para o público trans especificamente? Você meio que respondeu, mas se você quiser falar mais...

Gabriela: Eu acho interessante porque são pessoas que no geral não tem esse espaço, né? As pessoas não sabem muito bem onde colocar esses corpos abjetos.

André: Não existe assim, algo que é voltado para esse público.

Gabriela: É, assim... Sempre que tem algo para esse público está ligado à prostituição, não se liga a arte...

André: Educação...

Gabriela: Educação... E isso causa marginalidade. Eu acho assim, que qualquer coisa que a gente pode fazer pra acolher, pra trazer visibilidade é muito útil sabe? É isso...

André: Qual a sua opinião sobre a condução da oficina, no caso a minha parte?

Gabriela: Eu achei muito boa, eu não esperava, como era uma aula de teatro, eu gostei muito da parte de improviso, das construções teatrais que a gente teve mais no final, achei muito legal a dinâmica, as dinâmicas de aquecimento que depois tinha os feedbacks, que às vezes quando a gente começava as aulas não parecia que ia ter algum feedback interessante, de tá fazendo aquecimento de voz ou caminhando pela sala, mas as reações eram muito

interessantes e muito porque você tinha essa linha de já trabalhar o corpo e o gênero, porque muitos professores de teatro trabalham com as mesmas temáticas, com as mesmas atividades, mas não pensam sobre elas como você pensou.

André: Se a oficina acontecesse novamente em uma outra oportunidade qual sugestão você daria para melhorias em seu formato?

Gabriela: Então, eu não sei se a minha sugestão é válida, porque eu não sou uma mulher trans...

André: Você está falando do ponto de vista de ouvinte né... mas ouvinte participativo...

Gabriela: Sim. Mas eu acho que assim, uma coisa que eu ouvi delas, eu já ouvi várias vezes é que elas queriam ter um espaço para se mostrar um pouco mais, para usar roupas extravagantes, pra brincar com isso, sabe? E a oficina de teatro embora ela foi muito programada, muito interessante, ainda tem um formato que talvez não adeque o estilo que elas esperam, então isso faz com que seja menos interessante. Porque pela minha vivência com os grupos trans de Uberlândia, elas esperam ter uma parte mais de se mostrar, sabe? Sem ideia de mostrar só por ser uma mulher trans, mas se mostrar como uma pessoa que tem desejo, que tem uma coisa a flor da pele sabe? Parece que é da própria construção de gênero, né? a vontade de transparecer, (trans)transparecer, mais ou menos isso.

André: É, bom agora a gente já finalizou as questões, eu queria que você falasse mais assim, do quê que você lembra, do quê foi mais interessante para você enquanto observadora, você falou dos feedbacks e das questões assim, quase que mínimas mas que fazem uma grande diferença né? Do retorno delas, delas falarem de alongamento, de aquecimento de voz, de corpo, como que você observava de fora ou fazendo de dentro, que enfim, foi bastante rico...

Gabriela: Quando eu me inscrevi nessa oficina eu não esperava participar da oficina, eu esperava ser ouvinte só, mas eu acredito que como teve uma procura pequena, né? E assim precisava de mais pessoas para fechar eu acabei participando. E o tempo inteiro eu fiquei tateando, o quê que eu poderia fazer, como falar, sabe? Porquê...

André: Assim como eu também, todo mundo...

Gabriela: É... porque assim, é um grupo que infelizmente a gente não tá acostumado, não é do meu convívio, é do meu convívio acadêmico, mas não é do meu convívio pessoal. Então

ali eu tava me mostrando para um público que eu não conhecia, e como tratar? Como olhar? Sabe? Como... Naturalizar de uma forma que não seja preconceituosa...

André: Ou julgadora...

Gabriela: Ou julgadora... porque querendo ou não, a gente tem isso na gente...

André: É tão enraizado, né? tão lá de trás, que no próprio discurso às vezes a gente falha, sem querer acontece...

Gabriela: E a gente luta contra isso, mas às vezes a gente não tá tão atento como deveria, sabe, então o tempo inteiro eu não baixei a guarda, eu fiquei sempre muito atenta, sabe? De como me relacionar, e eu achei muito interessante, que eu acho que depois se a gente tivesse tido mais tempo para conhecê-las, eu não teria mais esse medo, eu já ia ter entendido como seria a postura necessária, sabe?

André: E teria se familiarizado também né? Porque tudo é questão de vínculo e de confiança, e é isso... Mas fala mais específico assim de como que você observava como as práticas teatrais às vezes geravam alguns conflitos...

Gabriela: Uma da que mais me marcou foi uma que a gente dava voltas na sala e tinha velocidades diferentes, né? Velocidades bem diferentes e que você ia numerando 1, 2, 3, 4, 5. E quando você batia palma tinha que olhar nos olhos da pessoa que tava passando por perto até ela sair do seu mapa de visão, e eu percebi que elas tinham uma restrição muito grande a isso, até entre elas. Se eu que era uma pessoa de fora já senti, e percebi que entre elas também não tinha uma familiaridade, eu não entendia eu achava que elas eram tímidas, e é uma coisa normal, mas depois na hora do feedback eu fiquei assustada de ver como foi, né? Que elas falaram que elas não são acostumadas a olhar nos olhos.

André: E serem olhadas é uma coisa que incomoda, né?

Gabriela: É, quando você perguntou porque elas tinham esse medo de olhar, elas falaram que sempre que elas olhavam elas eram julgadas, como se elas tivessem seduzindo, como se elas tivessem fazendo de uma forma que não fosse bom, porque a família falava: “não faz isso, não olha, não provoca!” Então assim, a pessoa deixa de transparecer o que ela é, sabe? e tenta o tempo inteiro, se disciplinar, se castigar, porque o quê é o olhar? É o seu contato

com o outro, se elas não podem ter um contato com o outro, o que são elas? Como que elas se constroem o tempo inteiro, e é uma coisa que eu nunca imaginei, que fosse tão dolorido.

André: E é interessante observar como que uma prática até corriqueira no teatro, todo mundo na verdade tem um certo bloqueio no olhar né? A gente tá cada vez mais voltado para si mesmo né, olhar no olho do outro é quase que raridade, mas no teatro isso é um exercício básico né, de se olhar, e como que isso já despertou traumas nelas, bloqueios fortíssimos.

Gabriela: Sem contar no cuidado com a voz, o cuidado com a própria voz o tempo inteiro, igual eu não baixava a guarda de medo de falar coisas erradas e às vezes olhar de um jeito errado que a gente tem que se cuidar no início, elas tinham medo de falar de um jeito errado, de deixar a voz, o cuidado com a voz, aquele dia que teve o treinamento, elas falavam: “ah, não me sinto confortável, porque não é o tempo inteiro que eu consigo fazer a minha voz ser feminina.” E ao mesmo tempo os movimentos de alongamento que não podiam ser os mesmos, porquê como que um órgão masculino escondido, né? “aquendo” né? Permite fazer qualquer movimento? Sabe? Então é uma coisa que assim, é uma dica até para as próximas... ver quais movimentos são mais interessantes, mais adequados, né?

André: Era justamente isso, né? Você acabou até lembrando outras coisas. Pra fechar assim, né, recentemente a gente teve uma grande conquista aí, né? As transgêneros, travestis e transexuais podem usar o nome social dentro da UFU né, foi uma aí uma conquista durante a semana de visibilidade trans, e eu queria saber assim o quê na sua visão, como pessoa cis, o quê que você acha que ainda deve ser conquistado em relação às pessoas trans?

Gabriela: Eu acho que a gente ainda vai caminhar para ter um banheiro só, sabe? Precisa ter, por que na nossa casa tem um só, por que dentro da UFU tem que ter um masculino e um feminino? Dentro no avião, tem um só, sabe? Então assim, se a gente criar a demanda que não precisa do gênero pra usar um banheiro vai só abrir portas pra elas, porquê são nessas coisas que elas ficam marginalizadas assim, nesses ambientes, porquê o nome social o tempo inteiro como não era reconhecido, as portas estavam fechadas, elas não se reconhecia parte, né? Mas tem muitas coisas envolvidas também, né? Tem a consciência de gênero que ainda não é trabalhada na universidade, são só os cursos de humanas que se sensibilizam, então quer dizer que pessoas trans só podem fazer cursos de humanas? Sabe? Pessoas gays e cis tem problemas em cursos de exatas aqui dentro, sabe? Então tem que abrir essas portas também, tem que ocupar todos os espaços, porquê é pra isso que serve a

universidade, para as pessoas aprenderem a conviver, além do conhecimento, sabe? Pra isso que servem as cotas, pra isso que servem as festas, pra você aprender a conhecer o outro, num universo de pensamento, não só o quadradinho do seu curso.

André: Do igual você partir para o diverso, pra diversidade.

Gabriela: Isso.

André: É, eu acho que é isso, foi muito linda a sua fala, muito importante, eu te agradeço.

Gabriela: Ahh... que isso!

5. Entrevista com Thiago Crepaldi

André: Como foi a oficina de teatro para você?

Thiago: Primeiramente o interesse em participar da oficina, foi ver de perto como que as pessoas trans reagiriam dentro de uma oficina de teatro a partir do momento em que todo dia elas vestem um papel e saem na rua. Então eu queria viver isso, estar dentro para ver isso. Eu tive uma experiência de oficina de teatro na escola, também foi curta um mês, então tinha também o interesse em participar da oficina enquanto participante mesmo, integrante da oficina, pelos exercícios, pelas atividades para desinibição, etc... Mas quando eu entrei eu não sabia de fato que eu ia participar enquanto integrante da oficina, eu achei que eu ia só registrar como um ouvinte, estar ali só como espectador, daquela oficina. Mas desde a primeira aula acabou que eu percebi que o movimento não era esse de estar fora para olhar, teria que estar dentro para viver junto e olhar junto e registrar então foi uma experiência, apesar de curta, muito interessante. Tanto é que na primeira aula uma aluna perguntou se eu era cis ou trans e pela minha resposta ela já me chacoalhou e falou: você não entendeu a minha pergunta. Então havia algumas coisas que eu achava que sabia e na verdade eu não sabia, talvez eu ainda não saiba e a oficina, participar dela gerou esse movimento.

André: O que você achou da proposta de haver uma oficina de teatro voltada especificamente para o público trans?

Thiago: Eu achei a proposta ousada e me gerou muita curiosidade para saber justamente como que essas pessoas reagiriam a outros papéis, incorporar e vivenciar outros papéis e parece que é um jogo, uma brincadeira ao mesmo tempo... nós vamos fazer uma oficina de teatro para trans, mas elas já são teatrais na minha concepção, a partir do momento em que elas se vestem com um papel, um personagem, um personagem que tem nome, tem voz, e ao mesmo tempo eu enquanto cis também visto um papel, todo dia quando eu saio também tô incorporado num papel, seriam as personalidades talvez...

André: Mesmo que inconscientemente...

Thiago: É, exatamente. E talvez por ser um público trans, isso veio mais visivelmente para mim, e ao longo da oficina eu fui vendo que eu também tinha os meus papéis, as minhas outras personalidades. Me causou curiosidade, eu achei assim, muito ousada a proposta.

André: Então você acha que todos nós performamos as nossas identidades?

Thiago: Com certeza, com certeza.

André: Qual a sua opinião sobre a condução da oficina?

Thiago: Eu achei que... eu participei só uma vez na escola de uma oficina, e eu achei que foi bem parecido assim, a seriedade, o compromisso, até certo ponto um movimento para a união do grupo, eu acho que foi bem conduzida assim eticamente, respeitoso, acho que a condução foi favorável para que a oficina acontecesse. Acho que tinha que ser assim, se não fosse assim, não seria. Acho que foi bem por ai...

André: E você aponta alguma falha ou alguma coisa que você sentiu falta sobre a oficina?

Thiago: Talvez a continuidade dela, talvez cada um tem as suas dificuldades de horário, de espaço na agenda e etc., mas eu acho que a falta da continuidade, acho que foram poucos encontros, mas mesmo nos poucos encontros acho que foi favorável, deu pra sentir e ter um pouco da experiência. Mas poderia ser mais assim... eu sei que teve que cortar no meio, que a ideia não era finalizar antes, mas eu não sei se a quantidade de pessoas influenciou, eu não sei avaliar assim... se tinhama poucas pessoas trans... não sei avaliar, acho que não é bem a quantidade, mas talvez se tivessem mais pessoas, o grupo teria mais ânimo para continuar.

André: Teria dado uma motivação maior, e um estímulo maior...

Thiago: Tanto trans-homem quanto trans-mulher...

André: É, no caso nós só tivemos mulheres trans. Se a oficina acontecesse novamente, numa outra oportunidade, qual sugestão você daria para o seu formato?

Thiago: É muito difícil, não tem uma referência assim... não sei...

André: Por exemplo, se ao invés das pessoas terem que ir à UFU para fazer a oficina, se ela fosse realizada em outro lugar, ou se o horário fosse diferente, esses fatores...

Thiago: Eu to pensando na questão de ser à noite, mas tem muita gente que trabalha...

André: Tanto de dia, quanto à noite...

Thiago: Talvez pelo público ser... tem um público alvo, mas não é universitário, não tem os mesmos horários que a gente tem. Então talvez seja complicado por conta disso, talvez num final de semana... não sei... sábado de manhã, ou sábado à tarde... Mas eu gostei muito da

ideia do registro... a ideia do caderno foi bem interessante, e cada um pode expor da sua maneira, na sua linguagem, acho que é uma ideia que poderia continuar...

André: Inclusive a contribuição que você deu foi maravilhosa, eu sei que você não voltou depois que fez o protocolo mas eu mostrei para as meninas, e todo mundo elogiou, achou muito caprichoso e muito criativo também porque você incluiu fotos...

Thiago: Eu acho que a ideia do caderno foi bem legal...

André: Essa coisa de levar pra casa, e cada um reflete sobre...

Thiago: E depois compartilha, eu acho que a ideia do caderno foi legal... mas eu acho que é isso, o horário à noite eu não sei se foi o ideal, durante a semana, talvez num final de semana pudesse agregar mais pessoas. E às vezes se fosse por exemplo num espaço que já agrupa o público trans, por exemplo o Shama, ou o “Em cima do Salto”, fazer uma parceria também eu acho que seria interessante, uma parceria com esses grupos que atendem mais efetivamente, não só, imagino que você tenha convidado...

André: Sim...

Thiago: Mas, tornar parte de modo que as reuniões que o grupo teria fosse a oficina, que não fosse em um outro horário para além do que elas já têm agendado e teria que ver como é a dinâmica do grupo que está querendo uma parceria.

André: Então, as perguntas acabaram, mas eu queria te perguntar qual é a sua percepção em relação ao comportamento das pessoas trans durante a oficina, você falou de papel, que elas interpretam um papel, que ela constroem corporalmente, vestuário, psicológico, voz... então eu queria que você relacionasse isso com as práticas do teatro que a gente vivenciou junto, algumas coisas que você presenciou, se você lembra alguma coisa que te chamou a atenção nas aulas, entendeu? Teve uma aula muito legal que você tava, que você registrou bastante, inclusive são os registros que a gente tem, das improvisações, dos alongamentos, do aquecimento, queria que você lembrasse de algumas coisas que aconteceram que você pode observar...

Thiago: Eu acho que a oficina de teatro, a partir das várias atividades eu acho que ela nos proporciona enquanto alunos um conhecimento maior sobre o nosso corpo, e aí enquanto sujeito trans, eu acho que elas precisam desse elemento, conhecer o próprio corpo. E aí, as

limitações e os desafios que às vezes nas atividades surgiram, por exemplo todas as atividades me chamaram a atenção, porque era uma coisa nova, então todas as coisas, primeiro foi a atividade de fazer uma massagem no pé, e aí você perguntou como estávamos sentindo o nosso pé, e uma falou: continua grande. E aí fora dali eu comecei a reparar nas mulheres, tem mulheres que também têm os pés grandes, mulheres cis com o pé grande. Então a oficina gerou essa perturbação e aí proporciona a quem está participando a ir além do corpo que ela conhece, ela passa a conhecer o próprio corpo.

André: Então você está falando que de certa forma há um conflito?

Thiago: É conflituoso, é...

André: Porque é outra relação que você estabelece consigo e com os outros...

Thiago: Mas eu acho que é isso mesmo, a oficina voltada para o público trans gera conflitos, e aí teve uma outra dinâmica que era um alongamento com a perna e aí uma comentou: ah vai deslocar o órgão, o órgão genital. Então isso é específico do público, delas, é específico delas e aí o conflito vem a partir do momento em que você se desafia a fazer um movimento que gera um constrangimento. E nas improvisações, você chamou muito bem a atenção a dificuldade em se desligar do papel que ela investiram, que muito difícilmente elas conseguiam sair de si e viver um outro papel, e eu enquanto participante cis eu já senti que legal, eu posso viver outros papéis e elas também podem ser, e eu acho que a oficina no meu modo de ver, possibilita romper uma amarra de gênero que elas carregam, uma marca de gênero tão forte e estereotipada, que é o ser mulher, estar mulher o tempo inteiro. Então eu acho que a oficina flexibiliza essa personagem, e eu acho que o ser humano ele é flexível, eu acho que infelizmente no processo que a gente está vivendo, as trans estão muito fixadas num determinado papel, elas querem, elas desejam ser de uma determinada forma que no meu modo de ver o ser humano vai para além dela, eu acho que a oficina tem potencial para mostrar e deixar o sujeito vivenciar essa flexibilização dos personagens que a gente pode incorporar e viver durante a vida.

André: E às vezes elas ficam muito presas, nessa ideia de “eu preciso ser mulher”, “eu preciso parecer”...

Thiago: Eu entendo essa necessidade, eu entendo essa necessidade...

André: E às vezes quando eu falo: “vocês podem ser quem vocês quiserem, inclusive homens, crianças, velhos, mesa, cadeira, computador, tudo que vocês quiserem, árvore” tudo né? E realmente foi uma coisa que eu observei muito forte, e conversando com você através da entrevista eu tô realmente confirmando...

Thiago: Mas eu acho que pra mim foi tipo assim, eu estou no caminho certo, é a possibilidade de ser plural. Eu acho que as atividades, os exercícios, o reconhecimento do próprio corpo e das limitações proporcionam isso, a gente poder conhecer mais e trabalhou muito a questão da confiança no outro, o olhar, segurar, esses exercícios são bem interessantes.

André: E da dificuldade de se olharem, e de serem olhadas...

Thiago: Olhar frente a frente, sentir o outro, perceber o outro.

André: Ok, Thiago, acho que a nossa entrevista foi bastante produtiva.

Thiago: Eu também achei, foi muito boa.

André: Obrigado pela atenção.

Thiago: Disponha.

6. Entrevista com Lila Monteiro

André: Eu queria saber mais a respeito da visibilidade trans de uma maneira geral, você que se considera trans, você que é trans, na UFU ou nos meios que você trabalha, ou enfim, não sei se você trabalha, você trabalha?

Lila: Eu faço estágio.

André: Você faz estágio... enfim... na rua, como que você pensa a sua questão relacionada com outras pessoas que, enfim, tem a necessidade, sentem a necessidade de vestir roupas femininas, de mudar o cabelo, de usar maquiagem, como que você pensa a questão dessa visibilidade em específico.

Lila: Então, eu não sei se to entendendo exatamente o que você quer dizer, mas o que eu acho da visibilidade trans é que a grande importância dela é porque muitas pessoas trans não conseguem se reconhecer enquanto trans pela ausência dessa visibilidade. Então é só a partir do momento em que vê sujeitos trans é que a gente consegue se reconhecer neles, e a semana de visibilidade trans na UFU acontece muito em função disso. Porque foi na primeira semana de visibilidade trans que a partir do momento eu vi uma mulher trans que eu pude me reconhecer, e daí por isso que eu me empenho na construção desses espaços de visibilidade, porque eu converso muito com gays, com muitas lésbicas e muitas vezes a gente vê que essa pessoa não está feliz nessa condição, só que ela não se reconhece enquanto trans por que ela não sabe que isso existe, ela não sabe que isso é possível, ela não sabe que ela pode ser trans, enfim, ela não nunca leu sobre, ela nunca viu na televisão. Então a partir do momento que as pessoas trans estão completamente excluídas de todos os lugares de representação, teatro, música, televisão, novela, cinema, enfim... de todos os lugares né, a gente não vê as pessoas trans e quando a gente vê, a gente vê numa estigmatização que é a da prostituição. Então, pensando na nossa realidade, enquanto universidade, enquanto universitários eu acho que a realidade da prostituição está muito distante de nós, muitas das vezes, então a gente não consegue olhar para aquele sujeito que tá na rua, que tá se prostituindo e falar assim: “nossa, essa pessoa é que nem eu”...

André: Ou “eu quero ser” né?

Lila: É, se identificar a partir daquele sujeito, então é preciso que se apresente novos tipos de pessoas trans, não que aquela pessoa trans não seja uma pessoa trans, ou que ela é uma pessoa trans pior, não é nada disso. É só que, a gente precisa que as pessoas trans sejam vistas, mas não só um estigma ou um tipo de pessoa trans, mas que todas essas pessoas trans sejam vistas na maior pluralidade que exista...

André: Diversidade...

Lila: É na maior diversidade, para que todas elas consigam se reconhecer e se ver nesse grupo, se vejam na transgeneralidade. Essa é a importância da visibilidade trans.

André: E agora eu queria que você falasse mais a respeito, porque uma coisa que me chamou a atenção, eu e minha orientadora assistimos a sua fala na abertura da semana de visibilidade trans, e uma coisa que ficou muito forte foi você falar que não necessariamente, por você ser trans, você tem que vestir roupas femininas, mudar seu cabelo, tirar a barba, essas coisas. Eu queria que você falasse mais a respeito desse assunto, porque eu converso com a minha orientadora que existe um estigma da pessoa trans ser aquela pessoa que quer mudar de sexo a todo custo e de negar o órgão genital. E o que você fala vai um pouco contra esse estigma né?

Lila: Não é exatamente contra, porque esses sujeitos trans também existem, são uma categoria dentro da transgeneralidade. Agora, a questão é que a gente não pode ver a transgeneralidade pela ótica da modificação corporal, porque apesar dela ser isso também ela é muitas outras coisas. Então, eu falo muito isso em função das pessoas trans não binárias, porque essas pessoas têm dificuldade de encontrar elementos de identificação, quando a gente pensa por exemplo as mulheres trans, tem essas mulheres que tem o desejo de fazerem a cirurgia de transgenitalização e tem as que não tem. As que tem o desejo ganham mais visibilidade, ocupam mais espaço, até porque elas têm mais demandas jurídicas, políticas, demandas no cunho da medicina. Até eu estava na medicina em um espaço e eles pensam basicamente que só é transexualidade, ele na verdade não adotam a palavra transgeneralidade, porque as demandas do movimento trans para a medicina são muito mais ligadas à modificações corporais, e aí erroneamente a gente tem a palavra transexual ligada às modificações corporais quando isso na verdade é falso, porque não necessariamente uma mulher transexual quer as modificações corporais ou alguém que quer as modificações

corporais é imediatamente transexual. É muito difícil separar essas pessoas, eu na verdade não separo quem é transexual, quem é travesti, ou enfim...

André: Que são os transgêneros....

Lila: Eu falo que existem mulheres trans e homens trans...

André: Pronto.

Lila: Não é pronto, porque a gente não pode ficar nisso. Porque o que acontece é o seguinte: dentro do campo das mulheres trans, as travestis são marginalizadas e as transexuais são mais bem aceitas. Então é preciso revindicar e ressignificar o termo travesti na medida que é necessário que se subverta o entendimento que tem dentro dele. Mas o ideal na verdade é abandonar essa distinção de transexual e travesti e fazer com que todas fossem chamadas de travesti, só que essa palavra também é problemática. Aí é muito difícil pensar porque essa distinção existe na classe das mulheres trans e essa distinção não existe na classe dos homens trans, porque não existe o homem transexual e o homem travesti. Todo homem trans é homem trans, mas porque que o grupo das mulheres trans se divide? Essa resposta é muito difícil, porque ela é histórica, ela tá ligada a uma questão de gênero, ela tá ligada a uma questão médica de possibilidade cirúrgica, e ela tá ligada a uma questão de classe e de prostituição que faz com que essas duas categorias nas mulheres trans apareçam, o que é muito curioso porque essa identidade da travesti só existe no Brasil e em poucos países da América latina.

André: Interessante...

Lila: Não existem travestis em outros países, então é uma coisa muito nossa. E daí de pensar do porquê que surge aqui.

André: É mais América Latina né...

Lila: Na verdade na América Latina é pouco, é realmente Brasil a travesti, é meio complicado... Mas eu não sei se eu te respondi, acho que eu fui pra outro campo.

André: Queria que você falasse mais de você, como você se enxerga no meio trans, se as pessoas trans te olham de um jeito diferente, se você sofre repreensões por ter essa personalidade de se vestir com roupas masculinas...

Lila: Ah é o vestir, o que eu falo é o seguinte: não é a roupa que faz a pessoa, é a pessoa que faz a roupa.

André: É, inclusive na abertura você falou que a sua roupa é feminina para você. A sua barba...

Lila: A questão é que, na verdade, depois de muito tempo dentro do feminismo, da desconstrução do gênero, a gente chega num lugar que não existe roupa de homem e roupa de mulher. Isso tudo é coisa da nossa cabeça né...

André: É tudo inventado...

Lila: É tudo inventado... Não existe característica masculina e característica feminina, o pênis não é de homem e a vagina não é de mulher. As nossas características que dão ao outro o direito de nos designar, porque esse negócio da roupa é uma coisa simples, mas isso está muito ligado ao corpo, porque na verdade é a mesma coisa de quando eu olho para um corpo com pênis e falo: isso é um homem. Ou seja a gente pega uma informação, um dado daquele corpo e partir daquele dado o outro vai fazer uma leitura do que aquilo significa. Então da mesma forma eu visto essa roupa, daí você olha para a minha roupa e fala que essa roupa é de homem então esse é o corpo de um homem. Ou seja, na verdade pouco importa, se é a roupa, se é o pênis, se é a barba. O que precisa mudar é esse direito que as pessoas cisgêneras acreditam que tem de determinar a partir de características da pessoa trans o gênero dela. Esse direito de dar significado para as características do outro.

André: As pessoas têm uma forte tendência a dar nome, sobrenome, a colocar tudo nas caixinhas... é isso?

Lila: Então, isso é verdade. Só que o problema não são as caixinhas, porque quando a gente chega nesse lugar onde o feminino e o masculino não importam mais, a gente precisa parar e voltar e olhar, porque as caixinhas não são problemáticas quando são os próprios sujeitos que se colocam nelas.

André: Ahh sim.

Lila: Entendeu? Então hoje pra mim não interessa, se eu tô vestida nessa roupa ou não, porque pra mim não existe roupa de homem e roupa de mulher. Mas muitas mulheres trans precisam estar vestidas numa roupa feminina, e elas querem isso, e elas têm esse direito.

André: Elas sentem desejo, essa vontade...

Lila: Não sei se é desejo, não sei se essa palavra fica bem desejo... Desejo, mas elas querem, acho que é mais vontade, é vontade, elas tem essa vontade, e daí elas tem esse direito porque as pessoas trans tem esse direito de serem cisgêneras, e tem o direito de serem o mais conservadoras possíveis dentro dos estereótipos de gênero.

André: Eu queria relacionar a sua fala com algumas coisas que aconteceram durante a oficina, inclusive eu acho que é o momento mais oportuno. Na oficina, algumas coisas básicas como alongamento, aquecimento, eu percebia que as meninas ficavam um pouco desconfortáveis. Por exemplo, uma aluna virou para mim um dia e falou no meio da aula que eu poderia pensar uns alongamentos menos constrangedores, porque a gente sempre faz alongamentos, uns alongamentos menos constrangedores. Aí eu fiquei pensando, porque será? Daí eu perguntei pra ela mas porque? E ela respondeu que era por causa do pênis, porque ela ainda não fez a cirurgia, é uma coisa que ela almeja, ela quer mas ainda não fez. E aí alguns alongamentos deixam em evidência algumas partes do corpo, e aí eu pensaria... Se eu tivesse um homem trans fazendo a oficina talvez o que incomodaria seriam os peitos, enfim... Queria saber como você vê essa questão das pessoas trans passarem por problemas no cotidiano, uma aula de dança, de teatro, enfim, no cotidiano de uma forma geral. Você acha que isso atrapalha muito a pessoa, ou você acha que isso pode ser levado de uma forma mais tranquila, você leva isso mais tranquilamente, como que é?

Lila: Então, a questão do genital ela acontece mais raramente porque são em poucas oportunidades que o nosso genital é mais exposto, porque a nossa sociedade esconde o genital o tempo todo. Então esse seria um caso, que você falou dos alongamentos...

André: Assim como uma praia ou um clube...

Lila: Isso. E também da questão dos banheiros né, que é o momento em que o genital tá mais em evidência, então são momentos sempre delicados, porque mexe com o tabu do sexo, e mexe com muitas coisas que são tabus na sociedade, mas eu acho que toda sociedade e

tudo que existe é pensado para as pessoas cisgêneras, então o Direito foi pensado para as pessoas cisgêneras, a Medicina foi pensada para as pessoas cisgêneras, mesmo que involuntariamente, até porque a gente não sabia que as pessoas cisgêneras existiam até as pessoas trans provarem isso, porque na verdade é isso né, as pessoas trans que provam a existência das pessoas cis, e eu acho isso o máximo.

André: São as pessoas cis que falam isso das pessoas trans...

Lila: Isso! Não são as pessoas Cis que nos diagnosticam como pessoas trans, somos nós que provamos que elas são cis e as desmascaramos, a gente desmascara uma farsa né? De que a cisgeneralidade é natural, eu acho que esse é o grande legado, de dizer da autonomia do corpo e de desmascarar a farsa cisgênera. Que até então vinha passando batida, né? E eu acho que muitas situações é muito constrangedor, e impede várias coisas, impede que as pessoas façam várias coisas igual você falou, na dança, o alongamento também foi pensado para as pessoas cisgêneras, ou para esses corpos cisgêneros que não se constrangeriam com exposição de seus genitais de certa maneira. Então, por exemplo, uma das coisas que eu nunca gostei de experiência minha, que eu nunca fiz, foi a educação física na escola, porque a educação física, na minha escola, naquela época também né, de mil novecentos e noventa, eu tenho o quê, 20 anos, na minha época – não sei como está hoje – mas os homens e as mulheres eram separados, os homens jogavam futebol e as meninas geralmente vôlei, queimada ou dançavam.

André: Ou não faziam nada...

Lila: Ou não faziam nada! Né, porque a educação física é pensada para o homem, então, como eu sempre fui mulher né? Eu sempre fiquei com as meninas, e aí a professora me impedia de ficar com as mulheres, só que com os meninos eu não aceitava fazer, então eu não fazia nada. Ela falava que eu podia ficar sentado se você quiser o tempo todo. Só que como eu sempre fui muito imperativa, eu nunca dei conta de ficar só sentado. Então essa relação minha com a educação física foi muito difícil, muito difícil, e na verdade isso é uma privação, educacional na verdade, porque eu não encaro a educação física como educação, e eu tenho uma birra tão grande que eu não considero isso nem como curso superior....

André: Risos. Aham.

Lila: Para você ver a minha raiva, é muito disso. É então, porque eles não pensaram teoria de gênero, então eles não são curso superior não, porque eles não se preocuparam com isso. Então, é esse o tipo de consequência, as pessoas trans ficam privadas desse tipo de exercício que é uma questão tanto educacional quanto uma questão do bem estar físico, que enfim, pode acarretar problemas, nesse caso eu acho que não necessariamente, mas eu acho que em outros casos eu acho que pode acarretar como a questão do banheiro. Muitas mulheres trans desenvolvem incontinência urinária, por segurarem em função de não irem no banheiro por vergonha, por medo de serem reprimidas, enfim... então eu acho que podem causar problemas de saúde, problemas de convivência social, enfim...

André: Frequentando o banheiro masculino elas podem sofrer violência e agressão verbal...

Lila: É... serem estupradas, né?

André: É... uma outra questão que eu queria perguntar pra você, em relação à oficina... Enfim o Teatro, inclusive lá na mesa que teve na abertura da semana de visibilidade Trans tinham algumas professoras pró-reitoras, tinha um professor da ufu, eu falei no final né? Inclusive quase todo mundo que tava lá falou.

Lila: Fiquei sabendo, foi uma troca de experiências.

André: É, tinha gente chorando, enfim... gente desabafando sobre os seus cursos, enfim... gente da medicina, falando que na medicina é um saco, que é um absurdo o tanto que os professores são preconceituosos, enfim... E aí eu na minha fala eu disse que ao contrário da maioria ali que estavam ali, eu não sofri nada por ser gay no meu curso.

Lila: Até porque, né?

André: Né? Porque o Teatro, ao contrário de muitos cursos, é um curso mais aberto, lá realmente não importa, se você é gay, se você é hétero, se você gosta de homem, se você é trans, eu não tive nenhum colega trans de fato, mas de fato é um lugar onde as pessoas podem ser tudo que elas quiserem né? Inclusive seres inanimados. E aí, durante a oficina eu expus isso para as alunas, eu falei: olha, aqui é o lugar onde vocês podem serem quem ou o que vocês quiserem e não se preocupar, para elas se soltarem porque eu senti elas muito presas e aí eu percebi que as alunas trans elas tinham uma dificuldade muito grande de entrar em outros papéis, não tô falando de papel como interpretar um homem, fazer um homem numa

improvisação, numa brincadeira, mas de fazer uma velha, de fazer uma criança, eu sentia que elas ficavam muito presas nessa construção que elas querem fazer de corpo, de voz, e no teatro a gente trabalha vocalmente, corporalmente, tudo em prol da gente se libertar de quem somos. Quando eu estou atuando não sou eu, eu brinco que sou outra pessoa, inclusive eu usava muito esse termo “vamos brincar”, e eu sentia algumas dificuldades até porque a maioria nunca tinha feito teatro, e isso é normal, mas eu sentia algumas dificuldades devida à essa construção que elas fazem para se distanciar do corpo e do universo masculino para ir para o universo feminino. O que você pensa? Você acha que isso é um problema, ou não é? Ou isso é coisa da minha cabeça?

Lila: Não, um problema isso não é né? Eu acho que isso não é um problema. Mas eu não sei, eu não gosto de teatro, porque eu acho que eu nunca consigo sair de mim. Sei lá, eu acho que a gente luta tanto pra gente ser reconhecida por quem a gente é que não tem porque a gente ficar saindo disso sabe? Eu não sei... eu acho que é um pouco de medo também porque eu acho que o maior medo de uma mulher trans é ser vista enquanto homem, então ela tem muito receio de fazer qualquer coisa que leve o outro a questionar isso. Então ela trabalha em torno da identidade dela o tempo todo, então eu acho que talvez seja isso, um pouco de medo de ser questionada.

André: É, eu entendo que é meio difícil você falar porque você não participou da oficina, eu estou realmente relacionando uma coisa com a outra.

Lila: Eu já fiz teatro uma vez, mas eu não gosto não. Sabe por que? A minha questão é mais particular, porque eu não consigo me colocar nem como homem e nem como mulher. Enquanto mulher eu me coloco para mim e com quem eu converso por mais de vinte minutos porque eu preciso de um tempo para explicar. E eu acho que o teatro é muito visual, e visualmente as outras pessoas não me leem como mulher, então no teatro eu vou fazer o que afinal de contas? Porque quando não se trata de uma coisa muito lúdica, todos os personagens são homens ou são mulheres, não se pensa no terceiro gênero, ou se pensa muito pouco. Sei lá, devem ser pouquíssimas pessoas peças que existem pessoas que não são nem homem e nem mulheres, assim, interpretando pessoas, fora que interpretam animais ou outros seres, outras coisas.

André: Mas tem, tem sim. Inclusive existem peças que trabalham diretamente com a questão trans.

Lila: Sim, mas é uma questão específica né? Já é pensando na questão trans. Não é o padrão.

André: E pra finalizar eu queria deixar bem claro que admiro muito você, seu engajamento, a força que você tem, inclusive a sua fala é forte, eu observei que você fala muito bem, e eu queria perguntar o que você, enquanto aluna trans do curso de Direito, o que você pensa como meio de modificação, de transformação, o poder transformador que você tem. Porque eu me descobri aqui assim, eu descobri que nós somos capazes de refletir e de fazer as pessoas refletirem também, e isso já é um tipo de transformação. É um trabalho de formiguinha. Qual são seus objetivos, seus planos, enfim se você pensa em levar isso pra fora da UFU.

Lila: Assim, levar pra fora da UFU eu levo porque eu não existo só dentro da UFU, eu existia antes da UFU e vou continuar existindo depois da UFU.

André: Desculpa, eu digo um mestrado, um doutorado por exemplo.

Lila: Sim, a ideia é que isso aconteça, são poucas as pessoas trans que tem a oportunidade de estar na graduação, e quando a gente tá aqui a gente assume uma posição de fala que dá um respaldo, que é o respaldo da academia, o que eu falo tem um pouco desse respaldo, dessa força da científicidade, apesar de eu negar tudo isso nas minhas pesquisas. Apesar de eu ser do Direito, a minha pesquisa é na Letras, faço pesquisa na área de linguística e eu pesquiso Teoria Queer, Judith Butler, Foucault, e tento casar isso com literatura, textos literários e direito e com a legislação vigente, então é um entrecruzamento. Na verdade a minha bolsa vai começar esse ano, o projeto se chama “O Sexo da Palavra”; é do professor Fábio, que é o meu orientador. Eu estou no escritório de assessoria jurídica popular da UFU, e lá nós temos um projeto que se chama Zona Livre que é o nome do nosso coletivo LGBT na faculdade de Direito, que é um coletivo bem informal pra discutir questões relacionadas às pautas LGBTs, e o projeto na assessoria jurídica é para atender o público LGBT em quaisquer demanda que ele tiver, é uma estratégia de criar um núcleo que esteja preparado para pensar, a receber essas pessoas, enfim, e de também pensar a atividades, enfim, coisas nesse sentido. E eu estou também no “Em cima do Salto” que é um projeto de extensão, e lá eu faço toda parte jurídica.

André: Que é o seu estágio?

Lila: Não... o meu estágio é na acessória jurídica. O Em cima do Salto é extensão.

André: Entendi.

Lila: E aí eu faço a parte jurídica das pessoas trans, alteração de nome, alteração do registro civil, esses processos, enfim. Daí, os projetos são esses, é tocar isso tudo, fazer um mestrado nessa área, estudando gênero, estudando teoria queer e tentando abrir a possibilidade da doutrina do direito dentro da interpretação das leis para que as pessoas trans sejam cada vez mais contempladas e muita militância para alteração da legislação que é necessária. A gente não consegue fazer tudo pela interpretação, acho que tem um bom caminho para se fazer com as leis vigentes, dá para transformar, mas algumas alterações legais são necessárias, daí a gente tem que correr atrás, mas não sei exatamente como, porque eu fazia parte de alguns grupos políticos, mas hoje eu não faço, nem de partido nem de movimento estudantil, então...

André: Eu acho que você já participa desse movimento, e esse movimento que organiza inclusive a semana de visibilidade trans, já tem uma força, tem uma visibilidade e já teve essa conquista agora do nome social...

Lila: É...

André: Fiquei muito feliz!

Lila: E foi unanime a aprovação.

André: Muito bom! E que venham outras, né?

Lila: É... eu acho que agora na Universidade o próximo passo é discutir o uso do banheiro que vai ser muito tempo, mas a próxima resolução que vai ser aprovada vão ser os banheiros unisex.

André: Que ótimo! Vai ser uma notícia nacional, né?

Lila: Com certeza!

André: Inclusive lá no teatro já é assim, a gente sempre falou que a parede que divide os dois banheiros deveria ser demolida! Tinha que ser um banheiro só.

Lila: É... mas a gente quer institucionalizar, eu acho que ainda vai demorar muito, mas nós precisamos começar, alguém precisa começar a falar disso, é cutucar a onça com a vara curta mas a gente chega lá na reitoria e faz né. Acho que vai ser isso. Na calourada também vão ter algumas atividades, com certeza!

André: Legal, enfim, muito obrigado!

Lila: Eu que agradeço!

André: Acho que eu já fui bem contemplado com a sua fala.

Lila: Já?

André: E eu queria agradecer por você ter se disponibilizado, eu sei que você está numa correria, e ter me disponibilizado esse tempo e enfim que a gente possa se reencontrar pela UFU e dialogar de novo, enfim quando eu for defender a minha dissertação de mestrado eu te chamo, viu?

Lila: Me chama! Você faz mestrado?

André: Eu faço mestrado em Artes Cênicas, e aí a minha pesquisa tá relacionada com o universo Trans.

Lila: Agora eu que vou te entrevistar! Porque? Porque isso te interessa?

André: É interessante porque, esse vai ser o começo de tudo na minha dissertação, quando eu era pequeno eu era uma criança bem afeminada, bastante afeminada inclusive, e com o tempo a minha mãe, a minha família, a sociedade, a escola foram me falando que isso era um jeito errado de ser e aí eu fui modificando o meu jeito, eu fui crescendo e na adolescência foi o momento que eu travei e aí depois disso eu encontrei o teatro que foi o momento em que eu me destravei, corporalmente, vocalmente, eu me tornei uma pessoa muito introspectiva e hoje eu sou o oposto disso e enfim, e aí eu chego no momento em que eu me assumi homossexual, em que eu senti a necessidade de falar para a minha família, isso eu tinha dezenove anos.

Lila: Quantos anos você tem?

André: Eu tenho vinte e quatro.

Lila: Nossa eu me assumi com quinze.

André: Que ótimo né?

Lila: Comecei cedo, e os seus tempos eram outros.

André: É... quatro anos já dá uma diferença boa. E aí o que aconteceu? A minha família me aceitou de boa, só que na fala da minha mãe nesse dia que é uma coisa que eu nunca vou esquecer, ela me falou o seguinte: "Olha André, eu te aceito do jeito que você é, mas eu não quero que a partir de agora você comece a se vestir como travesti, comece a se vestir como mulher." E é daí que surge entendeu? Porque essa reflexão me impulsionou a fazer uma pesquisa de identidade sexual na escola, que foi o meu projeto de TCC, que eu desenvolvi no PIBID. Na escola, eu sou professor de teatro e educação artística e aí nisso eu comecei a observar a escola, a observar alunos que estavam num momento de descoberta tanto homossexual e alunos que não se encontravam de maneira confortável no seu gênero. E aí disso eu começo a refletir e relacionar isso com a minha área que é o teatro, então surge daí. E o meu projeto de mestrado foca no universo trans, do transgêneros, e aí me veio a ideia de fazer uma oficina de teatro voltada para esse público, foi daí que surgiu.

Lila: Entendi.

André: E hoje eu penso também que a maioria dos meus trabalhos no teatro são personagens femininos, não só mulheres como travestis. Eu adoro ser mulher no teatro, eu gosto de me desconstruir no teatro, e essa vontade vem daí também. De trabalhar também com esse universo. Mas obrigado viu?

Lila: Eu que agradeço!

André: Adorei essa última entrevista, você me entrevistando...

Lila: Gostou?

André: Vai entrar com certeza!

APÊNDICE IV – Transcrições de Vídeos

(Vídeos em anexo no DVD na pasta Primeira Oficina de Teatro Para Transgêneros)

- **Transcrições de Vídeos da Primeira Oficina**

Vídeo de Aula 1

Michelle: Então não é fácil assim falar por telefone.

André: Eu tô vendo você com a camiseta do Martins, é lá que você trabalha?

Michelle: É, eu tô trabalhando lá. Eu saí duas horas da tarde de lá, fui pra ONG, Aí fiquei lá boa parte da tarde. Aí a gente veio pra cá, a gente se perdeu no meio do caminho, aí a gente veio pra cá.

Andressa: Você me buscou no serviço.

Michelle: É, fui buscar a Andressa no Serviço, mas é... principalmente quando eu tô conversando, às vezes a pessoa pergunta né? Que não escutou direito o que eu falei. Às vezes é porque, tem hora que eu tenho vergonha da minha voz. Por isso que foi muito bom.

André: Como é que é isso pra você, Flávia? Quando você vai conversar com as pessoas?

Flávia: A voz? É um problemão. Eu acho que toda trans mulher tem esse problema com a voz, porque... é uma... Algumas pessoas assim, em um certo grau quando se é menino, já nasce com a voz bem afeminada, né? Mas a trans mulher às vezes o hormônio não transforma a voz, entendeu? Agora o trans homem, já a voz fica bem grossa porque a testosterona faz um estrago bem grande. Aí a gente tem que estudar, a gente vai treinando, vai brincando com essa voz, mas eu já percebi assim: que quanto mais, por mais masculina que seja, a gente coloca pra fora, mas a gente vai conseguindo moldar.

André: Quanto mais projeta...

Flávia: Quanto mais projeta, você... Se você tenta fazer mais pra dentro, você acaba deixando ela mais masculina.

André: Entendi.

Flávia: Por isso que eu te falei que tinha que ter um curso só para trans, de teatro, porque se fosse grande... Porque aí a gente acaba querendo, é... usar também do curso para brincar e aprender essa feminilidade, com a voz, com os trejeitos... Porque a gente foi muito reprimida numa fase da nossa vida, a gente não podia expressar... Às vezes é uma coisa até natural mesma nossa ser feminina e tal, mas não podia. Então, teve uma fase da minha vida que nossa... Eu não podia rebolar de jeito nenhum! Eu até desacostumei! A gente acaba realmente...

Michelle: Minhas irmãs falavam isso pra mim...

Flávia: O quê?

Michelle: Minhas irmãs falavam: para de rebolar!

Flávia: Né?

Michelle: Meu pai também, né? Me cobrava muito os trejeitos, também... Mas é uma coisa muito difícil, porque acaba que a gente fica reprimindo aquele jeito desde a infância.

Flávia: Então, ser a gente mesma vira um trauma!

Michelle: Então chega na fase adulta, tanto é nesse exercício de olhar nos olhos da pessoa, eu lembro muito bem que eu tava no num clube, e eu tinha mania de ficar encarando as pessoas, até que a minha mãe me deu um puxão de orelha, falou assim: “Para de encarar as pessoas!” Desde então eu nunca mais esqueci!

André: O olhar então acaba sendo recriminado?

Michelle: É, tem que desviar o olhar, olhar pra cima, pra baixo, pro lado, e não olhar no olho da pessoa. Falou assim: “para de encarar!” É porque assim, parece que tá caçando encrena com alguém.

Jorge: Você vai falar mais alguma coisa?

Michelle: Não, não! Eu terminei, era só isso!

Jorge: Porque, falando sobre esse assunto de parar de olhar, às vezes tem gente que continua olhando né? Porque está interessada. Às vezes acontece, mas é mais raro. O mais comum é ser reprimido, aí desvia o olhar, ou você mesmo desvia o olhar, do que você poder ter direito.

Uma coisa que eu já percebi muito, tipo assim ah! Quando você tá andando na rua, aí no meu caso vejo um cara bonito, olho assim, e não é uma coisa que todo mundo vê. Aí todo mundo fica querendo olhar, achar onde é que você tava olhando, tentando te policiar o tempo todo, não é isso?

Michelle: Aham.

João: Aí tipo assim, é comum você estar andando na rua, aí o que é que tem? Tem gente bonita, tem gente feia, às vezes você nem tá olhando interessado, mas... principalmente mulher viu? Mulher olha demais, aí parece que todo mundo quer te policiar, o seu olhar, essa parte eu acho meio desagradável. Dependendo do cara é melhor olhar na cara da menina, do que não olhar mesmo!

André: E é interessante como é que, né? Acho que ficou muito claro, o quanto a gente está perdendo o hábito de olhar para as pessoas. Às vezes a gente não se sente à vontade quando alguém fica olhando direto pra gente, né? Olhar! Né, e nesse exercício de andar e olhar, eu percebi muito esse olhar fugidio, né? Esse olhar... Ah! Não me olhe, não me olhe, não me olhe... Que eu não acho que é uma questão de trans, não é porque tem pessoas trans aqui, acho que não é isso. Lá na minha oficina na Trupe de Truões eu percebo que é uma coisa da sociedade, olhar, seja quem for, olhar tá cada vez mais uma coisa intimista, pra você olhar a pessoa pela internet.

Jorge: Eu percebo isso também.

André: E nas práticas teatrais a gente vem percebendo que esse olhar ele tem se perdido muito. Esse olhar mesmo, né? As pessoas estão cada vez mais se relacionando pelos aplicativos, pela internet, pelo celular, enfim. Ou a gente tá deixando de conviver, né? E ficou muito claro isso pra mim. E a questão da voz, né? Eu também fui muito recriminado, porque quando pequeno eu era muito afeminado, muito. Até que a minha mãe foi... me tentando moldar pra eu ficar mais masculino, né? Mas eu era um garoto afeminado, eu era muito afetadinho, sempre era chamado de bichinha na escola, de viadinho, sempre fui muito estigmatizado com isso, cresci num ambiente que não era muito favorável. E a gente nasce, cresce nessa sociedade em que a gente não pode ser diferente, a gente não pode ser quem a gente quer, a gente não pode... E a influência feminina né? Eu fui criado pela minha mãe, claro que não tem nada a ver, mas a influência feminina era muito forte.

Michelle: A influência feminina na minha família também era desse jeito, era a minha mãe e mais três irmãs, não tinha nenhum irmão. E mesmo assim tendo só a influência feminina eu era muito cobrada.

André: Era você, mais a sua mãe e três irmãs, nossa!

Michelle: Então assim, elas ficavam me cobrando uma postura mais masculina.

André: E o pai...

Michelle: O pai ausente!

André: Eu também, pai ausente...

Michelle: Mesmo assim, não por isso, é... não tive aquela liberdade, né? De me expressar! Então assim, as minhas próprias irmãs me cobravam uma postura mais masculina.

André: E você Andressa? O que você achou?

Michelle: Se filma aí!

Andressa: Então, eu até brinquei com ele, realmente é difícil você... eu mesma ando na rua, pego o telefone, às vezes eu tô resolvendo alguma coisa, falando com alguém... Michelle até uma vez brigou comigo por que eu tava dando mais atenção pro telefone do que pra ela!

André: Hum!

Andressa: E assim... Eu me cobro muito isso porque eu vivo mais em função do telefone do que as outras pessoas, acho que eu converso mais com o telefone do que com o ser humano mesmo... E questão de família também, eu morava praticamente com os meus avós, com a minha mãe só... O meu pai, se eu tivesse contato com o meu pai, acho que três vezes acho que foi muito, durante praticamente vinte e quatro anos. E... é que essa questão do jeito de... eu nunca fui cobrada muito porque eu acho que eu não demonstrava muito isso. Agora que foi tudo... o povo já tá mais... Mas também eu, passo na rua, passo rápida pra ninguém me olhar, eu ando assim, como se fosse assim no número 10.

André: hum!

Andressa: Porque... eu acho que eu prefiro que ninguém me veja do que o povo ficar me olhando. Eu odeio que as pessoas mexam comigo na rua.

André: Essa coisa de você ser olhada na rua te incomoda...

Andressa: Incomoda.

André: Você ser observada isso te incomoda...

Andressa: Ou então ficar me chamando de menino, nossa! Isso me mata! Se quiser me matar é me chamar de “Ele”, nossa!

Vídeo de Aula 2

Michelle: Comigo até chegou acontecer isso né, de eu chegar em algum lugar, em algum ambiente e o povo ficar me tratando como se eu fosse um menino que se veste de menina. É, assim, eu acho que a voz é como se fosse uma identidade da gente, então a pessoa cresce assimilando que a voz mais grave, mais grossa é um homem quem tá falando, a voz mais aguda, a voz mais fininha é uma mulher.

André: E isso nesses exercícios de voz, você acha que isso... você se sente... Tô falando no teatro, vocês se sentem à vontade? Ou isso incomoda vocês?

Michelle: Ah, a gente se sente travada, é eu já fiz algumas terapias...

Vídeo de Aula 3

André: Como foi a primeira aula para vocês?

Jorge: Legal, assim, são bons, trabalha o corpo, né? Ajuda muito.

André: E você Flávia?

Flávia: Uai, normal eu achei, não tem muito... Assim, eu vim disposta a passar vergonha com os meus próprios preconceitos que eu tenho comigo mesma, porque nós somos os nossos piores inimigos. Né? Então assim, eu sei que tem muita coisa que eu minto pra mim mesma, que eu finjo assim, que eu tento não perceber, a questão da voz também, do corpo. Mas quando a gente chega aqui, né? A gente tenta ser um pouco mais madura, assim, falar não, eu sei que eu não sou do jeito que eu gosto, gostaria que fosse, não fico totalmente à vontade, mas isso vai aparecendo. Né? Quando a gente tá com outras pessoas, fazendo atividades físicas, porque a gente praticamente assim, cria jeitos onde a gente pareça mais feminina, né? Então assim, tem um personagem que eu visto, sou eu mesma, mas o meu jeito de ser que eu estou tentando criar um hábito, né? Quando chega aqui tem certas propostas que você faz que desconstroem, e outras constroem. Então assim, mas eu vim disposta a encarar. Então assim, o exercício de voz é um exercício que eu tenho a oportunidade de no meio das pessoas experimentar essas vozes que eu quero alcançar, às vezes não é nem tanto querendo fazer o exercício no intuito de aquecer e ir para onde você quer ir, mas de experimentar.

André: O quê mais?

Jorge: Bom, tá. Assim, eu canto também né, e assim, justamente igual eu tinha te falado, o meu lado mais feminino entra na música. Por exemplo, eu canto as duas vozes, eu canto falsete, apesar que todo mundo, mesmo quem, tem gente que não acredita, mas eu tenho umas músicas no *Youtube* tá, de eu cantando falsete. Mas é... existe assim, tem como moldar a voz, colocar a voz um pouco natural.

Flávia: (*afinando a voz*) Mas pra eu mudar a minha eu teria que falar assim em falsete?

Thiago: Em casa, em casa eu faço “vozinha”.

Jorge: Mas deixa eu te falar, só de você abaixar o tom da sua voz fica natural, tem mulher que tem a voz mais grossa que a sua.

Gabriela: A minha voz, eu não consigo afinar a minha voz.

Flávia: Mas essa voz sua é fina.

Gabriela: Não é...

Jorge: Mas você, deixa eu te falar, quando a pessoa está falando é diferente de quando eu tô ouvindo, você já gravou a sua voz pra ver como é normal e como é mais fina?

Flávia: Eu fico nervosa, eu já gravei já, mas não foi legal.

André: Ahh mas eu também quando ouço a minha voz eu falo assim: “não é a minha voz!”.

Andressa: Eu já insisti muito, pra afinar essa voz, só que começa a engrossar ela sem perceber, ela vai engrossando e aí você parece um homem falando.

Jorge: Mas deixa eu te falar, é assim, tem umas músicas que se trabalha no falsete geralmente eu canto com a voz normal, e às vezes geralmente eu canto no falsete, assim por prazer que eu tenho, é o meu jeito de ser. Então ficam vozes bem diferentes, depois vocês procurem no *Youtube*, que lá é melhor pra comparar. Mas eu acho que até o meu ser feminino viver mais nessa voz do que em outras, ele é meio virtual, entendeu? Não é que assim eu seja uma mulher, geralmente eu gosto de ser homem, gosto do meu jeito de ser. Mas assim, essa minha divisão de personalidade às vezes se remete a isso. E a voz realmente, igual ela estava falando, parece que você sente que treme lá dentro quando você ouve, parece que a sua voz é diferente da que você ouviu quando estava falando, mas é normal. Pra gente que...

Flávia: Quando a gente tá assim no ônibus, no meio da multidão, ai, ai! E você vai tossir aí você segura senão vai sair (*faz tosse com voz grave*).

André: Mas você fala assim, que o seu lado feminino é mais voltado para o lado artístico né? Musical?

Jorge: Não, não é assim... Logicamente eu acho que é o mesmo tanto, senão seria só feminino. Eu não perceberia esse...

André: Mas ele vem?...

Jorge: Ele existe, você tá entendendo? Aí tipo assim, eu não sei se é verdade, mas eu fiz regressão de memória e realmente eu cantava e era uma mulher. Mas eu gosto da minha voz,

de ouvir, mas eu já tive esses complexos de ficar falando, comecei a conversar, fiquei um bom tempo conversando mais fino, sabe quando o menino desafina? Mas acho que isso me ajudou muito pra cantar no falsete.

André: Não, mas é porque você me trouxe muito, assim, da minha vertente artística também, porque eu acho que todos nós temos um lado masculino e um lado feminino, independente do gênero todos nós aí um lado, né, seja qualquer pessoa. E o meu lado feminino ele vem muito pelo teatro, eu amo interpretar mulher, eu amo interpretar mulher. A maioria dos meus trabalhos, é porque eu faço mulher também sabe? E aí você falando me remeteu a isso.

Jorge: É, então, esse ser existe, no entanto, tipo assim, ele não é, como que eu te falo, ele... logicamente eu tive, pra começar a cantar eu tive vergonha inclusive de cantar, né? Até que eu tive que fazer conservatório e os professores não gostavam da minha voz.

Vídeo de Aula 4

Jorge: Homem quando é afeminado fala rápido, conversa fino e conversa muito. É... e homem geralmente quando é muito masculino ele conversa pouco e seco, então tipo assim, são muito homem. No nosso caso, que a gente tem essa influência que seja de nascença, que tem dentro da gente, ou foi influência do meio que também pode ser, acho que todo mundo tem um pouquinho, né? Até os héteros tem, então a gente procura alcançar aquele ideal, (*para Flávia*) que no seu caso é ideal feminino, né? Mas assim, não é porque eu esteja na sua frente, realmente, o que eu queria falar é que a sua voz quando você fala suavemente não dá para perceber... né? Agora...

Flávia: Mas é porque eu continuo sentada, e ela continua suave...

Jorge: É verdade, é verdade! Só que assim, eu não sei, já ouvi falar muito alto também, mas a todo momento que se fala mais suave, é porque na verdade você tende a falar mais pra dentro mesmo. O fato de você suavizar, você já começa a quebrar mais essas notas e você já começa a conversar mais contida, pra você afinar mais a voz pelo registro nasal, tudo fica mais livre, que é a parte do falsete.

André: Então, gente... alguém quer falar mais alguma coisa?

Thiago: Não, eu vou só compartilhar uma coisa, o meu interesse em vir é... tô vendo que vai ser super alcançado, como eu falei com o André, me chamou muito a atenção uma oficina de teatro pra trans, pensando justamente no que você falou. Todos os dias você está propondo vestir um personagem, sair pra fora e convencer as pessoas disso. Então, é... e se convencerem disso. E aí quando vocês falam é muito rico assim, tipo, uma oficina pra...

Flávia: Eu me sinto como Flávia, vestir o personagem entre aspas, porque tem trans que..

Thiago: Não veste...

Flávia: Não vê assim, entendeu? Eu tô tentando explicar que essa fala de vestir o personagem é muito... eu não me sinto. Mas é uma escolha de cada um, né? Se sou personagem sou mesmo, sou um objeto artístico...

Jorge: Você falou de personagem como referência para colocação do seu jeito de ser...

Thiago: Eu acho que é mais aberto, assim... Eu me sinto um personagem, eu vesti essa roupa com uma intenção, essa bermuda... eu tô atuando, eu quero representar alguma coisa. Eu quero ser, talvez um manequim que vestia isso, é mais amplo, sabe?

André: É, tem uma autora, né, eu tô começando a estudar ela, Judith Butler.

Vídeo de Aula 5

André: No caso aí fazendo um parâmetro com Trans e hétero, mas Cis, Trans, nas sexualidades, hétero, homo, bi, pam, enfim. Todos nós, seres humanos, é... performamos as nossas identidades. Então é... eu acho que é isso que você está querendo dizer, né? Eu performo, eu todos os dias eu percebo isso às vezes, eu acabo vestindo uma máscara pra viver em sociedade, que nem sempre essa máscara ela é bem aceita. E às vezes eu preciso vesti-la para conviver com as outras pessoas. Entende, assim? É mais assim essa coisa de eu ter que sair da minha casa, né, quando acordo eu tô lá né? Neutro, enfim, não sei, tô eu mesmo, né? Eu, André. E aí, por exemplo eu tenho que ir para um lugar que tem pessoas que eu não gosto, e aí eu tenho que ir lá, né? Vestir aquela máscara de “E aí gente, tudo bem?”, né? Ser assim, simpático e tal. Ou então de realmente, assim, as, né, o homem e a mulher são representações também, o homem, ele faz, o homem cis, hétero, ele faz questão de mostrar que ele é macho, isso é uma representação. Ele está representando essa ideia que a sociedade criou de que o homem tem que ser assim, e essa ideia ela anula todas as outras, todas as outras possibilidades.

Thiago: É... é negando o outro...

André: Né? Na sociedade tudo que tá fora disso é inaceitável, a própria mulher inclusive. Né? Porque é privilegiado hoje, enfim, desde sempre é o homem, o homem macho, alfa, reprodutor. E a mulher.

Michelle: O homem cis né?

André: É, o homem cis.

Flávia: Eu acho que se eu fosse uma mulher cis eu não teria, não teria muitas manias que eu tenho, assim eu acho que eu seria, talvez, um pouco mais desleixada, talvez fosse assim, bem neutra em questão de gênero, porque eu não teria sofrido o trauma de ter nascido com o corpo errado e ter que tentar amenizar isso agora. Né? Uma vez eu vi uma frase que é assim: quando a gente tem uma vara que tá embrorcada e você quer voltar ela pra ficar reta, você tem que embarcar para o outro lado, né? Eu acho que é uma coisa assim, se eu tava totalmente errada, agora eu tenho que ir no máximo pra ela voltar.

André: Legal você falar isso. Agora vou aproveitar assim, antes de falar da parte final eu queria falar de onde surgiu esse meu interesse, né... A minha pesquisa ela surgiu, quando eu

fazia a graduação em Teatro, que eu fiz uma pesquisa de teatro e identidade sexual na escola. Então eu observava as aulas de teatro do PIBID, eu era bolsista PIBID e eu observei as aulas da Josiany França lá no Canaã, quando o projeto tava lá, e vim aqui pra ESEBA depois que o projeto migrou pra cá, e aí nas aulas eu comecei a observar como que esses temas sobre sexualidade, sobre gênero, eles emergiam nas aulas de teatro, e também o comportamento dos alunos, nos recreios, no conviver ali da escola e nas aulas de teatro. Então eu observava os alunos que estavam ainda aí buscando a sua identidade sexual, né, a gente que convive em escola a gente vai observando certos alunos, alguns a gente até se identifica né, eu me identificava com alguns alunos...

Thiago: queria ajudar né?

André: É... e tipo, eu me via neles, assim, “Nossa! Eu vivi isso!, Nossa! Essa dúvida! Esse jeito!”, e a recriminação que eles viveram, então é muito louco quando você tá na escola, e começa... volta muita coisa, eu vivo isso todo dia, volta minha vida escolar todo dia. É... e aí eu escrevi o meu TCC, e como vinha muito “Eu” ali na pesquisa, eu comecei a trazer a minha memória, da minha vida enquanto aluno, enquanto filho, enquanto criança, adolescente pra dialogar com os autores, pra dialogar com o que eu tava vendo ali.

Thiago: Isso pra sua monografia?

André: É... isso pra minha monografia. E aí eu lembrei de uma passagem da minha vida que foi quando eu me assumi, tem várias passagens da minha vida, aí a passagem mais fatídica é quando eu me assumi homossexual, e aí quando eu me assumi homossexual aos dezenove anos, a minha mãe fala o seguinte para mim: “André, eu te aceito do jeito que você é, desde que você não vire travesti.” Então assim, a ideia, as mães elas tem essa ideia, os pais, eles até aceitam o filho ser gay, desde que ele não mude o comportamento, desde que ele não transpasse a ideia de homem e mulher. A partir do momento em que eu ouço isso né, eu começo a questionar porque que o gay é aceito, e porque um travesti, ou uma travesti, ou um travesti no caso de um travesti masculino. Eu ainda tenho essa dúvida, um travesti masculino, né, assim, no caso de uma mulher, enfim, do gênero feminino, mas que se traveste de homem, é... existe um travesti masculino?

Andressa: São os considerados “boots”, assim, não...

André: Como?

Michelle: “Boots”, os caminhoneiros...

Andressa: Os caminhoneiros...

André: Ahh sim...

Michelle: Pode-se dizer que é um travesti masculino...

André: Entendi.

Michelle: Porque tem a travesti feminina né, e tem o que tem o corpo mais masculino, assim, macho né?

Jorge: Geralmente o homem que se veste de mulher seria o travesti masculino, porque eles frisam primeiro o sexo, e a mulher que se veste de homem seria a travesti feminina, não?

Michelle: Não exatamente...

Andressa: Ao contrário.

Michelle: Ao contrário.

Jorge: Ao contrário?

Michelle: Porque travesti feminina, porque a mulher...

Jorge: Porque “Tra” vem de troca...

Michelle: Supondo, é um... assim, nasceu no corpo de homem, né? Assim, de homem não, até confundo! Assim nasceu com o corpo assim, masculino.

Thiago: Tem pênis...

Michelle: É! Digamos isso.

Flávia: Nasceu macho, né?

Michelle: É, nasceu num corpo masculino, aí quando cresce aí já quer características femininas, colocar uma prótese...

Flávia: Bumbum grande...

Michelle: E aí vai, assim, ela quer fazer tipo um meio termo, digamos... né? Tem as características masculinas, mas quer ter femininas também. Aí seria a travesti, feminina, porque muitas das vezes, acho que, grande... eu nunca vi nunca vi uma travesti feminina se identificar como homem, com exceção do Laerte, né? Laerte se denomina como a cartunista.

André: Aham...

Michelle: Já o travesti masculino, tanto é que essa ideia não é tão difundida assim, né? é meio incomum... É a pessoa que nasceu no corpo feminino, quer ter umas características femininas, tipo no jeito de falar, no jeito de andar, quer ter o cabelo curto, quer ter... sei lá! Quer ter músculos e por aí...

André: Por exemplo, um exemplo que eu acho que é... aquela....

Michelle: Mas não necessariamente quer fazer toda aquela transformação.

André: Aquela... Como é que ela chama, gente?

Flávia: Tammy? Tammy Gretchen?

Andressa: Tereza Brant...

André: Tammy, a Tereza... Elas são consideradas?

Andressa: Ela.. Ele... são pessoas que estão a se definir como trans homem.

André: Trans homem...

Michelle: Então assim, é natural da gente querer classificar tudo, né? Nem sempre tudo tem classificação.

André: Dar nome, né?

Michelle: É, colocar tudo dentro da caixinha... é natural da gente...

Flávia: Tereza é...

Michelle: Até facilita pra entender, pra aprender...

Flávia: Mas se ela quer se portar como homem, ela não é Tereza...

Michelle: Então né, digamos, Tereza... não sei! Tereza é...

André: Ela é o que ela é, né gente?

Andressa: É um caso extraterrestre.

Michelle: É um caso à parte, né...

André: Aí assim, só fechando aqui. Então essa questão do travesti ou da travesti, ela surge nesse momento em que eu me assumo, que eu começo a me questionar: “E se eu fosse uma travesti?”, eu seria expulso?

Flávia: Eu acho que elas pensam assim: “Como que um homem... Você nasceu com um corpo, um presente de Deus! Você é um homem, como que você se humilha a esse ponto de querer ser um mulher?”... Eu acho que é mais um machismo, talvez...

André: É... e aí eu começo a me questionar... E aí daí surge o meu projeto de mestrado, que é investigar, né? A performance, porque aí eu passo pela disciplina de performance que eu fiz na graduação, a investigar esses procedimentos com esse público né, que é tão assim, vendo de fora né, é um público que é às vezes, muito excluído da sociedade, assim. Você sente vontade de trabalhar... por exemplo eu vi na palestra da Daniela, não sei se vocês conhecem...

Michelle: Claro, eu tava na palestra.

Andressa: A gente que trouxe ela pra cá.

André: Ahh é verdade, foi o SHAMA que organizou... Eu fui na palestra da Daniela, você também estava lá né? E é justamente aquilo que me veio né? Porque ela trás muitos questionamentos, assim, né?

Michelle: É, ela questiona bastante...

André: É, ela bem brava! Ela é brava! Eu adicionei ela no... depois vocês adicionam, vocês tem ela no...

Thiago: Não...

André: Depois vocês procuram, Daniela...

Andressa: Daniela Andrade.

André: Daniela Andrade. Todo dia ela posta textos, assim, “tá tá tá tá tá... tá tá tá tá...” e ela conta a vida dela também e aí eu acompanho ela né, e ela é bem brava assim, nesse sentido muito engajada, muito né...

Michelle: Não é que ela seja brava, ela é simpática.

André: Ela é simpática.

Michelle: Só que ela cobra os direitos dela.

André: É...

Michelle: Porque tem muita trans que acha que reclamar por seus direitos é uma ousadia, digamos assim: “Nossa, você é doida de fazer umas coisas dessas, né? Abaixa sua bola!”, ela não, ela já não tem esse freio, ela sabe que ela tá no direito dela, né? Inclusive o namorado dela é advogado, né?

André: É!

Michelle: Então ela sabe...

Thiago: Ela se consulta sempre!

André: E ela, então ela, assim, trás muito assim a realidade de quem é trans hoje no Brasil, né? Dessa questão do nome, dessa questão da cirurgia, de frequentar o banheiro feminino ou masculino, de... né, os direitos de trabalhar, as oportunidades de trabalho que são escassas muitas vezes né...

Andressa: É sempre!

André: Então, é... e essa coisa de... por essa dificuldade acabar, muitas vezes as pessoas trans indo parar na prostituição. Né, isso... né, eu percebo que isso é uma realidade. Principalmente aqui em Uberlândia, é... né.. não podemos generalizar, mas assim...

Michelle: Não, assim, a gente não poderia até assim, é... prostituição é uma ocupação como qualquer outra.

André: Aham!

Michelle: Mas, é... o que a gente tá querendo lutar não é contra a prostituição, é contra que a prostituição seja a única alternativa, às vezes a trans gosta de se prostituir, e não tem problema, ela faz o que ela bem entende. Mas às vezes ela quer fazer outra coisa, ela quer ser médica, ou quer ser professora, ou quer ser faxineira...

Andressa: Ou quer ser advogada...

Michelle: Quer ser advogada!

Flávia: O problema é que assim, quem olha pra gente já...

Michelle: Já assimila com... com...

Flávia: Já nos coloca nesse nicho aí de sexo...

André: Coloca nesse gueto né?

Michelle: É... já nos assimila como uma pessoa que é... como se diz... que gosta de orgia...

Flávia: É... hoje eu estava pensando nisso, sabe?...

Michelle: Morro de vergonha dessas coisas!

Flávia: É nossa, tipo assim, nossa obrigação ser sempre muito sexualizada, eles veem a gente assim, e os homens independente do estado que eles estejam, nós temos a obrigação de aceitá-los sujos, mal lavados, casados...

Michelle: É, a última vez foi num sábado, eu tava indo para o horário de almoço, e eu fui no mercado comprar alguma coisa...

Andressa: Aquele que eu fiquei...

Michelle: É, ficou brava?

Andressa: Ahh não, mentira, aquele foi no terminal central.

Michelle: Ahh tá, esse é outro! Mas um cara assim tipo, de uma certa idade... Aí foi muito indiscreto como assim, já falava coisas que nem pessoas que tem muita intimidade comigo falam, já assim muito invasivo, acho que pode chegar na gente que...

Flávia: Aliás “Quem é você para me acusar né?”...

André: E aí o que ele fez?

Michelle: Então, assim, ele ficou perguntando tanta coisa assim né sobre mim, e eu me desvencilhando, aí falei assim: “Não moço, olha tô no horário de lanche, eu tenho que sair, tal..”. Saí!

André: Ahh então foi no trabalho?

Michelle: Não, na rua, né? Eu fui no mercado comprar um lanche, aí na hora que eu tava voltando ele me abordou e tal, aí ele foi perguntando se poderia ser meu amigo, aí eu falei: “Não, não, não”. Que a namorada dele era muito ciumenta, aí eu “Não, eu já sei onde ela conversa para né, eu não nasci ontem!”. Então assim, a gente tenta se desvencilhar, sabe? E lutar e a pessoa é muito persistente, ela vai querer saber, ela vai ser muito invasiva com você. E eu não gosto muito disso, assim, a pessoa às vezes chega na gente acha que a gente é porta aberta, é “oba, oba”, por aí pensa com aquela intenção de querer sexo fácil né? Então, muita chega assim...

André: É a Daniela posta muito essas coisas, que as pessoas chegarem nela na internet e falar: “E aí, tem web cam? Queria te ver, e tal, você muito linda, é muito gostosa”.

Michelle: Pois é, acham que... assimilam a gente com sexo fácil, mas não é assim... A maioria...

André: E a questão do feminismo né, dessa coisa da mulher, porque vocês são mulheres, mulheres como todas as outras, né, mulher cis, mulher trans...

Michelle: É... trans e cis é ser uma condição, mas antes de ser trans eu sou uma mulher...

André: Exatamente, então aí vocês acabam sofrendo as mesmas violências que as mulheres estão acostumadas...

Michelle: Mas um homem não vai chegar numa mulher cis assim tão invasivo, quanto uma mulher trans...

André: Ahh...

Michelle: Eu penso desse jeito, porque as vezes o homem vê que é uma mulher trans ele brinca: “você é um homem mesmo?”, Não! Eu não sou um homem, eu sou uma mulher, eles fazer cada pergunta indiscreta! Indiscreta mesmo!

Flávia: As pessoas geralmente com uma pessoa trans, elas assim, às vezes nem conhecem mas elas acham que tem que focar sobre a nossa genitália, que elas tem esse direito, que isso é uma coisa normal de...

Michelle: É... tem amiga que faz a cirurgia e aí perguntam, né...

Flávia: “Melhorou?”

Michelle: Não... “ahh qual é o seu nome, qual que é o seu nome verdadeiro mesmo?” Não... não mexe aí não... vamos mudar de assunto, vamos falar da tec pix...

Transcrições de Vídeos – Oficina 2

(Vídeos em anexo no DVD na pasta Segunda Oficina de Teatro Para Transgêneros)

Vídeo 1 – Cena 1

Miguel: Já tô no personagem. Quem te ligou? Foi você quem me ligou ou eu te liguei?

Théo: A gente tava falando pelo whatsapp, lembra?

Miguel: Mas aí eu te liguei porque eu não dei conta de falar pelo whatsapp.

Théo: Só depois. Só depois...

Miguel: Eu vou te ligar, perai aí... ligar de verdade!

Théo: Oi!

Miguel: E aí, primo?

Théo: Tudo bem “fi”?

Miguel: E aí, que que “cê” tá fazendo?

Théo: Ahh “fi” tô aqui morgando na cama, um saco ficar com tédio, não tem nada pra fazer!

Miguel: Ou, e esse vídeo aí que cê me mandou aí, que “cê” tava olhando?

Théo: Ou, “cê” viu velho? Cara, tipo, quando eu vi, eu pensei assim: “Como que ficou tão parecido?” Não, na hora que eu vi Oliver, aí eu falei: “Não, não é possível! Modelo? Trans? Como que isso aqui foi uma mulher um dia?” Eu tive que compartilhar isso com você, cara!

Miguel: Pois é, mas era menina mesmo, velho?

Théo: Pois é, cara, tava lendo, é menina mesmo, era menina e aí tipo, fez tratamento, parece, alguma coisa assim, fez cirurgia e ficou perfeito! Não parece!

Miguel: Nossa, engraçado é que eu fiquei muito empolgado com isso, que isso! Nem sabia que existia isso!

Théo: Não, eu também não sabia não, mas olha só, é... eu vou te passar um vídeo pelo whatsapp, você vai ver tipo assim, porque ele vai relatando desde tipo, do primeiro mês que

ele foi tomando até agora, sabe? Você vai ver, a voz mudou, o rosto, cara, tipo assim, eu não consigo olhar pra esse rosto e imaginar que isso foi uma mulher um dia!

Miguel: Tá, manda ele pra mim!

Théo: Só um momento, vê se foi?

Miguel: Chegou!

Théo: Olha aí, sério, não, vou ficar aqui na linha esperando, olha aí pra você ver!

Miguel: Nossa! Parece demais...

Théo: Ou... igualzinho...

Miguel: Ou, não dá nem pra saber!

Théo: Tô te falando! Ou, eu acho, na boa, que, nossa, sei lá, você já parou pra pensar assim? Eu vou te contar uma coisa, esses dias quando eu tava lá em casa, é... morando com o Hugo, você lembra? Porque agora eu voltei pra casa da minha mãe, né?

Miguel: Sei!

Théo: Então, eu tava lá em casa, e eu fui no mercado, e aí quando eu tava com uma blusa solta, e aí de repente eu percebi, lembrei que a minha mãe sempre me falava que eu andava corcunda, e aí eu parei pra pensar nisso e resolvi arrumar a postura, e aí na hora que eu arrumei e eu e a blusa me marcou, eu fiquei até tonto do incômodo que foi ver a blusa marcando os meus seios, cara, na hora eu percebi naquele momento o porquê que eu andei corcunda a minha vida inteira e nunca tinha dado conta! Eu gostei, eu quero saber mais sobre isso, quando eu voltar pra Uberlândia, cara, eu quero mesmo saber mais sobre isso, sabe?

Miguel: Ou, faz o seguinte, eu faço um trabalho com psicólogo lá e já faz um tempinho, se você quiser eu pergunto pra ele, e a gente já fala com isso, vou até chamar a Cida pra ir comigo, pra...

Théo: Não, demorou então, cê pergunta lá, porque agora eu tô sem fazer terapia...

Miguel: Não, eu falo com ele sim.

Théo: Tá então, ele é tranquilo?

Miguel: Ahh, ele assim, pelo menos comigo ele conversa, não sei se ele vai ser tranquilo quanto a isso, né?

Théo: Não, beleza, então, “vamo” fazer o seguinte: quando eu voltar pra Uberlândia, aí você vê se já falou alguma coisa aí, e me fala, falou?

Miguel: Não, então tá bom!

Théo: Aí me mantém informado, porque eu realmente, eu quero saber mais sobre isso.

Miguel: Tá eu vou falar com ele e eu te ligo!

Théo: Beleza então, tchau!

Miguel: Tá bom, tchau!

Vídeo 2 – Cena 2

Miguel: É... eu queria conversar com você uma coisa que eu tô meio confuso... Já faz um tempo já que eu queria falar isso mas eu não tinha coragem... É... então! É porque na verdade, é... eu não sou lésbica, eu me sinto um homem e eu queria saber se você podia me dar mais informações sobre isso, como é que eu poderia, é... fazer a mudança, porque eu vi, eu vejo vídeo, eu fico vendo vídeos eu mostro muito pra minha esposa e eu queria saber como que eu posso fazer isso.

Psicólogo (Théo): Olha, é... tem isso mesmo mas eu acho que você tem que ir com calma, é assim, tem que ir com calma, não apressar as coisas assim, não precisa ficar muito fixo nessa sua ideia não tá?

Miguel: Hmm... Como assim com calma? Mas... é... eu preciso saber alguma coisa pra... assim eu preciso pelo menos conversar com um psicólogo primeiro, pra vê se ele me dá alguma dica de onde eu poderia ir... e tal...

Psicólogo (Théo): Aham... não mas vamos fazer assim, a gente vai... vai conversando ao longo das vezes que você for vir, a gente vai voltando nesse assunto com calma tá? Não precisa apressar as coisas não tá? Então, na próxima consulta que você vir a gente vê se você quer falar mais sobre isso, mas não apressa as coisas não tá? Não fica pensando muito nisso não...

Miguel: Hmm, então tá bom, obrigado.

Psicólogo (Théo): De nada, até a próxima.

Vídeo 3 – Cena 3

Miguel: Pois é, amor... é... eu não quero mais voltar nesse psicólogo, porque eu acho que ele não vai me falar nada. É... na verdade ele me deu muito mais coragem pra ir atrás disso, ele me falou que eu não tenho que fazer, que eu não devo fazer, e na verdade não é isso que eu quero, na verdade eu quero saber mais sobre isso e eu vou ter que procurar alguém, eu não sei se você sabe de alguma coisa, mas eu acho que eu vou ter que procurar alguém.

Vídeo 4 – Cena 4

Théo: Eu ouvi mais ou menos lá, e aí?

Miguel: Olha, ele falou que tem um grupo aqui que chama NATTU,

Théo: Hmm.

Miguel: E que eu posso ir participando nas palestras pra ver se é isso que eu quero mesmo, se é assim que eu me identifico mesmo...

Théo: Aham.

Miguel: Uai, e cê vai comigo?

Théo: Ou.. eu quero! Quando que cê vai?

Miguel: Tá, mas é terça que vem já...

Théo: Ahh! Tá...

Miguel: Que foi? Parece que você ficou triste...

Théo: Não primo, normal “fí”...

Miguel: Ihh eu te conheço uai, porque que você tá assim?

Théo: Sei lá, é que tipo, é que tipo, quando a gente “tava” indo lá ver o laboratório e não “tava” funcionando lá e tal, eu não sei, tipo assim, eu “tava” empolgado e de repente eu desempolguei, e agora... parece que é a hora, é agora de novo, e tal, não sei acho que só assustei, porque até então enquanto isso eu “tava” enrolando não só a mim, mas acho que

“tava” enrolando todo mundo e a mim, e agora eu acho que não tem mais enrolação, agora é fazer aquilo que o coração tá sentindo isso, eu acho que assustei, velho! Mas.. ah! “Vamo”, “vamo” ver né?

Miguel: Não, mas a gente vai junto lá, e vai dar certinho, a gente vai junto e vê como que é, se der certo né, se a gente ver, se você ver que é isso mesmo que você quer mesmo a gente vai começar o tratamento, senão, aí fica, fica de você mesmo, fica a seu critério mesmo...

Théo: Não, tá tranquilo, de qualquer forma agora a gente já sabe com quem que a gente conversa, beleza?

Miguel: Beleza então, tchau.

Théo: Tchau.

Miguel: Tchau.